DESANIMO CONTAGIOSO

O desanimo é contagioso. Deve-se, por isso, distanciar-se sempre, das caras desalentadas, dos individuos que, molengos e sem vontade, vivem se encostando até na sombra dos outros. Levantam-se da cama como se não tivessem dormido e da mesa como se não tivessem comido. Nem mesmo um bello dia de sol os faz encarar a vida com um pouco mais de energia. Sempre ennublados, vivem abatidos e desalentados, com o aspecto de "cafeteiras" amassadas. Trata-se, geralmente, de individuos victimas de perturbações digestivas e desfalcados em saes de calcio. Basta regularisarem a alimentação e fazerem uso da deliciosa Candiolina Bayer, (dois tabletes por dia), para se sentirem revigorados, livrando-se, completamente, do desanimo que os acabrunha e contamina os outros... até por acção de presença!

ESMERILHANDO VALVULAS

Os motoristas preoccupam-se com toda razão de mandar esmerilhar, de vez em quando, as valvulas do automovel. Alguns aproveitam o dia de folga para fazer o mesmo com o seu proprio motor, tomando um laxativo que lhes refresca os intestinos. Identico cuidado periodico deviam merecer as vias urinarias, por onde são eliminados muitos residuos do organismo. Com o uso dos comprimidos Bayer de Helmitol que, dissolvidos em agua com assucar, se transformam em deliciosa limonada, lavam-se os rins e bexiga, eliminando os uratos nelles contidos. Deste modo estes orgãos ficam em melhores condições de trabalho, como acontece com as valvulas depois de esmerilhadas.

O Helmitol é um insuperavel medicamento contra cystites, pyelites, inflammações da urethra e como prophylactico contra varias doenças infecciosas.

O conto brasileiro

A Morte de Zarathustra

Dialogo entre dois personagens de Zola

* * *

— Em que pensas?
— Na vida.
— Para que pensas?
— Para morrer.
— E's tolo! Olha: lá em frente, bem defronte a nós, aquella flor desabrocha e cresce, vive e morre, perfuma e vence. Não pensa. Vive a perfumar o ambiente de escolhos e sujidades em que nasceu; e a belleza das suas côres contrasta paradoxalmente com os detrictos da fabrica. Mas não pensa. Não pensa e vive! E tu pensas... Pensas na vida para morreres de tedio...

— Para morrer de fome!

— De fome ninguem morre. De medo á luta, sim; morre-se de medo, com receio de matar!

— Pensas assim porque és só. Não tens, como eu, a responsabilidade de cinco cabecitas louras e o olhar enigmatico de uma linda mulher em cujas pupillas negras eu vejo o tratado mais perfeito de moral...

— Penso assim porque sou homem! Só, não vive ninguem. Repara ainda nessa flor: parece alli collocada a proposito para destruir o pessimismo doentio que te envenena a existencia. Ella vive a espalhar em torno o seu perfume suave, abandonadamente, e a todos offerece a sua côr plena de encantos, com desinteresse. Vive para as abelhas que vão sugar-lhe o calice, vive para nós, que nos deleitamos com o seu perfume e nos extasiamos com a sua belleza surprehendente! E eu? Por que luto? Sou só; não tenho, como tu, a responsabilidade de cinco cabecitas louras nem o olhar enigmatico de uma mulher que é linda... E luto, como sabes, na conquista universal da vida! Luto...

— Lutas porque queres...

— Luto porque sinto. Sinto nalma motivos desta luta para a qual sou impellido pelo fervor da minha vida moça. Vive em mim o corpo das idéas que sacodem meu ser agitado pelo impulso dellas, que vão cavalgando os corseis fogosos do meu temperamento.

— Eu tambem luto. Parece-te pouco a luta que a vida me obriga a sustentar?

— ... E soffres!...

— Soffro porque a vida é cara e os meus vencimentos são insufficientes. Soffres porque te resignas. Acceitas covardemente a tua situação de vencido, e, em vez de procurar as causas do mal, o porquê desse soffrimento, ficas a pensar na maneira menos vergonhosa com que has de enganar os teus credores...

— Não nos entendemos, meu caro; as nossas idéas são differentes...

— Bem sei: entre eu e tu ha uma differença que não é facil transpôr. Tu és o passado que agoniza no presente. O teu amor ás tradições, o teu respeito ao instituido fazem de ti um ser que se conforma com a vida, ainda que ella se passe agrilhoada á escrava condição de quem não tem direitos...

— E tu?

— Eu sou a rebeldia de todas as épocas, o ser inquieto e vivo que anseia, a cujo sopro a Humanidade se transporta para o Futuro!

— Que fazes quando estás, como eu estou, amarrado ao dever?

— A que chamas tu dever? Chamas dever ao preconceito absurdo de te submetteres pacientemente á tyrannia de uma serie de mentiras que te impingiram para poderem mais facilmente subjugar-te... Que faço eu? Protesto!

— Protesto! Palavra retumbante que não significa nada. Ou por outra: significa a passagem de um estado de coisas em que se está mal a outro estado de coisas onde se fica peor.

— O protesto é um motivo de luta. Nessa luta ha um motivo de vida. Impulsionada pela luta que tem a base no protesto, a Vida se arroja para o futuro, destruindo o Passado. O Passado é um fogo que se extingue. A's vezes sob a apparente tranquillidade de um borralho coberto pelas cinzas do Passado, ainda se alimentam os restos de um calor morbido e fraco, com o qual se contentam a decrepitude, a inutilidade e a impotencia; a mediocridade procura manter o calor dessa fogueira extincta, lançando nella as conveniencias do presente. E o Genio, o passado alado de azas sempre inquietas, percebendo a inutilidade do esforço em dar vida ao que morre, vôa para as regiões desconhecidas do inexplorado, a descobrir o novo facho que illuminará o Universo no presente que elle constroe! A's vezes o genio manifesta-se apenas no instincto; apontam a sua rebeldia como um acto de profanação, e elle, ainda crente, deixa-se amarrar com pesadas correntes á rocha symbolica, esperando, convencido que praticou um acto que não devia praticar, que uma aguia lhe venha comer os figados: — Promethéu! Outras, porém, ri-se ás gargalhadas, sonoramente, e vôa, batendo as azas, para o Infinito: — Ariel!

— Em nós toda a energia está morta: somos um povo de tarados, de *ex-homens!*

— Enganas-te. Como queres tu julgar um povo através do pessimismo que te envenena? O nosso povo é o mesmo de todos os paizes e de todas as épocas. Quando as causas que determinam os grandes movimentos de protesto se accumulam, a massa collectiva fórma então a avalanche que destroe para construir melhor. Onde tu vês o irremediavel, não ha senão incompetencia: onde vês incapacidade politica não ha senão deficiencia de interpretação.

— Não te comprehendo. Não sei o que queres dizer...

— Não quero dizer nada: quero que comprehendas tudo.

— Ha coisas que não comprehendo.

— Sobretudo, ha coisas que não queres comprehender. Dessa fraqueza do *não quero* vem a incapacidade do *não posso*. Incapaz de fazeres um esforço para comprehenderes alguma coisa, como queres tu comprehender coisa alguma?

— Que culpa tenho eu do meu fracasso?

— Tens a culpa do teu consentimento. Consentes em ser um escravo, quando podias ser um homem livre. Conformas-te com aquillo que te dão, ainda agradeces como se fosse um acto de caridade, quando

devias revoltar-te contra o jugo que te impõem, exigindo aquillo a que tens direito.

— Ora... o direito!... E' uma risivel mentira geometrica a servir de thema para os advogados!

— Até que, afinal, disseste alguma coisa com talento! Não te sirva, porém, de base, essa ironica linha recta da mediocridade!...

— Vives a tecer paradoxos, quando devias dizer-me coisas praticas...

— Não; isso, não! Não queiras insultar-me! O paradoxo é uma joia que não póde ser esmerilhada á porta de uma fabrica, onde só ha seres miseraveis que esperam um signal para se precipitar, com a pressa que têm de ser explorados; onde as nossas blusas, que deviam ser motivos de orgulho, denunciam a nossa covardia...

— Em uma palavra: tu queres que eu seja como esses fazedores de gréves, que vivem sempre nas malhas da policia...

— Eu quero chegar á conclusão de que a tua vida deve ser um acto de protesto. Em uma gréve não ha protestos, mas um protesto natural. Num determinado agrupamento de individuos em gréve ha individuos como tu, incapazes de um protesto individual, que escondem a sua covardia na coragem dos mais capazes. Ha-os tambem que apoiam, acceitam as gréves e, na hora do ajuste de contas, dizem, a tremer

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

de medo: "Não fui eu...!" As gréves se produzem, não as fazem; são determinadas pelos factores em desequilibrio. O que eu quero é que tu sejas um homem que protesta, não um grévista. O grévista aproveita o momento opportuno, á passagem da onda de protesto, para metter-se sorrateiramente nella sem ser visto; deixa-se arrastar covardemente, inconscientemente, sem dignidade alguma, sem brio: o homem que protesta é destemido, consciente, tem talento para defender os seus actos, não vive para as lamentações do pessimismo aniquilante que caracteriza os vencidos; vive para a luta, para a conquista! Ora, dize-me cá: que motivos tens tu para seres enfronhado desse pessimismo que trazes em todas as fibras do teu corpo organico?

— Que razões?! A Vida!

— A Vida? Dizes isso quando a vida é toda energia, força e movimento? Observa melhor! A vida em si, a vida animal ou vegetal, a vida dentro da natureza é toda vibração! Isso que vês com mascara de vida, ao teu redôr, não é senão o producto de um conceito pessimista. Mascaram a vida com a fantasia da dôr para fazerem deste mundo um valle de lagrimas onde vivem os rotineiros a derramar amarguras.

— E tu, não vives tambem nella?

— Eu, não. A minha vida paira nas altas montanhas do meu individualismo. Vivo da idéa, para o ideal. As inquietações, as dôres, as desordens da vida que vós, os fracassados, os mediocres viveis a lamentar, são apenas motivos de luta para a minha vida ideal. Vós procuraes sómente resolver a propria vida; eu procuro, neste anseio de perfeições para o meu proprio ser, resolver a vida humana! O meu individualismo é o collectivismo dos seres perfeitos que não podem viver sem luta, para estar dentro de uma verdade scientifica. Sou um protesto vivo que impulsiona a Acção. Ao sopro reivindicador das minhas concepções movem-se os mundos, ha derrocadas, desmoronamentos gigantescos de obras seculares, estrepitos revolucionarios, a derrubada iconoclasta do Passado para a construcção do Futuro!

(Ouve-se o apito da fabrica, que a hora para recomeçarem o trabalho.)

— Assim falava Zarathustra... mas no tempo de Zarathustra não existia ainda este signal de alarma...

— Este signal é uma consequencia da morte de Zarathustra...

SOUZA PASSOS.

O IDOLO

NOS dilatados vôos da sua poderosa imaginação, idealizou um altar... Artista perfeito, deu a essa ara idealizada um cunho todo original. Fel-a de sonhos, de chimeras... sem se olvidar, porém, de sua base, que foi firme, resistente, de argamassa verdadeira... Findo o altar, nelle collocaria o idolo, tambem imaginado...

Assim, com essa idéa, resoluto, andou o artista a correr mundo, em busca do ideal... Um dia, inesperadamente, encontrou o modelo architectado. Feliz, trouxe-o e o depoz no altar.

Passaram-se tempos de venturosos devaneios, até que, uma vez, de um modo brusco, a paz de seu espirito foi quebrada por cruel destino... Infrutiferos foram os seus esforços para vencel-o. Este se lhe apresentára inabalavel.

Cheio de dôr, o artista corre ao altar e atira-se, confiante, ante o seu idolo, o idolo de seu sonho, certo de receber amparo e consolo...

E é quando então, louco de espanto, vê ruir, tombando sobre elle e ferindo-o mortalmente, ao influxo das intemperies da vida, da realidade, — o idolo sonhado...

PEDRO PAULO FARIA ROCHA

SUL AMERICA

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

SÉDE SOCIAL = RIO DE JANEIRO.

RESUMO DO BALANÇO

1928 - 33º EXERCICIO - 1929

ACTIVO

Titulos da divida publica e de renda, no Brasil e Extrangeiro	44.387:825$838
Immoveis	25.953:122$583
Emprestimos sob garantias, caixas depositos em bancos, e outras rubricas	122.685:654$837
Total dos fundos para protecção dos segurados	193.026:603$258

PASSIVO

Capital e Reserva Technica correspondente a todos os contractos de seguros em vigor e outras reservas	177.693:620$639
Fundos apartados para attribuição de sobras e pagamentos a effectuar	7.878:072$631
Premios suspensos e outras contas	7.454:909$988
Total	193.026:603$258

UM ANNO PROSPERO

Novos seguros acceitos e pagos	281.538:500$000
Seguros em vigor	1.250.834:090$000
Receita	75.963:338$680

PAGAMENTOS A SEGURADOS E SEUS HERDEIROS

Pago a herdeiros de segurados fallecidos	9.756:642$598
Pago aos proprios segurados em liquidação de apolices vencidas, resgates e lucros	8.976:898$515
Total pago desde a fundação	182.113:811$002

Para seguros: Terrestres, Maritimos, Accidentes pessoaes, Accidentes no trabalho, Responsabilidades civis, Empregados domesticos, dirija-se á

SUL AMERICA, TERRESTRES, MARITIMOS E ACCIDENTES

Mesma administração da "Sul America"

A ECLECTICA

O BRUTO

(Continuação do numero anterior)

Jayme era o joven Steward.

Dirigiu-se ao pequeno "hall", seguida por Alberto. A vizinha que fizera a este entrar, ali estava, e o joven Jayme tinha nas mãos os lilazes de Hinkey.

— Martha, o senhor Hinkey te trouxe estas flôres — disse Jayme e estendeu-lhe o ramo de lilazes.

As flôres de Alberto! O joven Steward era quem lh'as dava.

ALBERTO, Martha e Jayme estavam agora sózinhos no "hall".

— Estou tão cansada! — exclamou Martha olhando para ambos com uns olhos cheios de cansaço e de sofffrimento.

— Mas não póde ficar só, Martha... Não deve ficar — disse o joven Steward.

— Já estiveste bastante commigo. — disse Martha, suavemente. — Desde sabbado á noite.

Assim como uma nevoa, qualquer cousa de maravilhoso fluctuava em torno delles, afastando-os do mundo.

Alberto aproximou-se dos jovens.

— Desejo ajudal-os — falou.

— Oh! — exclamou Martha. — Como sabe, senhor Hinkey? Jayme lhe disse?

Alberto sorriu.

— Não é necessario; vê-se.

— Estamos compromettidos desde sabbado á noite. — Disse orgulhosamente Steward.

— Só desde sabbado! De maneira que segunda-feira, quando Martha assistiu ao cinema, não estava compromettida, — pensou Hinkey.

E tranquillamente:

— Quando pensam... casar-se?

— Assim que puder reunir algum dinheiro, senhor, — respondeu Steward.

— Podemos vender algumas cousas. O relogio de papae e outros objectos.

— Não permittirei que vendas o relogio de teu pae — exclamou Jayme.

Alberto interveiu dizendo rapidamente:

— Não ha necessidade. Diga, Steward... se eu lhe emprestasse cem libras...

— Nós casariamos amanhã, senhor. E olhou, incredulo, o patrão por cima do hombro de Martha.

— Então se poderão casar e continuar vivendo aqui... Espero que serão muito felizes.

O rosto de Jayme tornou-se vermelho de alegria e de surpresa.

— Oh! Como agradecel-o, senhor Hinkley! Nunca conheci ninguem tão generoso.

— Bem... é melhor que me vá agora — disse Alberto.

— Adeus, senhor. Nunca poderemos recompensal-o nem Martha nem eu, nunca...

Martha procurou fazel-o. Tomou as mãos do patrão, entre as suas e levou-as até os labios, orvalhando-as com as suas lagrimas.

As de Alberto ennevoavam-lhe os olhos quando se dirigiu para a porta.

**

ETHEL esperava-o na porta.

— E então? Como está a senhorita Taylor — perguntou-lhe.

A velha senhora Peabody, surgindo na varanda, gritou-lhe num accento de censura:

— Ethel, deixa-o entrar antes de começares a molestal-o. Aposto que não foi...

— Oh, sim! Telephonei para o estabelecimento ás tres. Disseram-me que tinha sahido...

— Isto não quer dizer... — começou a sogra.

— Sim, quer dizer, mamãe Peabody — respondeu Alberto.

Abandonou o guarda-sol e o sobretudo e entrou n: sala de jantar. Sentia-se can~ado e velho. Muito so' tario. Em outros tempos, Ethel havia cheio sua solidão. Sim, era incrivel, mas parecia, agora, que ella se tornava de novo affectuosa, humana...

Offereceu-lhe uma cadeira e ella o agradeceu com um frio sorriso.

— Como esteve o enterro? — perguntou de novo.

— Ethel — disse Alberto limpando a garganta com difficuldade. — Não sejas dura! Se tivesses visto essa pobre menina na tarde de hoje...

A anciã interveiu.

— Ethel está muito aborrecida, Alberto. — Não faças caso. Essa mexeriqueira de Clara Mullins disse-lhe que levaste ao cinema a senhorita Taylor.

— Uma vez... eu o fiz — respondeu Alberto. Que mal ha nisso?

— Que mal ha nisso? — repetiu a senhora Peabody, dirigindo-se á filha.

— A senhorita Taylor casa-se com um dos meus empregados, o joven Steward — proseguiu Alberto.

— Parece-me muito bem — observou com expressão de allivio a senhora Peabody. — Ouves, Ethel?

Ethel disse, sem levantar a cabeça:

— Jayme Steward? Com que vae casar-se este pobre diabo?

— Emprestei-lhe dinheiro — respondeu Alberto.

— Tu lh'o emprestaste? Quanto?... Ouves, mamãe?... Emprestou-lhe dinheiro! Andou de um lado a outro da sala, livida de raiva, e de repente deteve-se diante da gaiola dos canarios, dizendo palavras carinhosas, e passando os dedos entre as grades, sem occupar-se mais da mãe e do marido.

Levantando-se da cadeira, Alberto empurrou-a para um lado, e tirou a gaiola do prego.

— Alberto! Que vaes fazer? Estás louco?

Com a mão livre, Alberto abriu a janella. O ar fresco da noite primaveril entrou na sala.

— Que vaes fazer? — perguntou ella brutalmente.

— Solta-os, Alberto — disse a senhora Peabody, zombeteira.

— E' o que vou fazer. — falou elle e fêl-o.

— Elles morrerão de fome! — gritou Ethel com voz aguda e tremula.

— Muito bem... eu tambem estou faminto, — respondeu Alberto e atirou-lhe a gaiola vazia aos pés.

Ethel estalou em violentos soluços.

— Bruto!... Oh!... E's um homem impossivel, um perfeito bruto!...

Sahiu da sala arrebatadamente e subiu a escada entre soluços hystericos.

Alberto suspirou.

— Creio que será melhor eu ir para junto della.

A mãe deteve-o.

— Deixa-a sózinha? Não te abrandes. Voltará... ainda que seja por curiosidade e com algum respeito por ti.

— Deus meu! — exclamou Alberto com voz lassa. — Não é respeito nem curiosidade o que desejo inspirar-lhe. Desejo...

Não disse o que desejava, presa talvez da incerteza:

— Talvez tenha razão... Sou um bruto!...

— Chamou-te assim a senhirita Taylor quando lhe emprestaste o dinheiro para que pudesse casar-se? — perguntou a anciã.

— Disse que se seu pae estivesse vivo, sabia que teria sido como eu.

— Seu pae! — exclamou a velha senhora.

— Seu pae! — repetiu Alberto tristemente.

— Pobre rapaz! Vem aqui, perto de mim.

Estendeu os braços tremulos e Alberto se refugiou nelles.

— Sou um bruto, mamãe Peabody? Deus sabe que não desejaria sêl-o!... Como é difficil a vida!

A velha senhora suspirou.

— Não é a vida... Somos nós, meu filho.

FANNY H. LEA

As Duas Irmãs

HELEN MILLER

(Continuação do numero anterior)

Naquelles dias no vasto campo, sob os abrazadores raios solares, curvados sobre a mãe terra, quando plantavam sementes... Naquellas noites de vigilia, com as frontes inclinadas sobre os catalogos de plantas; nas longas horas de inquietações compartilhadas... Ter-se-ia ella equivocado ao lêr nos olhos de John? Poderia um companheiro de trabalho, um associado na vida de luctas, sentir amôr pela companheira, tendo de permeio uma delicada mulher de espirito requintado? "Ella não se interessava por elle — pensou Margery. — Não tinha interesse senão pelo vestido côr de rosa. E' para ella um prazer despojar-me de tudo que acredita agradar-me!..."

Fôra fraqueza sua deixar que lessem em seu coração; mas não o tornariam a lêr. Saberia conservar-se d'ahi por diante fria e concentrada.

O passaro falso, ás vezes agoureiro, o isochrono cuco marcou a hora. Sentada em meio das sombras, Margery ouviu a voz de sua irmã, cujas palavras se succediam como o desfiar de um collar de perolas falsas. O cuco melancolico cantou novamente, pedindo talvez alguma cousa á lua mysteriosa que começava a alcançar o zenith.

De repente uma idéa singular se arraigou na mente de Margery: Winniferd era "cuco"!

Podia escutar sem esforço sua voz musical lamuriosa que relatava a John mil e um infortunios de sua existencia incomprehendida, do fracasso de sua vida. Um "cuco"! Nada mais do que um "cuco" gemendo suas dôres diante da fria lua...

Margery sentiu algo de amargo nos labios; poz-se de pé e entrou em casa; seus modos eram resolutos e hostis.

Winnie estava meio occulta na penumbra. Margery pôde vêr-lhe o resplendor das joias, o brilho das fivellas de prata dos sapatos.

John se balançava na cadeira em frente. Os demais convidados de tia Dolly — umas tantas pessôas de idade — haviam-se retirado sem que Winnie se apercebesse. Só a fascinava aquelle galhardo rapaz campesino de largo thorax, pulso de ferro e olhar de condor. Margery entrou decidida, audaz.

— Sente-se aqui, Johnnie — convidou ella serenamente. — E tu, Winnie, será melhor ires por... criatura que vou amanhã á cidade.

— Valha-me Deus! — replicou Winnie. — Quem teria dito a esta criatura que vou amanhã á cidade? Explique-o John, porque me interesso pelos assumptos do campo. Tu é que deves antes ir dormir, Margery porque tens de continuar a plantar amanhã teus rudes vegetaes.

— Se não vaes á cidade, irei eu; assim tu poderás plantar perfeitamente o rhuibarbo.

— Creio que nós dois é que o iamos fazer — observou John. — Parece-me ter falado a este respeito hontem.

— Foi hontem? — perguntou Margery, comprazendo-se em atormentar John. — Pensei que tivesse sido antes da chegada de Winnie. Penso, na verdade, ir-me para lá. Tenho sido mais do que uma mãe nesta casa, mas já estou farta. Procurarei trabalho longe daqui. Winnie fará com vantagem as minhas vezes.

Winnie chegou-se assustada.

— Dizes isto seriamente?... Pensas em ir-te de verdade?

— Não; ella não irá — respondeu immediatamente John.

Margery se poz de pé.

— Já que todos o sabem, folguem com as minhas palavras, retiro-me para arranjar minha roupa que certamente estará muito fóra da moda, em Londres. Adeus, Johnny!

— Margery, escuta...

Mas Margery sahiu e subiu as escadas, bem certa de que Winnie a seguraria. Ainda bem não tinha entrado em seu quarto de dormir, quando Winnie se apresentou ansiosa e indignada.

— Não vae fazer isso, não é verdade? E' uma brincadeira de mão gosto!

— Sim, na verdade trata-se de uma brincadeira para quem tem de affrontar as necessidades da casa nas circumstancias actuaes. Parece-me que passarei muito bem o inverno em Londres.

— Não pódes ir-te! Não pódes abandonar-me nesta h o r r i v e l granja... e sem dinheiro!

— Quando partiste, fiquei nesta granja e sem dinheiro, — respondeu Margery.

— Eu estava casada.

— Cala-te! — gritou Margery. — Nada adiantarás, absolutamente, commigo. Sempre te apoderaste de tudo quanto desejaste, porque ninguem teve forças para oppôr-se. Mas agora sou eu quem se afasta para sempre!

Céga de despeito, Margery sahiu do quarto e desceu correndo as escadas. Abriu a porta da rua e lançou-se em meio da noite sombria, á procura de consolo. As lagrimas brilhavam-lhe nos olhos, a angustia lhe despedaçava o peito; mas resistia ao pranto. De repente, emergindo das sombras, John Hurd segurou-a.

— Não póde ir-se! Você não póde ir embora! — foi quanto póde dizer.

Margery se debatia desesperada, como louca, ameaçando com os punhos.

— Deixe-me ir! Deixe-me ir! Odeio a você! Odeio-o!...

— Você me odeia? — interrompeu elle sem perder a calma. — Odeia-me você agora?

A pobre rapariga, vencida, inclinou-se como a flôr ferida pelos cálidos raios do sol estival. Os soluços apertavam-lhe a garganta.

— Para mim só você tem existido... Nenhuma outra mulher no mundo. Quero-a como a menina dos meus olhos.

— Oh! Johnny!... Eu não sou bonita...

— Oh! Margery!... Você tem muito valor...

Era já tarde quando Margery tornou a subir as escadas. Ainda derramava lagrimas de felicidade. Tantas cousas tinham succedido... Como mudára o mundo desde o momento que a descera, uma hora antes!...

Mas alli estava tia Dolly chorando desconsolada, e tambem Winnie arranjando as malas.

— Winnie disse que vae partir — gritou tia Dolly, desesperada, ao vêr Margery. — Vae embora. Como pudeste proceder de tal fórma com tua irmã?

Margery, que vinha de um mundo de sonhos, voltou á realidade. Sentindo-se feliz, quiz perdoar á irmã egoista, e estreitou-a de encontro ao peito.

— Não te vás, Winnie! Não te vás. Fui má, perdôa-me. Mas não te vás embora. Esta é a tua casa.

Winnie sorriu com um pouco de amargura e olhando para Margery disse: — Devo partir, Margery. Tu me abriste os olhos... E' tudo. Meu marido me espera, precisa de mim. Meu logar é junto delle.

••

DEBILIDADE GERAL

Maravilhosa invenção que proporciona uma força e vitalidade espantosas

Escreva pedindo um prospecto descriptivo, que será enviado GRATUITAMENTE

V. S. sente-se fraco, desanimado, com falta de energia e de vitalidade? Tome, então, conhecimento dos notaveis successos dos famosos apparelhos electrologi os que, no isolamento de sua propria casa, farão voltar a um optimo estado de força viril e vitalidade nervosa.

SAUDE SEM DROGAS

Até aqui, sómente podiam valer-se do tratamento electrologico as pessôas que estivessem em condições de pagar os elevados honorarios de famosos especialistas em Electrotherapia ou as que dispuzessem de tempo para irem tratar-se em sanatorios e hospitaes.

Hoje em dia, tudo está modificado.

Milhares de enfermos tratam-se, por si mesmos, de molestias — taes como: Fraqueza nervosa, Falta de vitalidade, Disturbios digestivos (indigestão, Prisão de Ventre, etc.), Nevrite, Rheumatismo, Sciatica, Gotta, Molestias do figado e dos rins, Má circulação, etc. — fazendo, simplesmente, um breve tratamento com os apparelhos electrologicos. Não ha necessidade de visitar nenhum instituto de especialistas, não se faz mistér pagar continuos honorarios e dispensa-se qualquer auxilio de estranhos: V. S. PODE BENEFICIAR-SE permanentemente e sem grandes despezas em sua casa usando um destes apparelhos. Elles triumpham sobre a doença, mesmo quando falharam todo os outros remedios.

Os apparelhos electrologicos são as unicas invenções para a administração da electricidade curativa. Recommendados por mais de cincoenta summidades medicas e pela Academia Official de Medicina de Paris.

UM LIVRO VALIOSO — GRATIS

Se V. S. nos escrever hoje, receberá gratuitamente, porte pago, um folheto, no qual claramente se descreve este maravilhoso methodo de vencer todas as molestias nervosas.

Queira, pois, dirigir-se á THE ELECTRICAL INSTITUTE (C. 3), Caixa Postal 2758 — São Paulo, pedindo um exemplar do livro denominado

GUIA DA SAUDE E DO VIGOR.

LA GRANDE MAISON DE BLANC

PLACE DE L'OPERA

DEAUVILLE — PARIS — NICE

LONDON — CANNES

ROUPA DE MESA E DE CAMA

ROUPA BRANCA

DESHABILLÉS

ARTIGOS DE MALHA

ENXOVAES

La Grande Maison de Blanc nao tem succursal na America

Cartas para Orayde

LUIS ERBON

MINHA LINDA AMIGUINHA:

EU sei que lhe não devia endereçar esta carta. Embora escrevesse por motivos imperiosos, — e isto só pode vir do coração — não deveria nunca fazel-a chegar ao seu destino.

Entretanto, não pude guardal-a commigo. E hoje cêdo, pensamento fixo em você, corri em busca da caixa mais proxima...

A estas horas, as folhas perfumadas do papel violete hão de estar sob os seus olhos louros e escadinavos.

Você, que parece uma illuminura de fjord ao alvorecer, — um bloco seccionado por genial artista — ganhará uns instantes de surpresa e emoção...

— Sim, por que toda a mulher fica emocionada ao saber que a exaltam. Muito embora seja por segundos apenas.

Mas sua belleza estonteante merece mais do que a minha vaga intelligencia pode communicar ao papel. Em toda a minha vida, jamais encontrei mulher que me desvairasse tanto...

Orayde, para você, eu ainda não sou mais do que um simples desconhecido. E ignoro se valerá quebrar um dia esse mysterio.

Naquelle baile de sabbado de Alleluia, faltou-me a coragem... e deixei de pedir me fôsse apresentada. Tambem era a segunda vez que meus olhos a viam. Talvez que por isso resultasse o meu acanhamento, timidez absoluta.

Porém, á distancia, attentava firmemente em todos os seus gestos. E houve uma occasião em que você teve o vestido seguro á mesa onde me encontrava em companhia de outro amigo. Perdi uma opportunidade que não voltou a succeder o resto da noite.

Nesse momento, tive certeza de que empallidecia, e meu coração bateu, desordenado...

Depois pensei que era melhor tornar-me um anonymo. Teria mais encanto, nosso romance. Se o não fizesse, podia acontecer que ruissem meus sonhos lindos. Assim, sua voz perdura, crystallina e cadenciosa, nos meus ouvidos deslumbrados...

— Se ella não gostar de mim? era a pergunta que me assaltava todas as vezes que dispunha a dirigir-me ao seu lado.

E obsecado pela ennervante interrogação, perdia o animo, ganhando em troca o ideal!

Preferi, portanto, ser uma criatura commum, envolta no silencio do seu nome. E se o não fôra, deixaria de exprimir, por carta, a sinceridade do meu intimo e para você se dissiparia a illusão...

Comprehenda que é o destino que assim o quer. Seria inutil fugir á propria sorte.

Você, Orayde, veiu ao mundo cheia de attractivos difficeis de reunir. Os cabellos em ondas de perfume. Os olhos louros e escandinavos. A' bôca num começo de espiral afogueada. O corpo em linhas harmoniosas, delicadas. A graça de tudo junto!

A propria vida está em você!

Emquanto que eu não passo de um moço commum, esquisito, incapaz de impressionar os seus olhos louros e escandinavos.

E' por isso que anseio por ser apenas um seu amiguinho espiritual.

Mais tarde, depois que você conhecer toda minha alma, quem sabe?...

Para dizer que a adoro, é bastante esta confissão.

SERGIO

II

SOL DO MEU CORAÇÃO:

AINDA hontem um sabbado cheio de sol, eu pude vêr, na Rua Direita, sua figurinha bonita de Tanagra.

Você ia um tanto apressada. Sua companheira fazia esforços para acompanhal-a.

Do meio da rua, consegui não perdel-a de vista. E assim que vocês ingressaram na casa de chá, corri ao elevador, e subi.

Mal havia chegado ao salão, pude divisar o chapéu azul que você usava. Procurei mesa nas immediações, disposto que estava a escutar sua voz dolente...

Faltou-me, entretanto, um pouco de sorte. Precisei occupar o canto opposto da sala repleta.

Mesmo assim, elevando por vezes os olhos attentos, lobrigava o azul do meu céo de amôr...

Enguli, apressadamente, o conteúdo da chavena de porcelana asiatica, e mal toquei nos biscoitos.

Depois fumei um cigarro após outro. Por fim, retirei-me; vocês já haviam descido.

Deslisavam automoveis no asphalto aquecido. Um borborinho humano invadia as ruas centraes. Diversas victrolas revelavam tangos modernos; a musica se perdia, esquecida...

E por toda esta barafunda eu ia sentindo a perda do azul do seu chapéu provocante. Por mais que percorresse o triangulo em varios sentidos, não tornei a vislumbrar o seu vulto esbelto.

Aborrecido, então, me puz a meditar no destino que teve a carta que lhe havia dirigido. Certamente você a tivera algumas vezes entre seus dedos esguios. E qual seria o juizo formulado depois de ter lido o que a minha loucura ordenou?

Bem que hontem forcejei por descobrir, no seu rosto eveludado, indicios bastantes que me servissem de base. Porém o tempo foi exiguo, e meu exame não surtiu effeito.

Quizera vêr delineado, nessas faces sanguineas, o julgamento que me inquieta. Quando, em certa occasião, você sorriu, julguei adivinhar uma ponta de ironia, que sua companheira se limitou a approvar. No instante em que um suspiro se desprendeu, fugitivo, dos seus labios coloridos, pretendi lobrigar um raio de esperança que illuminou meu coração...

Mas tudo foi tão rapido, que não pôde tornar-se conciso. E a inquietude voltou a se apoderar de mim.

Mas é preciso que o meu nome fique envolto no silencio, embora por vezes sinta desejos irrefreaveis de lhe falar... Trago commigo o calice da incerteza, que esvazio a todo o instante, mas que nunca se esgota...

Tenho receio de que você me repudie ao me conhecer. Se sou bem do contrario, sentiria bem que tinha encontrado a felicidade!

Já pensei em lhe communicar um endereço, afim de obter resposta ás cartas que ouso endereçar-lhe. Mas assim minha identidade seria logo descoberta, ou então receberia o golpe cruel que adivinho...

Vivo na incerteza e difficilmente sahirei deste caminho. Urge, no entanto, dar uma solução, que embalde estudo.

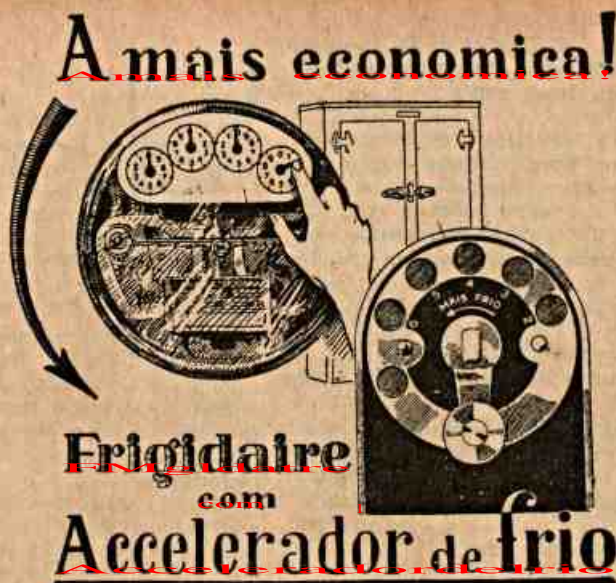
Mas não será melhor que meu amôr viva isolado?

Meus nervos principiam a tomar conta de mim. Necessito de repouso. E' quasi madrugada e ainda estou escrevendo, tonto como um noctambulo que vagueia sem saber, pelas ruas desertas da cidade abandonada...

Adeus.

SERGIO

TRES CONSELHOS UTEIS E UMA OFFERTA GRATIS DO CALCEON

Em toda a casa deve ter sempre á mão:

1.º — Um tubo de Cessatyl, que é o melhor remedio contra a dôr e contra a grippe, podendo ser dado a velhos ou crianças, pois não faz mal ao estomago, nem deprime o coração.

2.º — Um vidro de Calceon, a salvação das crianças, fazendo passar todo o periodo da dentição sem molestias e fortificando os dentes e os ossos.

3.º — Uma bisnaga de pasta dentifricia Synorol, formula do professor Frederico Eyer, é recommendada pelos mais notaveis dentistas.

ENVIAREMOS gratis uma bisnaga Synorol e Cessatyl a todos que nos mandarem uma lista de trinta nomes de senhoras da mesma localidade para — Calceon — Caixa Postal 1751 — Rio.

ANNUNCIOS, DESENHOS-ORÇAMENTOS-IDEIAS
Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras
AV. RIO BRANCO, 157-1º (EDIF. GUINLE)
TELEPHONE N. 2356

A mais economica!

Uma vez prompto o almoço abaixa-se o gaz para o não desperdiçar.
Com a nova FRIGIDAIRE, quando se não quer fabricar gelo mas sómente conservar a temperatura constante de 7º, necessaria á boa conservação dos alimentos, se póde fazer isto com a mesma facilidade; só pelo simples manejo de um ponteiro.

Com a mesma facilidade que se regula a chamma do gaz regula-se o frio na FRIGIDAIRE.

E' esse um aperfeiçoamento tão exclusivo de FRIGIDAIRE que ella já é conhecida em todo o mundo como o refrigerador com «Accelerador de Frio».

Frigidaire
GELADEIRA ELECTRICA AUTOMATICA

com

"Accelerador de Frio"

SOC. AN. BRASILEIRA ES.
MESTRE E BLATGÉ
RUA DO PASSEIO, 48/54 — RIO DE JANEIRO

ANIL (S. Paulo) — Quem disse a V. Ex. que sou graphologo? E' mentira dessa gente.

PRINCEZINHA (S. Paulo) — Bonito! Uma cartinha que é um trecho do crepusculo — um crepusculo de junho: côr de rosa. E nella V. Ex. escreve apenas, ou transcreve estes versos do meu livro:

"Yves:

Meu coração é original...
tem torres de ouro... sinos de ouro
[a repicar...
E uma pomposa cathedral
onde eu — espiritual — te fechei
[num altar
e desde então, no meu silencio
[scismativo
ingenuamente vivo

a te incensar!

—

...ingenuamente vivo
a te incensar!"

Princezinha".

Palavra de honra! Não entendo esse enigma. Que têm as minhas humildes rimas com a sua carta e a sua carta com os meus versos? Como V. Ex. se diz uma "Princezinha", quero crêr que elles se lhe adaptam *a merveille*...

... *ingenuamente vivo a te incen-*
[*sar*...

Porque, afinal de contas, os versos se fizeram para as mulheres bonitas e o incenso para as princezas e as deusas...

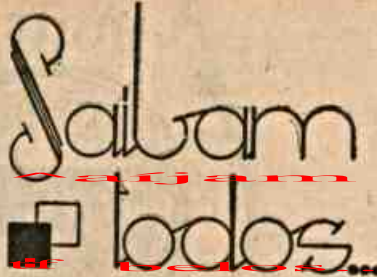
Gostou? Ahi está como é que um galanteio póde ter ida e volta pelo mesmo fio de... sympathia como o bondezinho do Pão de Assucar...

LADY REGINA (Capital) — A poesia "Dindinha Lua" de Ademar Tavares está no seu formoso livro "Noite cheia de estrellas". A' venda em todas as livrarias.

CICERO ELOY TRAVASSOS SARINHO (Pernambuco) — Uff! O seu nome, poeta, é elastico. Deve ter legua e meia. Dá bem a idéa das extensões territoriaes desses rincões de nossa terra.

Mas isso talvez seja o bom signal de que a sua intelligencia tambem é elastica.

Vamos, pois, á leitura de sua carta. Ella, sem a modificação de uma virgula:

"Areias, (Pernambuco), 1 de Junho de 1929. — Prezado Sr. Yves. — Saudações. — Tomo a liberdade de enviar a V. S. minha ultima producção poetica feita ante uma rosa PALMEIRÃO, de nossa chacara, especialmente para o FON FON.

Pequeno ainda senti os estos das Muzas e subindo o Parnaso tenho cantado a Natura o que me a porpocionado momentos mui agradabelissimos.

Sabendo que voz sois tambem poeta submetto minha ultima producção ao seu juizo critico certo de que (caso seje necessario) da reis na mesma o retoque que se fizer mister.

Com mui apreço aguardo vossas ordens e ancioso espero vêr meu umilde nome figurar na Revista de que és um dos esteios inquebraveis.

Caso meu trabalho seje bem aceito continuarei a mandar tudo que for produzindo inspirados pelas Muzas.

Sem mais assumpto sou Vosso Ctiga. Obrº. — *Cicero Eloy Travassos Sarinho*".

Ahi está, poeta: depois que li essa sua missiva fiquei inteiramente estrabico. Não porque ella esteja maravilhosamente escripta em cassange, mas pela decepção que os literatos pernambucanos irão soffrer.

O sr. veio provar que o seu nome póde ser de legua e meia, ermo as extensões territoriaes da sua villa. O seu talento poetico, porém, é de meia pollegada. Areias, portanto, si é representada, literariamente, pelo sr., póde dizer que ruiu como um castello das ditas.

Em todo caso, vamos tambem á sua "producção poetica".

Arreda, gente! Lá vem tolice!

SONHO

(Ante uma rosa Palmeirão.)

Eu vinha a muito me embriagando
[*num aroma*
Duma rosa rubra, esplendida, en-
[*tre espinho*
Tive um sonho agradavel; estava
[*em Roma*
E despertei... Nem rosa, nem nada.
[*Estava sosinho.*

Era uma rosa linda; linda, mas
[*que bella*
E, quando d'ella, eu, mui leve me
[*aproximava.*
Sentia orgulho por estar bem per-
[*tinho d'ella*
Si bem que ella jamais me amava.

Que petala linda continha bella
[*rosa.*
Tão linda e cheirosa que não se
[*escondia.*
Mesmo cahida e murcha era tão
[*mimosa*
Que não ha outra rosa igual a que
[*se escolhia.*

Cicero Eloy Travassos Sarinho
Areias — Estado de Pernambuco.

Si se fizesse um concurso de versos de pés quebrados, o sr., certamente, seria o "Mister Cassange".

Não, poeta de meu Estado, acceite os meus pezames. Como poeta, o sr. é um grande desastre; e em materia de desastre o sr. é um grande poeta.

J. DUARTE RIBEIRO (Capital) — Os seus poemetos serão publicados opportunamente.

L. D. A. (Victoria) — Com muito prazer. Os livros de que me fala, encontral-os-á na Livraria Francisco Alves, rua do Ouvidor, 166. Escreva, e será servido. Ah! já me ia esquecendo, o *Suave Enleio* tambem lá está, em 3ª. edição ao preço de 4$000.

ACIREMA-PAULICE'A (S. Paulo) — Sim, geralmente eu me esquivo de fazer o estudo graphologico de certas pessoas, para evitar aborrecimentos de parte a parte. Para que dizer as coisas más que a letra revela, si a vaidade humana não se conforma com isso? E por que tambem não dizer a verdade, si faço da sciencia de ler o caracter pela graphia, um verdadeiro culto? O mais pratico é dizer como é meu costume: "Não sou graphologo!" Prompto! Esta resposta soluciona o problema. Outras vezes, — como conheço bem o egoismo humano — eu me diverto em valorizar a minha sciencia, declarando que exigirei remuneração pelos estudos que fizer. E' outro meio facil de espantar os importunos. Na voz de dinheiro, de pagar, ninguem quer saber de graphologia. Alguns mais exhibicionistas, ainda chegam a escrever: "Pois faça o estudo e diga quanto custa o seu trabalho". A esses, respondo com aquella phileria do taverneiro da esquina: "Fiado, só amanhã". Que quer? Estou certo de que entre a palavragem e o pagar, a distancia é tão grande como a que vae entre um sujeito que, do Polo Sul estire a mão para abrir um cofre no Polo Norte. Pois sim.... *Res non verba*.... Actos e não palavras.

Mas tudo isso é muito divertido.

Voltando á sua carta, devo dizer que não faço o seu estudo:

1º. — Porque escreveu n'um cartão, e menos de vinte linhas; 2º. — Porque não me deu o seu nome verdadeiro e por extenso. Isso é imprescindivel a um estudo criterioso.

Bem. Agora, até sabbado, sim?

MLLE. LAVADEIRA (Capital) — Hum! Que surpresa! A sua cartinha, nesse papel de linho azul perfumado a... naphtalina dá uma bôa mostra de sua pessôa.

Escreve V. Ex.:

"Yves. — Bom dia. — Porque é que você quando deseja dar a idéia de diminuir, usa a palavra lavadeira? Você já estudou o caracter de alguma? Ou acha que todas têm os modos de "Mme. Sans Gene"? (Não sei se é assim que se escreve) Se pensa assim, lembre-se que em toda a regra ha excepção.

E te participo que em Saibam-todos, você é muito apreciado por uma lavadeira, embora essa noticia não o lizongeie.

Lavadeira é um titulo humilde superficialmente, mas é ella que tira as immundicies que deixa na roupa os corpos dos que possuem titulos nobres; mas o coração, a alma e mesmo a intelligencia, muitas vezes ella possue mais nobre e torna-se magestade! Você pensa que só os chamados: "querido confrade", "galante figurinha", verdadeiro gentlemen",... illustre desconhecida" etc., etc., é que têm competencia para lêr e comprehender o que você diz? Não fossem a maior parte de graúdas tão egoistas, e sim mais generosas, grande numero de lavadeiras teriam occasião de polir a cachola e poder commentar os factos da vida com palavras bonitas como vocês fazem. Agora faça obsequi de analysar os meus versos:

Nossa Senhora "lavava"
S. José estendia
E o menino chorava
Com o frio que fazia.

(Mlle. Lavadeira)."

Muito bem. Gostei de vêr. V. Ex., si é, de facto, lavadeira, está demonstrando que é um primeiro premio, (medalha de ouro) da arte de lavar. E' primeiro premio, pelo menos, em fazer rol de roupa. Por que, francamente, lavadeira que fala em "Mme. Sans Gêne" é letrada demais para s elimitar ao convivio do sabão e das *lingeries* desasseadas.

Não creia que tenho a intenção de amesquinhar a classe honesta das lavadeiras, quando digo que a mulher ou é literata ou mestra em lavagem de roupa. Glorifico o trabalho a que ellas se entregam, lou-

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

* * *

vando a sua bôa conducta. Quando me refiro a lavadeira, quero dizer: a mulher ou é saberête, mettida com as coisas do espirito ou puramente domesticas — a negação das coisas mentaes: lavadeira. Mas pesando bem o seu raparo, chego á evidencia de que ha melindrosas bem mais atrazadas do que certas lavadeiras. Muitas dessas figurinhas frivolas, são integralmente analphabetas. Ao passo que ha lavadeiras illustradas... na sua especialização — com a vantagem de saberem lêr e escrever o seu rol. Gostou?

ORCHIDEA (S. Paulo) — Muito grato pelas suas palavras gentis, através as quaes se sente o bello coração de uma mulher bôazinha... Boazinha! E' tudo quanto posso dizer, por ora, de sua illustre pessôa.

SANTAC (S. Paulo) — Tenha paciencia: não posso fazer a sua graphologia.

GUIMARÃES (?) — Certa vez um plagiario qualquer enviou-me um soneto de Anthero de Quental. Pela carta em cassange, conclui que o soneto nada valia. Resultado: deixei de lel-os. Limitei-me a fazer a critica do soneto do poeta lusitano como si fosse da lavra do missivista. Disse commigo: "Quem não sabe fazer uma carta, muito menos fará um soneto."

Qual, porém, não foi a minha surpresa quando, já publicado o soneto nesta secção, verifico que era de Anthero de Quental

Os poetastros cahiram em cima de mim e só não me chamaram santo.

Agora apresento aqui a carta de um poeta:

"Illmo. Snr. M. D. Director da "FON-FON" — Rio de Janeiro.

Presado Senhor — Saudações — Tomo a liberdade de enviar-lhe alguns sonetos de minha redacção para que V. S. se digne em mandal-os publicar na vossa conseituada revista, que desde já fico-lhe agradecido.

Ouso a remetter estes sonetos devido ser muito conhecido na imprensa local "O COMBATE" onde tenho colaborado.

Tenciono dentro de pouco remetter-lhe mais alguns no caso de V. S. achal-os suficiente para sua publicação.

Convicto de que V. S. não recusará o meu pedido subscrevo-me com elevado apreço e consideração

Sou de V. S. Amgo. Atto.

Crado. Obgdo."

Pergunto eu: deante de tal documento, será necessario lêr a poesia para constatar que foi escripta por um poeta... como direi? por um poeta.... genial?

Pois ahi vae o tal soneto que o sr. Guimarães me enviou:

AMANHÃ

E' ainda amanhã. E' amanhã somente
Que poderei te ver, ter na minha, anciosa,
A tua mão gentil, tão branca, tão mimosa
Como um lyrio d'amor a palpitar fremente.

E sómente amanhã, poderei, calmamente,
Contemplar, enlevado, a tua face formosa
Como se fosse feita de velludo e rosa
E tua bocca ideal, a sorrir docemente...

Tu me dirás, então, que aquillo que promette
O teu profundo olhar, não é uma chimera
Ou simples illusão, oh minha doce Odette!

E de certo terias, sei, pena de mim,
Se pudesses saber como é longa esta espera
E o tormento cruel destas horas sem fim!

YVES.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 29-6-1929

Data da consulta ....

....

Nome do consultante ....

OS CURANDEIROS

É innumeravel a série de curandeiros por todo o Brasil.

Alguns praticam occultamente a difficil arte de curar, outros, porém, a exercem ás escancaras, principalmente em longinquos e pequenos logares do sertão brasileiro.

De quem é a culpa?

Talvez dos proprios medicos, que não dão o brado de alerta contra os pseudos collegas, que impunemente exercem a medicina com prejuizo da saude e quiçá da vida do proximo.

Os matutos, muito credulos, não se queixam, e, ás vezes, bem caro pagam pelos estragos de sua saude.

Mas nem todos os charlatães applicam remedios violentos, desses que num abrir e fechar de olhos levam a victima á sepultura. Alguns até applicam substancias bem inoffensivas...

No interior sergipano havia outrora, um "doutor", que curava os seus doentes com pilulas.

Mas as taes pilulas eram fabricadas unicamente com uma substancia: o miolo de pão. Si não faziam bem não causavam damno algum.

Como a fé tambem cura, o "doutor" lográra tratar com exito de alguns doentes.

Certa vez, elle foi ter a um engenho, onde fôra "prestar serviços medicos" a uma joven, gravemente enferma.

Applicou as taes pilulas de miolo de pão; mas como o senhor de engenho era tido como um terrivel ferrabraz e receiava uma vindicta no caso de insuccesso, pouco se demorou ahi.

Ia elle muito calmamente montado em seu bucephalo, quando viu um homem a cavallo que, de longe lhe acenava para parar.

Imaginando que era um proprio do senhor de engenho que vinha buscal-o para o merecido castigo, por ter a enferma fallecido, accelerou a marcha do animal.

Mas o "doutor" não tardou a ser alcançado.

Ao contrario do que elle pensava, o "remedio" havia produzido bom effeito e o senhor de engenho mandára o proprio lhe entregar uma bolsa cheia de dinheiro.

No Rio Grande do Sul, eu sei que até bem pouco tempo proliferavam os curandeiros. A liberalidade da constituição permittia o livre exercicio da medicina. Mas nem sempre os taes improvisados esculapios se curavam a si proprios. Alguns, quando se sentiam doentes, procuravam os medicos de verdade, não se esquecendo de recommendar aos enfermos: façam o que eu mando e não façam o que eu faço.

Na cidade de Pingo Grosso, do longinquo Estado do Sul, havia um curandeiro que, abusivamente, se intitulava doutor. Dizia-se especialista das molestias do estomago. Em pouco tempo deixava o estomago da victima em estado de miseria, quando não o despachava para a "cidade dos pés juntos", o cemiterio.

Chamava-se elle Gabriel Archanjo da Cruz.

Havia um seu competidor no logar, o doutor Chrispiniano Aguiar de Brito, doutor de verdade, formado pela escola medica do Rio de Janeiro.

Não conhecia pessoalmente o seu "collega", "doutor" Gabriel Cruz.

Ao consultorio do doutor Chrispiniano affluiam os enfermos queixando-se do estomago: eram as victimas do "doutor" Gabriel.

Certa vez, em seu consultorio, o doutor Chrispiniano inquiriu com interesse de um cliente:

— Que foi que lhe deixou o estomago neste estado?

— Foram os remedios do "doutor" Gabriel Cruz.

Repetiu a mesma pergunta ao segundo e ao terceiro doente, obtendo a mesma resposta.

Ao quarto, o doutor não perguntou mais. Depois de ouvir o cliente, que tambem se queixava do estomago, foi lhe dizendo:

— Aposto que você tomou tambem os remedios receitados pelo "collega" "doutor" Gabriel Cruz.

Ao que o enfermo, com um riso contrafeito, responde de prompto alteando a voz:

— Eu não, senhor; o doutor Gabriel Cruz sou eu mesmo...

LEOPOLDO D. AMARAL

A PARABOLA DO MILAGRE

DE OSCAR WILDE

JESUS voltou a Nazareth.

E não reconheceu sua cidade natal.

A Nazareth onde elle havia vivido era uma cidade triste, cheia de lagrimas e de lamentações. E esta, que via hoje, estava cheia de risos e de cantos.

E o Christo entrou na cidade, e viu escravos carregados de flores, que iam em tropel pela escada de marmore de uma casa de marmore branco.

E o Christo entrou na casa, e no fundo de uma sala de jaspe, deitado sobre um leito de purpura, viu um homem, cujos cabellos em desordem estavam coroados de rosas vermelhas, e cujos labios estavam vermelhos de vinho.

O Christo aproximou-se delle, tocou-lhe no hombro, e lhe disse:

— Por que levas essa vida?

O homem voltou-se, reconheceu-o e respondeu:

— Eu era leproso. Tu me curaste. Por que levaria eu outra vida?...

O Christo sahiu dessa casa.

E na rua viu uma mulher, cujo rosto e cujo vestido estavam pintados, e cujos pés estavam adornados de perolas. E viu atraz della um homem que a seguia. Um homem cujo traje era de duas côres, e cujos olhos estavam carregados de desejos. E o Christo se aproximou do homem, e, tocando-lhe no hombro, lhe disse:

— Por que segues essa mulher e a olhas assim?

O homem voltou-se, reconheceu-o, e lhe respondeu:

— Eu era cego. Tu me curaste. Que cousa melhor poderia fazer eu de minha vista?...

E o Christo se aproximou da mulher e lhe disse:

— Este caminho que tu segues é o do peccado. Por que o segues?...

A mulher reconheceu-o e, rindo disse:

— O caminho que eu sigo é agradavel. Tu me perdoaste os peccados. Que podia eu fazer de teu perdão?...

E o Christo sentiu seu coração cheio de tristeza, e quiz abandonar a cidade. E como sahisse, viu junto dos poços proximos um joven sentado, que chorava. O Christo se aproximou delle e, tocando-lhe nos cabellos, disse:

— Amigo, por que choras?

— Eu havia morrido e tu me resuscitaste. Que outra coisa posso fazer de minha vida?...

E o Christo, entristecido, se afastou.

"GENERAL OSORIO"

É O NOVO NAVIO-MOTOR DA

LINHA HAMBURGUEZA AMERICANA

de 23.000 toneladas de deslocamento (14.000 tons. bruto)
com uma ultra-moderna installação de Classe intermediaria,
que fará a sua viagem inaugural em

7 de Agosto para Lisboa, Vigo e Hamburgo

SEGUNDA VIAGEM EM
16 DE OUTUBRO

Informações aos Agentes Geraes

Theodor Wille & C.

AVENIDA RIO BRANCO, 79 — Tel. N. 1582

PERDERÃO ALGUNS KILOS

Si tomarem o

Thé Mexicain du Dr. Jawas

Composto de plantas depurativas, e proprias para provocar o emmagrecimento, o Thé Méxicain du Dr. Jawas, é o medicamento sem rival, universalmente reputado, para fazer emmagrecer, diminuir o ventre, e adelgaçar a cintura sem nenhum perigo para a saude.

A' venda em todas as Drogarias e Pharmacias.

A. NARODETZKI
19, BOULEVARD BONNE-NOUVELLE
PARIS

A CEGONHA

DE CONRADO NALÉ ROXLO

COM suas patas vermelhas, extendidas para traz, a cegonha voava rythmicamente na noite, entre os bosques negros e inquietos e e a lua altissima. Sua illustre ascendencia se perdia no Egypto amarello e remoto. Suas hieráticas avós habitavam em templos de deuses poderosos, e ensinaram os terriveis segredos da morte aos magos chaldeos. Mas ella não se desvanecia por isso, e, como os tempos mudaram, exercia uma profissão humilde: trazia meninos á terra. Um dormia agora no ôco de seu dorso, semioccculto pelas brancas e calidas plumas, sorrindo á recordação do que vira de sua alada cavalgadura. Eram scenas que esqueceria ao nascer, e cujo sentido lhe explicava a cegonha com paciencia de avó. Alguns meninos recordam vagamente esta primeira viagem, e em sua tentativa por descrevel-o crêam a alta poesia que os homens admiram. Mas elles vivem descontentes e torturados pelo que não acertam em expressar em suas canções.

Ao atravessar um deserto, o menino viu um anjo que desprezava as velhas estrellas, cujo brilho, empallidecido pelo tempo, lhes devolvia, esfregando-as com areia para pendural-as em seu logar reluzentes e claras como se fossem novas.

No céo de uma cidade viu como uma aranha negra, nascida dos máos pensamentos de um homem, tecia sobre sua estrella um tecido tão encorpado que o homem morreu sem que os medicos nada pudessem fazer para salval-o.

Atravessando a tarde cinzenta das estepes geladas, viu como o diabo disfarçava de cossacos uma tropa de centauros, e os mandava matar sete princezas brancas como açucenas.

Passando sobre o mar ouviu o dialogo de amôr do bezouro da prôa de uma galera turca, naufragada no seculo XV, e uma sereia de pescoço dourado.

Atravessando a Italia, soube que as cigarras cantam no coração de prata das oliveiras para que o dia não adormeça no meio do caminho. Aprendeu tambem que na voz dos grillos nocturnos os mortos imploram silencio para seu somno inquieto.

A cegonha voava no espaço immenso, umas vezes solitaria, com sua rosada carga, e outras acompanhada por andorinhas migratorias, ou unindo-se ao triangulo dos patos silvestres. Descansava nas ruinas antigas cobertas de musgo e falava com o Esquecimento de cousas mortas e longinquas. Ou então se detinha na torre das egrejas, onde a palestra era mais entretenida e actual. Aquella noite se de teve em um velho campanario onde tinha muitos conhecidos.

A cegonha (firma-se em um apata e faz uma reverencia) — Bôa noite a todos.

O Sino — Bemvinda seja a esta santa casa, senhora Cegonha.

Dona Rata — Bôa noite, querida amiga. Ponha o menino em meu ninho. Hoje mudei a palha.

...*A Cegonha* — Obrigada. Acceito-o porque estou um pouco cansada. Hoje voei muito (Colloca o menino adormecido no ninho tépido. Dona Rata fica olhando-o carinhosamete com seus pequenos olhos de velha, trabalhadora e alegre).

A Largatixa (passando como um relampago verde de uma greta a outra) — Já está por aqui, senhora? Bôa noite.

A Cegonha — Bôa noite, senhorita. Sempre tão apressada...

A Lagartixa (passando como antes) — Não paro um momento. Que vida!

A Cegonha (dirigindo-se ao Mocho, que se parece muito com a caricatura de don Miguel de Unamuno feita por Bagaria, e que está lendo em um livro, á luz de um cabo de vela) — Doutor, é tão interessante esse livro, que não lhe dá tempo de cumprimentar uma velha amiga? Como vae passando?

O Mocho — Bem, obrigado. Quanto a este livro, não tem nada de interessante. E' uma das muitas bobagens que se escrevem nesta epoca de decadencia. Calcule, senhora, que o autor sustenta que os homens serão felizes no dia em que gozem de um salario minimo de não sei quantas libras esterlinas. Como si os homens pudessem ser felizes de algum modo!

A Lagartixa (desapparecendo) — Como se chama o autor?

O Mocho — Bernard Shaw.

A Cegonha — Não o conheço.

O Mocho — Nem perde nada com isso.

O Sino — Diga-me, senhora.. De onde traz esse menino tão lindo?

A Cegonha — Do horizonte?

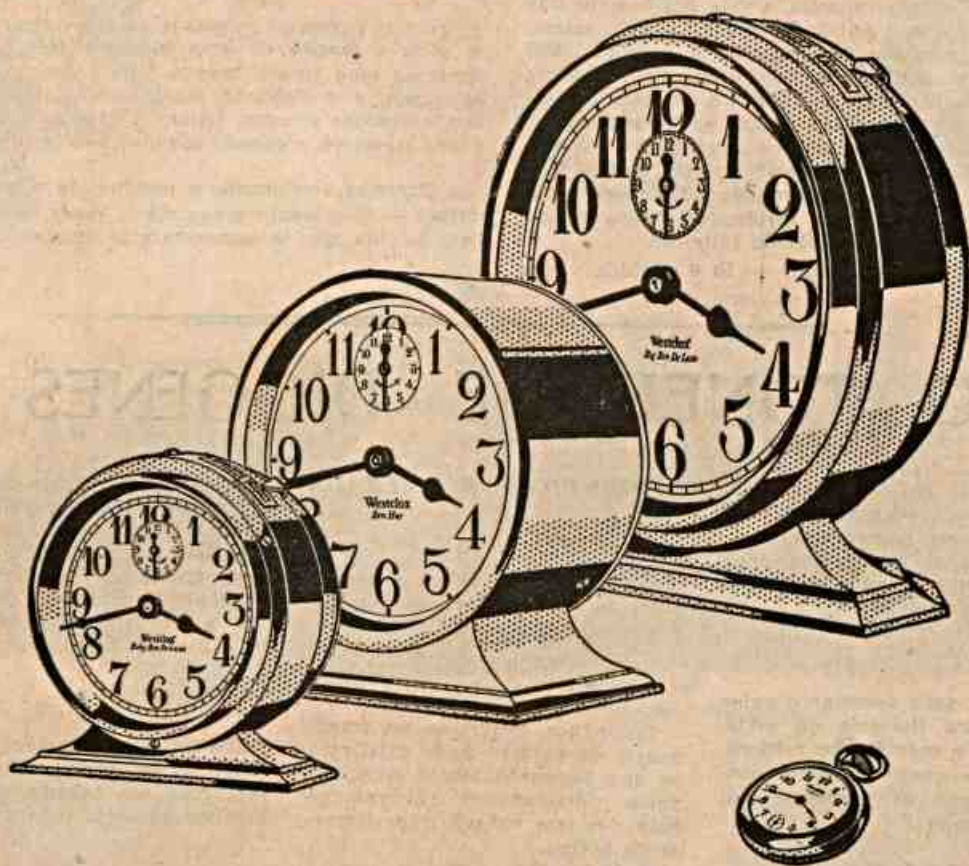
A Cegonha — Sim; todos os annos vôo até a linha azul que separa o mundo dos homens do outro, e quando chego, duas mãos invisiveis collocam um menino entre minhas azas, e uma voz doce, mas imperiosa, me ordena leval-o á casa de Sonia, á margem do Volga, ou á casa de Maria da Rumania, ou á de Carmen, ou a qualquer outra parte do mundo. Eu vôo durante dias e noites, e, quando chego, deixo o menino nos braços da mãe, que fica muito contente, e me vou voando, voando sem que ninguem me veja.

Mocho (com desdem) — Triste profissão! Palavra!

A Cegonha — Oh, não, doutor! E' muito agradavel viajar tanto para ver sorrir, com a minha chegada, á bôa gente.

O Mocho — E depois?

A Cegonha — Depois?... Não sei... Viverá o menino... Será feliz...

O Mocho — Ah, senhora, vejo que é muito ingenua para seus annos. Acredita que os homens podem ser felizes! Que disparate! Os homens levam uma vida muito mais miseravel que qualquer um de nós. A mim, a unica cousa que me incommóda é o sol; a elles, tudo incommóda. Vivem rodeados de inimigos, que se multiplicam a cada instante creados pela tolice, que é o verdadeiro peccado original dessa misera e presumpçosa especie. Fatigam-se perseguindo phantasmas brilhantes, que, si chegam a cahir em suas mãos, se dissipam em um pouco de neve gelada e incolor. Amam a liberdade e não fazem outra cousa, em todos os dias de sua curta vida, sinão forjar cadeias com que se amarram elles proprios. Eu, em seu logar, atiraria esse menino contra as pedras da rua, para que não tivesse que soffrer tudo o que o espera.

A CEGONHA

(Conclusão)

. . .

O Sino — Verdadeiramente, a vida dos homens não vale grande cousa. Antes de chamar para a missa, chamei para a morte, nos campos de batalha. Fui canhão e troei, e derramei fogo e chumbo em nome da patria e da liberdade; e quando a patria e a liberdade se salvaram, graças a mim, os homens continuaram infelizes e descontentes como dantes. A verdade é que foram menos a soffrer, pois muitos ficaram debaixo da terra, que novamente floresceu, como si nada houvesse occorrido. Então, desilludido, renunciei ao seculo e abracei o estado religioso.

A Cegonha — (duvidando) — Si é verdade o que dizem, é melhor que leve este menino outra vez ao horizonte.

O Grillo (mettido em uma greta do muro) — Não lhes dê attenção. A vida é bôa e bella. (Sua voz não se ouve, pois faz parte do doce silencio da noite.)

O Mocho — Faça o que digo eu, dona Cegonha. Si a mãe desse menino pudesse ver o futuro, lh'o agradeceria com toda alma.... Si é que ha alma.

A Cegonha — Que fazem, meu Deus?

(Ouve-se o rumor de passos na rua. Pouco depois, se abre a janella de uma casa em frente, e nella apparece uma figura branca. Uma figura negra se aproxima, e a Cegonha escuta um dialogo, que tu tambem pódes escutar, leitor, si alguma vez amaste e tens memoria, e quando sôa o ultimo beijo....)

A Cegonha (collocando o menino, de novo, em seu dorso) — Vou leval-o a sua mãe. Vocês sabem muito bem da vida, mas se esqueceram de um detalhe.

M. C.

O TONEL DE DIOGENES

De HENRIQUE M. CALZADA

O poema só está terminado quando encontra uma alma que possa comprehendel-o, do mesmo modo que a ave só cantou quando seu canto feriu um ouvido.

•

Ha quem, para apreciar o valor de uma obra literaria ou artistica, espere a opinião dos criticos. Tambem ha quem necessite consultar o relogio para saber si tem fome ou somno.

•

A democracia, nos paizes semibarbaros, é a lei de Gresham regendo as almas.

•

São infinitamente mais numerosas as judias que os judeus. Não me surprehenderia si se chegasse a demonstrar que todas as mulheres são judias.

•

Ou "Meu senhor" ou "Meu querido João" "Meu estimado João"

•

"As pessoas obrigadas a viver no campo para não morrer — escreveu M. Pailleron — me fazem o effeito dessas cadeiras de que nunca se tira o fundo para conserval-as melhor". Acrescentarei, por minha vez, que as pessoas obrigadas pela necessidade de ganhar o sustento a viver permanentemente na cidade, me fazem lembrar essas cadeiras dos hoteis baratos, desmanteladas e gastas antes de tempo por excesso de uso e ausencia de fundo.

•

Todos nós estivemos na imminencia de salvar-nos de existir; e os que nascemos somos uma minoria ridiculamente pequena ao lado dos que conseguiram livrar-se do perigo.

•

O homem é um tubo complicado.

•

"Até bem entrado o seculo XV — escreve um autor do seculo XVI — os enamorados não eram submettidos a nenhum tratamento especial. Permittia-se-lhes andar soltos, contrahir matrimonio e falar de sua mania com as pessôas sans".

•

— Quantas cousas ha aqui de que necessito eu! — exclamou Sócrates deante do mostruario de uma tenda de Athenas.

Si todos os homens, si todas as mulheres fizessem semelhante reflexão, lucidos estariam o commercio e a industria, e com elles o progresso da humanidade.

Decididamente os philosophos são uns perigosos energúmenos, inimigos do bem-estar collectivo.

•

Desconfia do homem que pertence a um grupo. E' facil que seja todo um talento, mas é impossivel que seja todo um homem.

•

A leitura dos jornaes obscurece os cerebros e suja as mãos. Felizmente, as mãos, pelo menos, se podem lavar.

•

O espiritismo é o que restaria de uma religião, si esta fosse despojada de todo o conteúdo poetico; é, no terreno religioso, algo assim como o sôro deante do leite fresco.

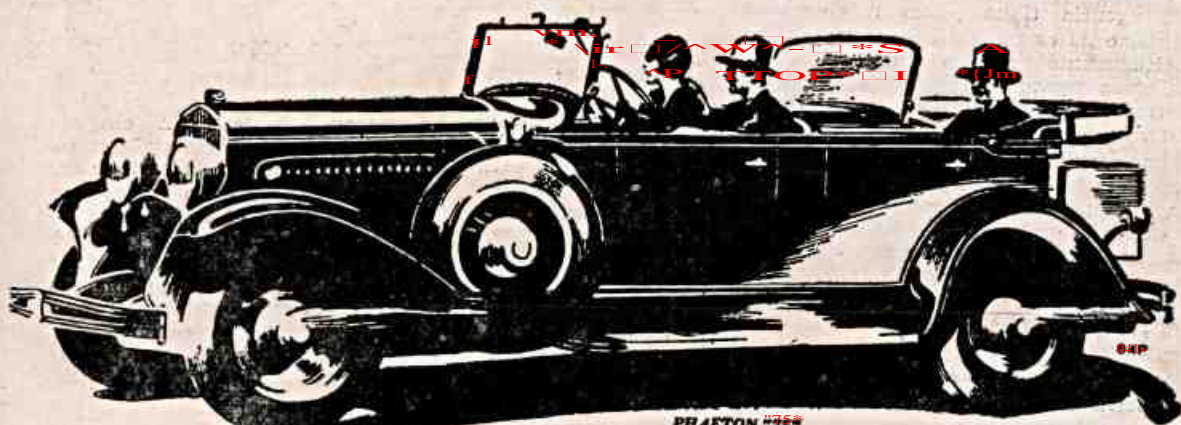
•

Ha poucos homens para quem a palavra "liberdade" não seja synonimo de "dinheiro".

•

Seriam deliciosos os amores com as mulheres intellectuaes, si os melhores momentos não fossem prejudicados pela dialectica.

•

A imbecilidade é um extase que se prolonga com excesso.

HAVIA muitos annos que Adriana Gomes era encarregada da secção de *registados* e *expressos* na pequena agencia do correio de uma cidadezinha de provincia.

Quantas vezes seu rosto emmurchecido de solteirona se illuminára com um espontaneo sorriso, ao pensar na alegria que despertaria nos destinatarios o receber algumas das cartas registadas, sobre as quaes punha o sello negro do correio! Em sua fecunda imaginação forjava novellas sem fim e maravilhosos contos, que acabavam deixando-a pensativa e emocionada, atraz da grade.

A agencia tinha pouco movimento, e os escassos clientes que habitualmente a frequentavam acabaram travando relações com os tres empregados que os attendiam.

Uma manhã, ao distribuir a correspondencia, Adriana permaneceu longo tempo pensativa, pois, entre as cartas chegadas e cujos endereços lhe eram familiares, acabava de chamar-lhe a attenção um grande envelope azul que rezava:

“Senhorita Lydia Romano — Posta Restante.”

A letra era elegante, decidida. Indubitavelmente, era letra de homem. Em seguida, Adriana imaginou: alto, moreno, delgado todo barbeado, e com o cabello penteado para traz. Ella, a destinataria, devia ser uma jovenzinha loira, á semelhança das heroinas dos *films* americanos que ella costumava ir ver no cinema local.

Adriana collocou o envelope na caixa respectiva, mas durante toda a manhã não cessou de continuar desenvolvendo a novella que sua mente havia forjado. A' hora do almoço pensou que durante o tempo em que estaria ausente, *ella* podia vir e que não a veria; apressou sua frugal merenda, o mais que poude, afim de voltar a seu posto muito antes da hora habitual. Vestindo de novo e apressada sua blusa branca, correu a seu posto de trabalho, não sem haver antes lançado uma rapida olhadela á caixa da Posta Restante, afim de verificar si a carta permanecia ainda em seu logar, e com o tom mais indifferente que sua voz podia adquirir, perguntou ao encarregado da venda de estampilhas, que a substituia durante sua ausencia:

— Veiu muita gente emquanto eu almoçava?

O substituto levantou ligeiramente os hombros, e respondeu:

— Ora! Neste logar, e sobre tudo a esta hora, póde-se dizer que o movimento da agencia é quasi nullo. Apenas veiu uma joven loira reclamar uma carta, mas como estava eu muito occupado em resolver um problema de palavras cruzadas, e a menina não trazia nenhum papel para comprovar a sua identidade, a despachei como de costume...

— Era bonita, não é verdade? Loira? De cabello *á la garçonne*? Que nome deu?

— Pareceu-me bonita, embora eu não a tivesse olhado muito. Disse chamar-se Nidia, Lydia ou cousa semelhante. Quanto ao sobrenome que deu, não o recordo.

Era loira!... Tal como o havia imaginado. De certo voltaria... Adriana esperou-a impacientemente durante toda a tarde, mas ella não veiu...

No dia seguinte, ás primeiras horas da manhã, abriu a porta da agencia para dar passagem a uma joven esbelta, elegante e bem parecida, que se dirigiu resolutamente para a janellinha da *Posta-restante*.

Adriana enrubesceu de satisfação quando a visitante, extendendo-lhe um papel de identidade, murmurou:

— Não haverá aqui uma carta registada dirigida a Lydia Romano?

Sem se deter a examinar o comprovante, Adriana levantou-se, foi á caixa da *Posta-restante*, apanhou o envelope azul e o entregou á joven loira.

Esta agradeceu-lhe com uma leve inclinação de cabeça, e, sem olhar a carta, a poz em sua bolsa e sahiu.

A cada correio que chegava á agencia, Adriana, nervosamente, se apressava em verificar si não vinha nova missiva para a loira desconhecida.

Oito dias depois, encontrou outro envelope azul e, impacientemente, esperou a chegada de Lydia. Dessa vez mal a viu transpôr o humbral da porta, e sem dar tempo a que ella lhe perguntasse alguma cousa, correu para a caixa da correpondencia sem endereço afim de entregar-lhe a carta, acompanhando esse gesto com um sorriso de cumplicidade. O envelope azul trazia o carimbo de São Paulo.

— Certamente, elle lhe escreverá ardentes palavras de amor — disse.

Durante cerca de dois mezes foi regularmente, todas as semanas, buscar sua correspondencia, e Adriana continuava entregando lh'a encantada, admirando os cabellos doirados, os formosos olhos azues e a graça infantil que emanava da pessoa de Lydia. Teve mil vezes intenções de falar-lhe, de receber confidencias, mas nunca se atrevia a fazel-o.

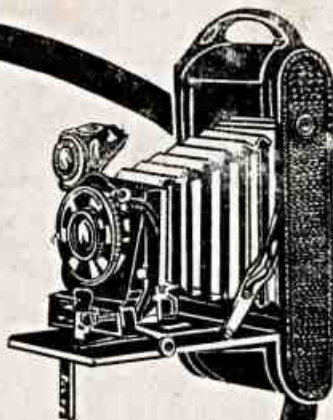
Um dia, em que a joven compareceu á agencia, não havia carta! Amavelmente, Adriana procurou desculpar-se, como si fosse ella a culpada por essa falta.

— Não ha nada, senhora... Talvez um atrazo do carteiro... E' tão moroso esse empregado! Com certeza amanhã...

Lydia voltou duas ou tres vezes seguidas. Depois, foi espaçando suas visitas até deixar de ir áquella agencia de correio.

Adriana comprehendeu que sua *novella* havia terminado e a agencia pareceu-lhe triste, a existencia monotona. Sentiu odio contra aquelle desconhecido que, sem duvida, martyrizava o coração de sua protegida. E a esse odio unia-se um grande pesar de não ver mais Lydia, feliz e contente, sahindo da agencia escondendo sua carta azul no fundo da bolsa.

Muito tempo havia transcorrido depois que Lydia deixára de apparecer na agencia, quando, uma manhã, quasi Adriana lança um

V. Ex. já conhece o nosso variadissimo stock de OCULOS, PINCE-NEZ e APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS?
Para optica temos uma officina montada com todos os preceitos da technica moderna e para photographia temos, além de uma officina para concertos de machinas, um laboratorio para revelações, ampliações e COPIAS PHOTOGRAPHICAS ESMALTADAS, sem augmento de preço, que entregamos no mesmo dia.
LUTZ, FERRANDO & C.IA LTDA
OUVIDOR 88 — GONÇALVES DIAS 40
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO — 15 DE NOVEMBRO 47

(Conclusão)

III

grito de alegria ao notar, entre a correspondencia diaria, o ansiado enveloppe azul, sobre o qual, tremula de emoção, leu:

"Senhorita Lydia Romano — Posta-Restante."

O sello indicava procedia da Europa. Como estava longe!

Uma infinita tristeza encheu a alma de Adriana. A joven Lydia não voltava mais á agencia! Si soubesse de seu endereço, com que alegria lhe annunciaria a novidade!... Mas a carta devia ir occupar seu triste logar dentro da caixa de madeira, e, certamente, estava destinada a ir para a cesta da correspondencia não reclamada dentro do prazo legal.

Passou o tempo, e, embora o prazo houvesse expirado longamente, o enveloppe azul permanecia em seu logar.

"Quem sabe — dizia comsigo Adriana — si ella não apparece! A casualidade é tão grande!"

Ao sahir, uma tarde, da agencia, Adriana julgou reconhecer em uma joven, que ia á sua frente, a graciosa silhueta de Lydia; e, sem reparar nas pessoas que atropelava nem nos charcos de agua que pisava, a solteirona sentimental continuava correndo atraz da supposta heroína de sua novella. Quando conseguiu alcançal-a, soffreu uma grande decepção: não era ella!...

Voltou tristemente para sua casa, pensando que tudo havia terminado. "Ella" não viria mais buscar a carta que tanto e tão ansiosamente havia esperado.

— Senhorita — disse-lhe dias depois, o chefe da agencia — o seu serviço não é tão intenso, e, no

emtanto, vejo que se descuida constantemente do mesmo. Eis aqui uma carta não reclamada, e que ha mais de quatro mezes se acha na caixa da Posta Restante. E' inconcebivel que uma antiga empregada como a senhorita não saiba que nos é prohibido conservar mais de um mez a correspondencia. Por que não cumpriu com sua obrigação de devolver essa carta?

Adriana baixou a cabeça. Para que serviria entrar em explicações, si o chefe não as comprehenderia.

E, apanhando o enveloppe azul, taxou a direcção, e, tremula, estampou sobre elle o signal irrevogavel: *Desconhecido*, emquanto o chefe, malhumorado, resmungava:

— Que desordem!... Que moça descuidada!... Si eu não tivesse olhos para tudo...

Deante dessa novella amorosa, terminada antes que pudesse conhecer-lhe o desenlace, Adriana sentiu que uma grande decepção lhe invadia o sêr, e, como um ultimo adeus ao sêr querido, depositou no enveloppe azul um longo e apaixonado beijo, antes de atiral-o na cesta dos *desconhecidos*. ::

Um assassinado que "resuscitou" millionario

Os jornaes de Colonia dão noticia da estranha aventura occorrida a um individuo chamado Ulrico Scheley, que, em setembro de 1894, morava em Rohfelden, perto de Birkenfeld.

Esse individuo, que tinha então trinta annos de idade, desappareceu subitamente e de uma maneira mysteriosa. Não se despedira de ninguem, nem siquer de sua familia.

Alguns mezes depois, foi encontrado, em um bosque de pinheiros, um esqueleto coberto com uns andrajos.

Os parentes de Ulrico manifestaram que aquelle esqueleto era o do desapparecido, que sem duvida havia sido victima de um assassinio.

Algumas pessôas foram presas. Mas todas ellas negaram energicamente, e foi necessario pôl-as em liberdade por falta de provas.

O esqueleto foi enterrado, pela familia de Ulrico, no cemiterio local, e sobre elle foi collocada uma lapide em que se lia "A' memoria de Ulrico Scheley, infamemente assassinado por uns mysteriosos criminosos. Paz a sua alma".

Desde então a familia de Ulrico tinha sempre flores sobre a tumba, e esse piedoso costume foi seguido pelos filhos do irmão do desapparecido.

Mas, ha poucos dias chegou a Rohfelden um velho bem vestido, que parecia possuir uma bôa fortuna.

Perguntou pela familia Scheley, e quando soube o endereço, se apresentou em casa da mesma.

Era á hora do jantar, e um Scheley, irmão do desapparecido Ulrico, acabava de sentar-se á mesa em companhia de sua esposa, dois filhos, duas noras e seis netos.

Todos ficaram surprehendidos ao vêr entrar aquelle cavalheiro de aspecto respeitavel, que se dirigiu ao velho chamado Abel, ficou olhando-o demoradamente, e falou:

— Não mudaste muito, meu irmão.

Abel, atonito, respondeu:

— Não o conheço. Sem duvida, o senhor deve estar enganado.

— Não. Não estou enganado. Eu sou Ulrico!

— Fóra daqui, impostor! — gritou Abel. — Ulrico morreu assassinado ha trinta e quatro annos, e está enterrado no cemiterio local! Alli se póde vêr sua sepultura.

— Mas, como posso eu estar enterrado no cemiterio local, si acabo de vir da America?

E, todo confuso, se dirigiu ao cemiterio por um caminho que demonstrava conhecer perfeitamente.

Toda a familia Scheley o seguiu perplexa.

Chegando ao cemiterio, o desconhecido se deteve deante da tumba que lhe indicaram e leu a inscripção da lápide.

— Quem está ahi em baixo? — perguntou.

— O cadaver de Ulrico Scheley, assassinado mysteriosamente no bosque vizinho! — respondeu, com voz cavernosa, Abel.

— Asseguro-te que não, meu irmão — disse o desconhecido. — Ulrico está vivo e sou eu. Sahi daqui para emigrar para a America, e não o disse a ninguem para que não se oppuzessem a minha resolução. Vivi na America trinta e quatro annos. Fiz uma fortuna de um milhão de dollars. Permaneci solteiro e quero morrer no logar onde nasci e deixar meu dinheiro a meus herdeiros naturaes, que são teus filhos.

Este ultimo argumento commoveu e convenceu a familia Scheley, e tudo acabou entre abraços e lagrimas.

G. F.

EXPOSIÇÃO DE BORDADOS DA COMPANHIA SINGER Na visita que fizemos á magnifica exposição de bordados de varios generos, executados pelas alumnas das aulas gratuitas das agencias da «Singer Serving Machine Co., desta capital, benemerita instituição que ha longos annos vem concorrendo para o nosso progresso, facultando com efficiencia o profissionalismo feminino no seu mais proficuo e intelligente desenvolvimento, obtido pelas suas aperfeiçoadas machinas, de accôrdo com methodos praticos e modernos, podemos affirmar ter-nos causado a melhor impressão. A referida exposição acha-se installada na casa matriz, á rua do Ouvidor, 63, onde o nosso publico tem affluido para admirar a rica variedade de trabalhos, verdadeiros primores de arte, esmero e fino gosto, sendo de justiça felicitarmos o digno superintendente, sr. Theodor W. Mayer, pela sua fecunda direcção, assim como ao gerente, sr. H. Moreira, e demais professores da «Singer Serving Machine Co.»

Concurso Sabonete EUCALOL

(MENÇÃO HONROSA)

EUCALOL... Primo inter pares
Sobrepuja os similares;
Juro, sem medo de errar.
E' um sabonete oloroso,
Que torna bello e formoso,
A todo aquelle que o usar.

Feijó Giraldes.

Rua Emilia Guimarães 40 — Rio

Bons costumes

A penitenciaria de X.... era um modelo quanto á limpeza, ordem, severidade e bons costumes.

O detento que alli entrava, ao tempo que era submettido a um regimen perfeito de educação physica e moral, ficava como novo.

O director, homem de inflexibilidade militar, não tolerava a menor transgressão no que se referia á obediencia, ao trabalho e, sobretudo, ao respeito escrupuloso do estatuido chronometricamente para todos os actos dos sentenciados.

A's sete da manhã, a população penal tinha que estar de pé e fazer a sua *toilette* matinal. A's oito, tomar café. A's nove, entrada para as officinas e a escola. A' uma, almoço. A's duas, passeio. A's quatro, volta ás officinas e á escola. A's oito da noite, jantar, e ás dez toque de silencio ou retreta.

E diariamente o programma era cumprido á risca, sem a menor objecção ou desculpa.

O director havia chegado a dominar de tal maneira aquelles homens indomaveis, que até lhes concedia certas liberdades, e se utilizava delles para affectuar trabalhos fóra do carcere ou sahir ás compras para o estabelecimento.

Assim é que os presidiarios se achavam muito satisfeitos, e nestes tempos de vida cára, ainda mais, pois em logar algum achariam abrigo mais seguro do que o carcere, nem alimentação mais substanciosa que as que lhes facilitava gratuitamente o Estado, grande protector de todos os miseraveis e de todos os semvergonha.

Por outro lado, as familias dos presos e muitos amigos lhes traziam um sem numero de presentes, taes como fumo, doces, frutas e objectos de asseio, todos os dias visitados por suas familias nas horas O director consentia que os presidiarios fossem destinadas ao passeio, e até frequentemente lhes permittia déssem uma voltazinha com a esposa ou com a noiva, para desentumecer os membros anquilosados pela falta de movimento.

Mas, occorreu o que tinha de occorrer. Um dia, em que havia concedido autorização a dois rapazes para sahirem até o anoitecer em companhia de suas noivas, viu, com surpresa, o director, que os taes não regressavam, apesar de o sol já se ter posto havia muito tempo.

O director estava furioso, e de sua bocca sahiam expressões pouco em harmonia com a moral mais elastica.

— Esses bandidos não cumprem com sua palavra! — gritava, impaciente, passeando de um lado para outro, em seu gabinete. — Tal abuso não se póde tolerar!

Transcorriam os minutos e os dois presidiarios não regressavam.

O carcére estava como sob os effeitos de um phenomeno sismico.

Os presos e os funccionarios se mostravam indignados pela conducta pouco correcta dos rapazes.

— Devem ser castigados severamente — diziam os reclusos.

— E' preciso dar-lhes uma bôa lição! — reforçavam os empregados.

— Hão de vêr vocês — exclamou o director — hão de vêr o que lhes vae acontecer por se terem atrazado!

Afinal, assim por volta das oito e meia da noite, appareceram os dois rapazes.

— Que é isso?! — gritou-lhes o director, em presença dos guardas e da população penal, que se haviam reunido para verberar a conducta dos companheiros abusadores.

— Senhor director — respondeu um dos recemchegados: — pedimos-lhe perdão pelo atrazo; mas as pequenas nos pediram que as levassem a um baile, e quando nos lembrámos de voltar, já havia passado da hora. Mas não faremos outra vez. Juramol-o. Promettemol-o.

— Está bem! — replicou o director, com voz severa e franzindo o cenho. — Está bem! Mas, advirto-lhes que, si da proxima vez não voltarem ao carcére ás oito em ponto, mandarei fechar-lhes a porta, e vocês dormirão na rua! Era só o que faltava!

Os rapazes tremeram.

E desde aquelle dia não mais quizeram sahir...

RODOLPHO BRINGER

ANNO XXIII — FON-FON — NUMERO 26

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1929.

BOMBAS DE SÃO JOÃO...

PARA os que presentemente festejam a noite de S. João, em amplas salas enceradas, mui chegados os corpos no saracotear das danças, sob o ruido do *jazz* ou de uma victrola sonóra, deve ser fastidioso ouvir contar, reviver, um pouco da tradição brasileira que se esbate, lá ao longe, diluindo-se ao sopro do cosmopolitismo invasor.

Já não ha quem acredite que, nessa noite, a mais fria do anno, possa alguem passar sobre brazas, descalço, sem queimar os pés...

Já não existem escravos, nem as velhas fazendas, onde, nessa noite, a poesia triste das *senzalas* soluçava ao som cavo do *batuque* dos pretos.

Morreu o ultimo tocador do *tambaque*, perderam-se no silencio da floresta os chocalhos, os pandeiros, as taquaras dentadas, o instrumental que fazia vibrar a alma selvagem dos negros oriundos de sangue africano.

Já ninguem leva em procissão, pela meia noite, a imagem de S. João para a mergulhar tres vezes na fonte de agua crystalina, nem existe a disputa para a primazia da lavagem do rosto, na agua do banho, pois que isto garantia a felicidade sonhada, de um amor cheio de graças...

Recordando um pouco do *nosso passado*, devo parecer ridiculo aos olhos da geração do *rouge*, do pó de arroz e *tafetás*...

Melhor!

Ser ridiculo é não se parecer com os insipidos, ensinou-me o amavel Eça.

Os rufos, os pandeiros, as gaitas fazem agora a *delicia* da alma selvagem dos salões.

Hypertrophia ou esthesia do sentimento? Sei lá!

Verdade é que o *batuque* dos pretos e o *can-can* dos brancos se parecem.

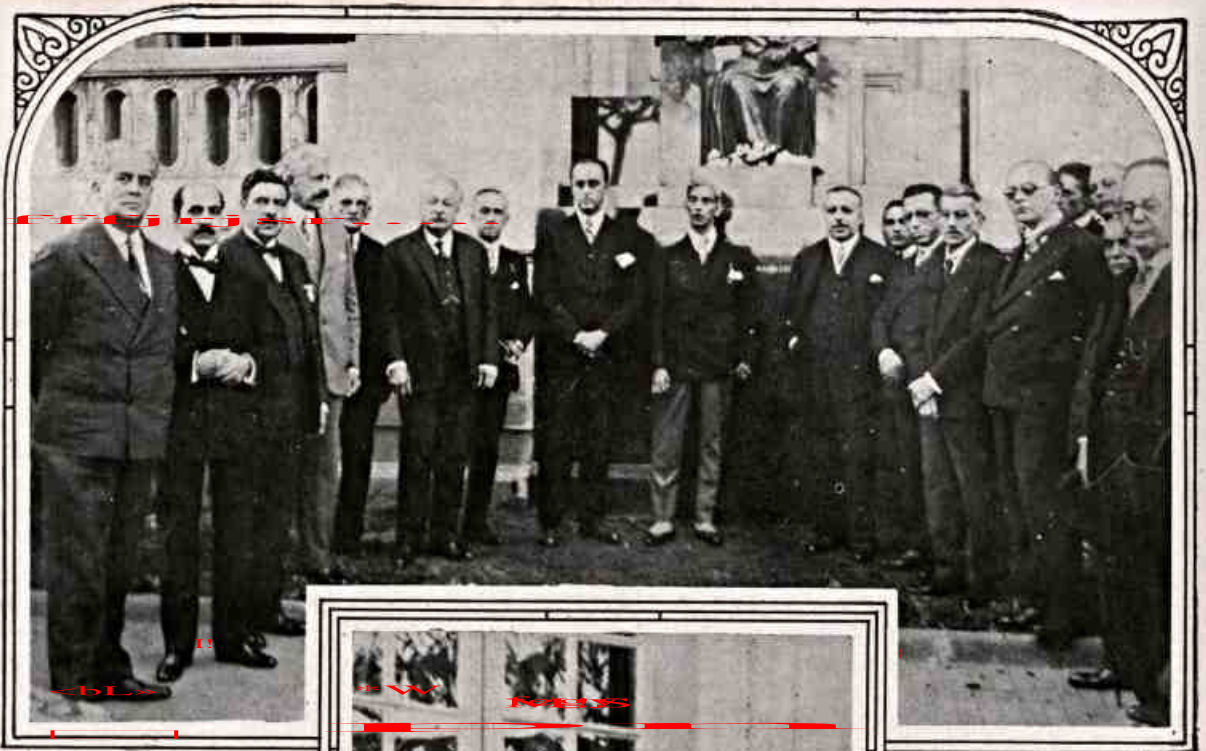
Si não levamos em procissão a imagem do Baptista, para a simulação do banho sagrado, não temos pejo em carregar nos hombros, em triumpho, Venus victoriosa.

O paganismo retórna, dominando o campo, a cidade, e no reinado das *missas* cultúa-se a belleza das fórmas, por cento de melhor quilate que a do espirito...

O chronista de hoje está prohibido de alludir ao *passado*, porque tem de viver o *presente*.

Nas claras noites de S. João que lá vão, tiritantes de frio, era possivel a uma criatura sonhar candidamente com a felicidade, com o milagre do Amor!

Agora, depois de alguns *cocktails* — *champagne*, divertimo-nos em morder labios, como a ironia morde a nossa penna de escriptor da época...

MARIO POPPE

SEIXOS

Hoje, não sei por que, amanheci feliz. A alma cantando uma canção sonora.

Logo pela manhã, ao sahir á rua, sorrindo interiormente e os olhos sorrindo, julguei que toda a gente era feliz... E' que eu, possuido de um desses sentimentos inexplicaveis que nos nascem nalma inesperadamente, não podia vêr, penetrar a realidade da miséria humana, adivinhar a angustia de quanto coração apparentava indifferença e calma...

A's vezes, sem atinar por que, a gente amanhece feliz d'uma felicidade assim...

. . .

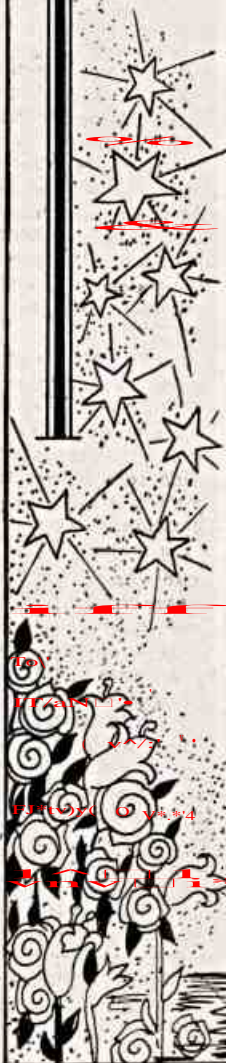
Um flagrante da inauguração da estatua de Machado de Assis, na Academia Brasileira de Letras. Em torno ao bronze, que se vê em frente ao «Petit Trianon», estão varios academicos e, entre elles, o ministro das Relações Exteriores. Em baixo, apparece o poeta hespanhol Francisco Villaesdesa, discursando, na Academia, por occasião de sua recepção, naquelle cenaculo.

O Praia Club offereceu aos seus associados uma festa original, commemorando o tradicional dia de S. João. Nessa festa, que esteve muito animada, foi servida uma ceia caracteristica, á maneira dos nossos costumes regionaes, não faltando mesmo a celebre fogueira, que deu a «côr local» á noitada alegre e cheia de encantadores attractivos.

Muito mais branca, muito mais linda,
Mas linda e branca de transfigurada
D'aquelles beijos,
Colhias as forças, querendo alliviar-me da angustia
Do adeus e da tarde.
E então me dizias, cravando-me os olhos profundos
De novas promessas de beijos mais longos que aquelles:
"Olha que o mundo não se acaba!
Vamos! Espera até amanhã..."

O céo enramou-se, tremente de estrellas,
A terra estrellou-se, cheirosa de flôres,
Os homens caminham, deslisam as sombras,
E eu sigo a tua sombra que á luz das estrellas me foge,
Tocada de flores,
E vou pelo mundo agoniado de não te esperar.

Mas não me enganaste, que eu vivo tambem espantado
De vêr como o mundo até hoje ainda não se acabou!

HORACIO CARTIER.

E VANIDADE...

A FELICIDADE NO AMOR

HA uma lenda grega que demonstra ser a felicidade uma illusão. A felicidade no amor não existe — segundo ella. Não me lembra onde encontrei essa lenda. Mas, si não me falha a memoria, ella falava de um mercador que vendia ventura. Um pescador, que descobrira a sua existencia, foi procural-o e pediu-lhe uma felicidade bôa. O vendedor deu-lhe uma joven linda por esposa. O pescador, durante muito tempo, foi feliz.

Mas, por fim, elle se aborreceu daquelle estado de coisas. Voltou ao homem das felicidades, e supplicou-lhe uma outra.

— Estou cansado de tanta alegria — lamentou elle ao mercador. Em minha casa decorre tudo tão sereno, tão suave, que, ás vezes, desejo um incidente qualquer, que venha quebrar a monotomia da minha vida.

— E a sua esposa?

— Queixa-se do mesmo mal.

O vendedor prometteu dar-lhe uma nova felicidade.

Quando o pescador chegou á casa, de torna viagem, não encontrou a esposa risonha... Soube que ella havia fugido com outro.

O pescador chorou muito. E, no outro dia, fiado na palavra do mercador, voltou á sua tenda, para receber a nova felicidade.

Das mãos do negociante, recebeu uma felicidade que não era de esperar: outra mulher bonita e joven. Mas não era bôa como a primeira. Ao contrario, era feroz.

Dahi por deante, a vida do pescador tornou-se um inferno para elle. Deixou de viver em casa. Os seus dias e as suas noites, elle os passava no mar, — ao sol glorioso da primavera e ao doce clarão do luar. Só alli, na solidão, é que elle se julgava feliz. Convenceu-se depressa de que, no amor, não ha quem se considere feliz. Pois a verdade é que todas as situações para quem ama são incertas, duvidosas e transitorias. A alma humana é incontentavel.

*** Ora, essa lenda me leva a conjecturas sombrias. E' com melancolia que constato a philosophia que ella encerra. Quantas vezes nós somos felizes, na communhão do affecto que mais ambicionamos, e, um bello dia, destruimos a nossa felicidade, na esperança de encontrar uma outra melhor!

Bilac definiu esse erro nos versos lapidares de um tercetto, que anda na bocca de todos os amantes que soffrem:

> Quem ama inventa as
> [penas em que vive;
> e, em logar de acal-
> [mar as penas, antes
> busca novo pezar com
> [que as avive...

E assim é.

Nunca estamos contentes com o pouco de ventura que o destino nos dá. E, muitas vezes, ignorando que essa ventura é a que desfrutamos no presente, abandonamol-a, para perseguir uma outra, que entrevemos no futuro.

Quando falham os nossos projectos, os nossos sonhos, as nossas aspirações, e vêmos que a felicidade foi a que deixamos atrás de nós, blasphemamos, vociferamos, revoltados contra o destino. E, de novo, corremos a buscar a felicidade perdida, — dispostos mesmos a reconquistal-a pela metade.

*** Namorados, amantes felizes, contentae-vos com o pouco que tendes nas vossas mãos! Não vale a pena correrdes atrás de uma felicidade incerta!

E ficae certos de que essas duvidas, essas vacillações, essas rusgas, que vos fazem chorar, muitas vezes, provocando recriminações, de parte a parte, por um incidente minimo — um olhar de desdem, um sorriso concedido a outrem, um beijo que se negou, um encontro que não se realizou — tudo isso, ó namorados! é a felicidade sob uma forma diversa da felicidade sonhada! Mas nem por isso deixa de ser uma felicidade bôa — desde que vos contenteis com aquillo que o destino vos der. A serenidade constante no amor produzirá a monotonia; o tumulto vos deixará inquietos; nesse caso tereis de preferir o isolamento do pescador da lenda — o que será mais doloroso, para quem não comprehende a vida sem o amor.

Senhorita Helena de Magalhães Castro, a festejada violonista que, antes de partir para a Europa, realizará dois recitaes no Beira-Mar Casino, sendo o primeiro, no dia 30 do corrente, ás 9 horas da noite, e o segundo, ás 5 horas da tarde, no dia 4 de Julho, no mesmo theatro.

CARTA A UMA INGENUA — Emquanto esse fauno de bronze, um pouco revestido de azinhavre, ri o seu riso debochado, acocorado á borda do meu tinteiro — esse bello presente de uma dama illustrada — leio e releio, pachorrentamente, a sua carta de tom lilaz — triste talvez como a sua pequena dôr de moça ingenua e escrava dos seus deveres sociaes.

Escreve você, minha dóce Marina: "E' horrivel a minha situação. Romeu era louco por mim. Seria capaz de todos os sacrificios pela minha pessôa; mas depois que a minha familia começou a fazer pressão sobre elle, para que me pedisse em casamento, Romeu, o meu bello Romeu, começou a esquivar-se de mim — quasi me evitando hoje. Que fazer, meu caro Y...? Dê-me um bom conselho — você que tem a grande experiencia de amar e ser amado — e mesmo de amar e não ser amado. Vamos! Fale! Diga-me alguma coisa, porque, do contrario, eu me atirarei na Guanabara, no canal do Mangue, ou me despenharei do Corcovado abaixo."

Li e reli a sua missiva lilaz, como banhada do sangue anemico de um coração desolado. E reflecti commigo mesmo estas palavras que ahi vão, não á guisa de conselho (os conselhos são lá com o velho Accacio), mas á guisa de philosophia do amôr.

Assim reflecti eu:

— O amôr é um passaro vadio que se fez para a liberdade dos espaços e não para o constrangimento da gaiola. Ainda mais: coagil-o é um crime. Coagido, elle morre como essas plantas que nascem no coração das florestas e vivem da luz pompeante do sol. Levadas para o agasalho das estufas, para o luxo dos jardins de inverno; submettidas aos rigores dos protocollos, impostos ás outras plantas, que vivem á sombra dos tectos, é matal-as de inanição e tristeza.

Esse Romeu amava a essa Marina, escrava da vontade paterna e, quiçá, da opinião publica. Emquanto não lhe crearam opposições, emquanto o seu amôr póde florir como as rosas á luz forte do sol, Romeu adorou a Marina. Mas agora a coacção, os obstaculos, as imposições que a familia lhe creou, no sentido da sua liberdade, produziu uma reacção violenta no seu coração. Ella, a pobre pequena, que nenhuma culpa tem da intervenção da familia no seu caso de amôr, é quem soffre as consequencias da indifferença do moço.

Ah, o amôr precisa ser contrariado na razão directa da sua tendencia.

Assim, só vejo agora uma solução para o caso da minha missivista: é ella declarar-lhe: "Romeu, a minha familia retirou o apoio que dava ás nossas pretenções. A opposição que fazia á liberdade com que nos amavamos, deixando que o nosso amôr se fortalecesse, pouco a pouco, impondo-te uma condição irritante, se transformou n'uma opposição directa, não á maneira de exteriorizarmos o nosso amôr, mas ao proprio amor, que é peor."

Si Marina assim lhe falar, certamente Romeu se obstinará nos seus antigos propositos. E o seu amôr retomará então o seu novo curso, não mais como o passaro frágil, não mais como o tenro arbusto — mas como a aguia potente, como o carvalho vigoroso que desafia os raios e as tempestades..."

* * *

Ahi está, minha querida amiga, minha ingenua Marina, tudo o que lhe posso dizer a proposito do caso afflictivo em que seu coração se dabate angustiado e impotente. — Y***

MELANCOLIA — Ha muito tempo que não escrevo uns certos desafôros contra os domingos somnolentos.

Apresenta-se hoje uma excellente occasião.

Os senhores não imaginam a epidemia de victrolas que anda aqui pela minha rua. Mas, francamente, não é para falar mal dessas raixas de musica que estou escrevendo esta nota.

Pelo contrario: eu gosto muito das victrolas. Principalmente desta que ha aqui em casa e que aos domingos canta o dia inteiro, com aquella sua voz fanhosa de quem comeu teia de aranha.

Agora mesmo ouço o disco contar a historia linda de um tango que, por pouco, não me enche os olhos dagua.

Ha dias assim, principalmente nesses domingos mansos, calados, em que a casa fica inundada de melancolia e silencio: tudo nos enternece. E, hoje, mais do que nunca... Mas não! Para que revelar coisas que não interessam aos senhores? Que têm os senhores com as minhas saudades, as minhas magoas, as minhas decepções?

Direi apenas... Não, não direi nada. Quero apenas que me respondam: já sentiram, algum dia, o coração nesse estado confuso de muitas emoções, ao mesmo tempo?

Uma tem como origem a amargura de um rompimento inesperado; outra, é a consequencia do ciume; outra, é o despeito de ter perdido uma criatura amada, sem ter alcançado a victoria de um beijo. Um beijo, que é o prologo do amor! Ainda outra: o desejo de reconquistar uma affeição que passou. E mais outra: o prazer de vingar-se da mulher que se divertiu com a nossa alma, como si fosse um polichinello. E mais esta outra emoção esquisita: amar alguem, que desprezamos e que deve sempre ignorar que ainda a amamos... Não é uma sensação esquisita?

A' sahida da missa — em S. Bento — cada paulista tem o coração leve de peccados e um sorriso de agradecimento ao Senhor...

Oh, senhores! E' esse amalgama de emoções tão diversas, tão contrastantes, que nos deixam, ás vezes, nesse estado de apathia penosa, de torpor, de embriaguez, de abstracção, de somnambulismo... E curioso é que a alma só pede rumor, movimento, agitação, vida, ar, sol, alegria, vinho, beijos, mulheres, outras mulheres, sempre mulheres... (*Similia similibus curantur*...)

E, no emtanto, hoje, que estou nesse estado indefinivel de alma, é justamente que este domingo está cheio de brumas, cheio de nevoas. E aqui dentro, aqui em casa, ha uma victrola educada, que não berra maxixes, nem *charlestons* "fuzarqueiros". Ao contrario, parece até uma pequena muito correcta, muito distincta, que sahisse, com medalha de ouro, (classe de canto,) do Instituto de Musica.

Só lhe falta a boina e uniforme verde.

Pois essa victrola educada está hoje a cantar as coisas mais lindas e mais tristes deste mundo. Melodias, serenatas, balladas, "romanzas", tangos argentinos.

E que tangos! Uns tangos lentos, cujas phrases se objectivam e se plasmam em attitudes lentas, estudadas, revelando dôr ou nostalgia, odio ou dolencia amargura ou renuncia, prazer ou soffrimento.

Oh, os tangos! Como elles machucam as almas machucadas!

Agora... Esperem... Agora a nossa victrola educada está cantando sob as arcadas de um violino gemente...

Decididamente: eu hoje não estou de sorte. Quizera poder trocar a minha alma pela daquelle camarada feliz, gordo, cheio de saude e bigodes, que alli passa, ao lado de uma valente mulata, carnavalescamente com as suas botas amarellas, a sua roupa cinzenta e o seu chapéo verde-veronese.

Homem feliz, aquelle da mulata valente!

O violino acaba de chorar. E eu me recordo da phrase do romancista italiano: "E gli estenuati violini degli tzigani cantavano languidamente il *refrain*:"

J'ai lu dans un livre
qu'il est doux d'y vivre:
veux-tu, nous irons...
Hindoustan!

CLARO-ESCURO — De Yves — A's vezes, eu me deixo ficar á janella do meu quarto. Essa janella eu a amo porque ella me dá ensejo de fremir, de palpitar, de soffrer ou de sonhar, sob as mais variadas emoções: bôas e más dôces e violentas, ternas e brutaes, risonhas ou tristes.

Queram um exemplo?

Primeiro vamos ás de ordem esthetica...

Imaginem... Aqui está a minha janella — um rectangulo olhando sobre um panorama de inexprimivel belleza. De um lado, com o seu casario alegre, atropelando-se, subindo e descendo, um morro alto; do outro lado, um novo morro, mais esfumado, quasi a se apagar na cinza transparente da nevoa. No primeiro plano, a alguns metros da janella, uma arvore. Essa arvore é bizarra, porque sêcca, esgalhada, retorcendo-se toda, como a fazer acrobacias.

A' noite, o luar sobe por traz dos seus galhos. A luz do luar se derrama no céo azul, muito azul que serve de fundo ao painel, isto é, aos morros altos, que lembram, com os seus casarios, os presepes ingenuos de Natal. E' lindo!

Alta noite, quando o céo parece florescer de estrellas brancas, quando o céo parece um jardim illuminado de rosas de prata e de ouro, tremulas e faiscantes, ha sempre uma dellas (creio que é Sirius) que desabrocha e fica assim á maneira de um chrysanthemo, a pender de um dos ramos sêccos da arvore retorcida.

Mesmo sérias, as paulistas são sempre lindas.

Oh, os senhores nem imaginam como é lindo esse espectaculo da noite velha, á hora em que as estrellas conversam e se amam no silencio do céo!

Quando a madrugada chega, o fundo do morro alto, que fica a leste, quero dizer, no oriente, se inflamma todo em purpuras quentes, chammas sangrentas, fogo, muito fogo — um verdadeiro incendio de nuvens e de gaze. Sim, parece que a cambraia das nuvens e a gaze da nevoa pegaram fogo na fornalha do sol despontante.

A's vezes, a gente vê aquella "stella matutina", que tambem fulge nas ladainhas da Virgem, bater em retirada, com médo daquelle incendio pavoroso...

Essa é uma das emoções que recebo á minha janella alta.

Outra? Outra emoção é quando vejo, lá em baixo, á noite, á luz do luar, os perfis de duas criaturas que se amam... Lá se vão elles, os perfis. Caminham, lentamente... De quando em quando — duas sombras de amôr — elles se approximam, um do outro. Apertam-se, estreitam-se, confundem-se. Adeante, se bipartem. E, mais além, se confundem de novo, num beijo longo, ardente, feliz, que causa inveja.

Que querem? E' a vida, a alegria de viver, o amôr!

Si o luar é que faz as sombras, é justo que ellas se amem — nessa festa de beijos — em homenagem ao luar...

OS HOMENS... AS MULHERES — Naquella tarde clara, mlle. era uma rosa viva, que andava e sorria, no espaço do salão cheio de almofadas e moveis de um gos-

to antigo, ricos e luxuosos. Sorria a uns, sorria a outros, falava aqui, falava adeante... Até que passou junto a mim, emquanto o *jazz* atacava um fox-blue.

Deu-me uma petala do seu lindo sorriso e perguntou, brejeiramente, acompanhando o rythmo da musica saltitante:

— Não dança, doutor?

— A's vezes.

— Não é enthusiasta de um fox como esse?

— Depende. Dançar é um prazer como o de amar. Dançamos com quem nos agrada. Não amamos a uma pessoa com quem não sympathizamos.

— Então o amor e a dança são assim parecidos?

— Muito. Muito parecidos. Alphonse Karr disse uma vez: "La femme dans la vie doit attendre qu'on l'invite à l'amour, comme dans le salon elle attend qu'on l'invite à la danse..."

Mlle X...., linda como uma rosa viva, que andava e sorria, concordou:

— Realmente. A dança e o amor. Como se parecem.

Sentou-se a meu lado. A uma almofada que a veio tirar, ella se desculpou com ironia: "Não sei dançar", e interessou-se para que lhe falasse sobre o amor.

— Oh! fiz eu, mas uma conferencia, aqui, n'um salão de baile? Talvez não lhe agradasse muito. As moças quando vêm a um baile só o fazem para arranjar casamento, e não para ouvir conferencias...

— Ah! — soltou ella n'um muchôcho. — Falemos serio. E já que tratou de casamento, diga lá: que pensa delle?

— Penso.... Não penso nada...

O casamento é coisa que depende de pontos de vista. Pode ser um bem e pode ser um mal. De qualquer modo é um negocio em que dois entram, suppondo, cada um, que vae tirar o melhor partido.

— E quando falha, doutor?

— Falhou.

— Não é isso. A resposta que esperava não era essa.

— E qual era?

— Queria que me dissesse: e quando ambos não são felizes.

— Depende. Acontece, ás vezes, como no commercio. Um entra sem real e sae rico. O outro é logrado. Outras vezes, o caso é semelhante ao da casa commercial que é devorada pelo fogo e não estava no seguro: perdem ambos.

— Não penso assim.

— Como pensa?

— Penso que... Afinal, penso que casar é bom...

— Já disse que tudo depende do ponto de vista de cada um. A's vezes, a mulher é infiel e o marido, não concordando com isso, estrangula-a, como na "Sonata de Kreutzer"...

Mlle. fez — "ui", assustando-se. Continuei:

— Outras vezes...

— Outras vezes — atalhou — a mulher estrangula o marido...

— A mulher o engole com botas e chapéo.

— Credo! Deixe de pilherias, doutor. Vamos, diga lá: em que caso é que o casamento depende de pontos de vista?...

— Já lhe expliquei um delles.

— E o outro?

— O outro é quando o marido concorda com todos os actos da esposa.

— E até mesmo em que ella lhe bata?

— E até mesmo em que se vá embora com outro.

O jazz irrompeu novamente. Um velhote de monoculo, ridiculo no seu

aplomb, veio tirar mlle X... Ella olhou-me ainda, com um sorriso brejeiro, e disse, já nos braços do seu par, como si estivesse a ensaiar um vôo:

— Mau!

Adelmar Tavares, que é um poeta de sensibilidade fina, e tão querido em nossos salões elegantes, o poeta emotivo de uma "Noite cheia de estrellas", offereceu-nos umas lindas trovas de São João, que foram publicadas, com uma illustração de Paulo Barcos, em nosso numero passado. Mas que pena! As lindas trovas do poeta sahiram com algumas incorrecções. Nada porém, perderam com isso as nossas leitoras, pois ellas aqui vão, novamente, corrigidas pelo proprio autor.

CANTIGAS DE CIRANDA

Sonhei comtigo esta noite,
E que era teu bemquerer.
— Só mesmo um sonho, querida,
Isso poderia ser...

Quando o amor é verdadeiro,
E a gente é delle infeliz,
Leva-se a Vida soffrendo,
Vem a Morte, e não se diz...

Já lá vai morrendo o dia,
E hoje ainda não te vi.
— O dia que não te vejo,
E' dia que não vivi...

Quem tiver amor, esconda,
Faça por muito esconder,
Que as coisas da alma da gente,
Ninguem carece saber...

Por toda a Vida te lembro!...
Cem annos que ella me désse...
Porque o primeiro é o primeiro,
Primeiro amôr não se esquece!...

Maria deu-me uma rosa,
Dizendo que é meu amôr.
E eu não posso vêr Maria
Que não pense n'uma flôr...

Não quero ouvir o teu nome,
Nunca mais te quero vêr!...
— E passo a vida pensando
O modo de te esquecer...

Dizem que a Sorte é inconstante
Porque é Mulher... Vae-lhe bem...
— Mas o Destino que é Homem
Porque inconstante tambem?!...

ADELMAR TAVARES.

A Mulher-Chic

UM lindo «tailleur» beige, adornado de castor. E' o ultimo modelo que Jean Patou, de Paris, offerece á sua clientela.

(Photo Luigi Diaz — Paris — especial para o FON-FON.)

LANTERNAS DE PAPEL

A GRANDE AMIGA DO OPERARIO

Sabem quem foi Sevérine?

Uma mulher de espirito e de coração. Uma verdadeira feminista no bom sentido da palavra e não uma cavadora de representações internacionaes disfarçada em feminista. Discipula e collaboradora de Julio Vallés, deixou tres livros excellentes — Pages Rouges e Notes d'une frondeuse, *que caracterizam bem o seu temperamento combativo, ardente e franco,* e Sac á tout *em que sua alma maternal fala dócemente ás crianças. Jornalista, escrevia no* Cri du peuple *e foi nesse orgão socialista que pregou a sua bella these:*

Avec les pauvres, toujours, malgré leurs erreurs, malgré leurs fautes, malgré leurs crimes!

A defesa do pobre fél-a coparticipar das agitações operarias, agitando as multidões grevistas com sua palavra, descendo aos poços escuros das minas, depois das explosões, para cuidar das victimas, realizando subscripções em favor dos miseraveis.

Sevérine adorava a liberdade e cultuava a justiça, amava a alegria e praticava a bondade. Cada pagina que escreveu e cada acto que praticou fóram uma bôa acção. A proposito de sua morte recente, Sergines escreveu nos Echos de Les Annales:

Elle conservait chez elle mille souvenirs touchants: une boule de verre que lui avaient offerte les verriers de Pantin; un moineau de bronze, don des fondeurs qu'elle avait défendu; une balle tirée sur les houilleurs de Decazeville et que ceux-ci avaient encastrée dans un éclat de marbre noir avec cette inscription: "Le plomb n'a jamais tué l'idée". Elle aimait á montrer aussi un Christ ciselé dans un os de boucherie par un mineur et que celui-ci lui avait remis en témoignage d'affection.

Apostolo e defensor do operario, Sevérine não lhe pregava a rebeldia cega e a crueldade, mas protegia-o, esclarecia-o e encaminhava-o. Não lhe incutia no cerebro idéas abstrusas e impossiveis que só fazem correr improficuamente o sangue, porém lhe mostrava as aspirações justas a que podia chegar. Ella foi a maior amiga do trabalhador e do pobre, a mais sincera e a mais justa, porque não aninhava — como tantos Lenines e Trotzkys — a menor ambição de mando á sua custa.

Como um braçado de rosas pallidas, lancemos sobre a sepultura da grande Sevérine estas palavras que ella propria escreveu ha muito tempo:

Les morts ne sont que pitié, pardon, paix et douceur. Cueillez vos plus belles roses et fleurissez-en leurs souriantes effigies.

Vamos por uma época em que os espiritos se agitam ao primeiro sôpro duma grande borrasca social proxima. A ventania terrivel ahi vem e até os fundamentos seculares a sociedade occidental será abalada. Entre nós mesmos, nesta terra dadivosa e livre, almas inferiores, imbuidas de leituras subversivas e estereis, bradam de publico, ferozmente, que "nem a morte apaga o antagonismo entre o burguês e o operario." Nem a morte! E' demais. E o espirito luminoso de Sevérine, a grande amiga do operario, carregada de serviços á bôa causa do pobre, estremece além tumulo, vendo esquecida, calcada aos pés a sua maxima dôce:

"Os mortos são sómente piedade, perdão e doçura."

O maestro Silvio Piergili e sua senhora, em Roma, em frente do Palacio do Laterão.

O nosso collega de imprensa e illustre escriptor dr. Porto da Silveira, por occasião do seu embarque, acompanhado de sua exma. familia, para a America do Norte, aonde vae, na qualidade de delegado dos Estados do Paraná e Santa Catharina, afim de fazer a propaganda do matte brasileiro.

FILIGRANAS

O cubismo morreu.

E' esta a nova que nos chega de Paris. Passou-lhe o attestado de obito don Frederico Alvarez de Toledo, embaixador da Republica Argentina, declarando aos jornaes: "Tenho observado a decadencia do cubismo. O futurismo cae violentamente no descredito geral. Os factos encarregram-se de demonstrar-lhe a falsidade... Poucos dias de vida restam ao cubismo..."

Engana-se o diplomata argentino. As manifestações artisticas não morrem assim por decretos diplomaticos, como não é em virtude delles que nascem. Suas raizes são mais profundas do que suspeitam os embaixadores e seus ramos vão mais alto do que elles possam prever...

O cubismo não vae morrer, vae transformar-se. E' uma das fôrmas do chamado futurismo, isto é, da ansia da alma moderna de se plasmar uma corrente esthetica nova. No dia em que essa se avolumar e precisar, todas as feições que lhe deram origem se fundirão nella. O erro geral é admittir como fim certas manifestações de arte que não são nem podem ser mais do que meios..

* * *

Os jogadores do Tijuca Tennis Club que vão tomar parte no proximo torneio que se realizará no campo da rua Conde de Bomfim.

PAINEL DE AZULEJOS

A manhã é clara e rosada como uma criança que sáe do banho. Chilreiam as aves pelas moitas créspas. E, deante de mim, se desenrola como uma fita levemente amarella entre as altas molduras verdes a velha estrada de rodagem. Páro a uma alpendrada de fazenda para repousar do galope puxado em que vinha sob o ardente sol de fim de inverno. Emquanto sórvo o café escuro e adocicado aos goles lentos, ouço por traz da casa o rumór da farinhada: a conversa das raspadeiras na tulha, o vagaroso roçar da pá do forneiro no atejolado do forno e o ranger do caetetú. Depois, os puxadores de roda cantam em triste som os versos antigos do Sapo Cururú:

Sapo cururú
da beira do rio,
quando chove muito
sapo está com frio.

Olhem quanto sapo,
olhem quanta gia
na beira do rio
fazendo harmonia.

E o forneiro, e as raspadeiras, e os meninos das cargas de mandioca, e o prenseiro, em côro:

Sapo cururú
da beira do rio,
quando chove muito
sapo está com frio.

As vozes dos puxadores de roda e do côro continuaram a alternar-se e a subir no claro e ardente espaço lavado pelo sol matutino:

Sapateiro moço,
faça-me um sapato
da sola bem fina
Pr'a dansar c'o sapo.

Sapo cururú
da beira do rio,
quando chove muito
sapo está com frio.

O dr. Oswaldo de Menezes Póvoa é medico da turma do anno passado da nossa Faculdade. E é um bello espirito de scientista, servido por uma cultura que lhe valeu um logar de destaque entre seus collegas. Fez um brilhante curso e escreveu notavel these de doutoramento — «Do valor semiotico da colophonia bicorada» — que os seus mestres não hesitaram em approvar com distincção.

O dr. Francisco Soares Pereira, cujo fallecimento, occorrido recentemente, tanto consternou a quantos o conheciam, era um dos vultos mais acatados e venerados nos circulos medicos e sociaes desta capital. A' larga consideração e profunda sympathia que desfrutava, na nossa sociedade, o notavel clinico, fazia elle jús tanto pela sua cultura e capacidade profissional, como pelas peregrinas qualidades pessoaes que lhe exornavam a alma e o coração. Era um bom, na extensão da palavra, e fez da sua profissão, durante toda a sua vida, um verdadeiro sacerdocio. No bairro de Botafogo, onde residia, sua missão foi uma sementeira continuada de bem e de abnegação. Medico da Santa Casa da Misericordia, durante 44 annos, director do Hospital de São João Baptista da Lagôa, medico do Instituto Benjamin Constant, do Hospital da Beneficencia Portugueza, da Real e Beneficente Caixa de Soccorros D. Pedro V., da Associação Beneficente dos Empregados da Light e da Associação dos Empregados no Commercio, o saudoso extincto deixou o seu nome ligado á obra humanitaria, de assistencia e protecção, de todas essas associações.

O dr. Manoel da Nobrega é um espirito de grande brilho nas letras e nos circulos sociaes de Santa Catharina. O dr. Nobrega é o actual director geral da Instrucção Publica daquelle grande Estado.

. . .

Sapo cururú,
elle já morreu;
botaram no mato,
o urubú comeu.

. . .

Tornei a montar e parti. Nas ipueiras, os pendões róxos das pacaviras, entremeados pela brancura dos lyrios selvagens, curvavam levemente ao vento perfumado como um felpudo tapete que a mão afaga. Tilintava a chocalhada dos comboios. E, quando morreu á distancia a toada da cantiga do Sapo Cururú, ouvi na estrada a voz argentina dum rapazinho que ia cantando para o céo azul, displicentemente escanchado no lombo grisalho dum jumento vagaroso:

A gallinha e a muié
são dois bicho interesseiro:
a gallinha pelo milho,
a muié pelo dinheiro...

Longe, as serras azues, sorriam entre as franjas das nevoas. Eu sorri tambem da satyra inesperada. E apressei o galope pelo caminho largo. Mas a voz clara do matutinho ainda me chegou aos ouvidos:

A moça quando é honesta
mostra no firme pisar.
A moça quando é velhaca
pisa no chão devagar...

D. JAYME

Filigranas

A's vezes, a historia da humanidade é desviada de seu curso por uma ninharia, por uma futilidade, e a gente abre olhos de espanto como se visse a correnteza poderosa do Amazonas mudar de rumo ante a resistencia dum caniço.

Toda a historia de França soffreu no seculo doze uma modificação completa devido a uma barba... Si o rei Luis VII tivesse conservado a sua, muitas lutas se teriam evitado. Mas não. Elle cortou-a. A rainha zangou-se. A querella subiu de ponto, envenenou-se e, em 1152, Eleonora de Guyenna exigiu o divorcio e retomava o seu dote: a Gasconha, o Saintonge e o Poitou. Casara-se depois com o duque de Normandia. E, quando este se fez rei da Inglaterra, entendeu de continuar na posse dessa metade da França, cuja propriedade lhe vinha pela esposa.

Assim se originou a desastrosa e horrenda guerra dos Cem Annos. Tudo obra duma barba cortada contra a vontade duma mulher.

Cuidado, pois, ó maridos, em vos raspardes ou em criardes pêlos ao queixo sem o agrado de vossas caras-metades!...

* * *

Em torno, o sertão florido ondula a perder de vista. Nas quebradas das serrotas verdes, onde os roçados de millio marcam rectangulos amarellos, o tapete rôxo das jityranas alastra as suas manchas suaves. E o grito dos gaviões isolados corta selvaticamente o espaço limpido e tranquillo.

Inverno.

Sob o calor do sol, o meu cavallo estradeiro encurta o passo e aos meus ouvidos canta um regato ligeiro e claro que desce dos contrafortes da serra proxima para refrescar o sertão. E o murmurio da agua como que repete os versos de Bufano:

Prolongado cascabel,
agua de rústico son;
sin velas ni timonel
llevate mi corazón
como un barco de papel.

E toda a minha dôce saudade duma figura distante vae pelo regato afóra, saltando de fragua em fragua, aos rodopios, sob o oiro do sol, como um pequenino barco de papel que um descuido abandonou...

* *

«FON-FON» NO MARANHÃO

Gustavo Barroso, no cáes do Baluarte, rodeado de amigos, entre os quaes, de branco, o joven e notavel professor Rubem de Almeida.

No Maranhão, o nosso companheiro, Gustavo Barroso foi saudado na primeira pagina do grande orgão *Tribuna*, dirigido pelo culto professor Nascimento Moraes, com uma poesia dum dos mais notaveis poetas contemporaneos da Athenas Brasileira, Assis Garrido, autor do *Livro da minha loucura*:

GUSTAVO REI

A cidade engalana-se. Hoje, chega,
a visital-a, um Rei,
um Rei sem reino, mas um Rei
cujos dominios são algumas dezenas
[de volumes;
um rei sem corôa, mas um Rei com
[Talento e Cultura;

* * *

um Rei cujos subditos somos todos
[nós,
— os sonhadores impenitentes
da Arte, da Poesia, do Bello, do
[Divino!

* * *

Gustavo, Rei?
E', sim, Gustavo Rei.
Não é Gustavo, — o testa coroada,
— Gustavo V,
O Rei mambembe de um paiz da
[Europa,
mas é Gustavo, — o typo afidalga-
[do, —
o Cearense erudito,
O Rei do Folk-Lore Brasileiro!

Assis Garrido.

O nosso querido companheiro Gustavo Barroso, por occasião do seu desembarque no Cáes do Porto, de regresso do norte. O illustre escriptor e academico teve um desembarque bastante concorrido, apesar da hora em que aqui chegou. Entre os presentes, se vêem os seus companheiros de FON-FON.

Por Sylvia Moncorvo

NUMA meditação singular de horas melancólicas a vida apparece em seu aspecto real. O facho dourado da fantasia vae se apagando aos poucos sob o tacape inexoravel da humana luta.

Tudo se consome. O verbo altivo. Os fragores da alegria. Os desvairamentos. Os enthusiasmos. Os odios. Na estrada íngreme dos destinos todas as realizações são esmaltadas de dôr.

Seres incomprehendidos determinam desgraças. Males se succedem em torno ás aspirações. E o Idéal? O Idéal é a fórmula subtil de belleza.

Idéal — flôr verdejante em áridos desertos. Idéal — graça perfumada de lyrismo, irradiando perfeição.

Você, meu heróe glorioso, ahi em sua tenda de luta, é um idealista, um lyrico da coragem. Palpitam em seu sangue alvoroços de revolta, de liberdade, de triumpho.

A sua arte é o mais nobre Idéal que ainda existe no mundo.

Você trabalha para a arte de lutar sem recompensa. E' o legionario formoso de pelejas serenas. Vive pela gloria amarga de batalhas entre servis, ignorantes e déspotas. Mas o seu Idéal é a sua victoria. A sua conducta, em si mesma, ennobrecida por todas as bravuras da sua coragem, é um patrimonio raro.

Entre a vulgaridade dessa colmeia semi-barbara, que ainda se destróe a golpes de frécha nos disfarces da calumnia, conservar intacto o thesouro do Idéal, é uma victoria deslumbrada e louca. As aguas revoltas do oceano das paixões afogam os idéaes estreitos. Os grandes idéaes, porém, resaltam florescidos, acossados pelo instincto atavico donde provieram. E assignalam heroísmos na sua ostentação.

A crise de coragem, nesta época de sezonismo moral, é um filtro para a sua trajectoria de idealista.

E sempre elevado na omnipotencia da sua energia, você conduz o destino da sua vida enlevado na chimera do seu idealismo.

O ambiente refractario a toda a ansia de perfeição converte o espirito mediocre numa resignada domesticidade.

As escaramuças dos oppressores desvanecem o traço pessoal do individuo.

Os fortes, os donos do seu Idéal renunciariam a viver se lhes fôra impossivel batalhar pela fortificação do seu sonho de liberdade. Não ha revivescencia sem idéal. Na gloria do artista, na ansia do sabio, na virtude do apostolo, as harmonias, os rythmos, as regulamentações da belleza, se officializam no tribunal do idealismo. E se o destino de um heróe, de um genio, de um visionario, o incita a reconstruir uma raça, um povo ou uma arte, está dentro em sua honra o dever sagrado da resistencia ao abastardamento do seu Idéal.

Você é o fanal de redempção nessa cidadella da covardia. Allheiado dos prejuizos e das circumstancias que possam envolver a sua existencia, você vae distillando as suas idéas de visionario da coragem nesse laboratorio social de doentes comatosos.

O progresso da humanidade resulta da energia estranha desses visionarios de Idéal grandioso.

• • •

Comecei a lhe escrever numa simples meditação de nostalgia. O meu espirito realizou alvoroçado a viagem entre nuvens de saudade, para chegar mais perto do seu coração.

Eu tenho sempre a minha hora de sentimento para evocar as miniaturas do meu heróe glorioso. Porque o seu idealismo, a sua coragem, a esphynge do seu perfil de sonhador fazem a summula integral da minha inspiração.

A senhorita Elóro Possólo reuniu, ha dias, no salão do Hotel Gloria, alguns literatos para ouvirem a leitura dos seus livros «Alma serena» e «Sinceridade», offerecendo-lhes, por essa occasião, um «cocktail-champagne», o que tornou mais attrahente essa hora literaria.

FILIGRANAS

Eis o que se lê num jornal parisiense do mez passado:

"Em virtude de abandonarem os frisados por mera commodidade, as damas de hoje frequentam muito menos os salões dos cabelleireiros. Ha, portanto, crise de freguezia entre os artistas capillares e elles estão dispostos a descontal-a nos homens, forçando-os a recorrer diariamente á sua pericia. Para isso, pretendem lançar a nova moda dos bigodes adelgaçados de cima para baixo com a navalha.

Resta saber si esses cavalheiros conseguirão impôr essa pequena tyrannia. Os raspados parece que se julgam contentes com o seu systema..."

Na verdade, a commodidade do rosto glabro, o asseio e as vantagens praticas do systema desafiam a crise dos cabelleireiros. Elles podem querer diminuir suas perdas á custa dos homens, porém é provavel que sua nova moda vá por agua abaixo. O bigodinho hoje em dia sómente serve no cinema para caracterizar entre os artistas qual é o que faz o papel de villão.

O sr. dr. Octavio Mangabeira, ministro das Relações Exteriores, e a representação federal da Bahia offereceram, no Jockey Club, um almoço á embaixada academica bahiana. A nossa gravura mostra um aspecto desse ágape, que decorreu num ambiente de franca cordialidade.

Os jovens estudantes bahianos que aqui vieram, constituidos numa embaixada de cordialidade, em visita aos seus collegas, tiveram um acolhimento condigno, não só por parte destes, mas tambem por parte das nossas autoridades. Aqui, os moços que cursam a Faculdade de Direito da Bahia foram cumulados de expressivas gentilezas. Muitas foram as demonstrações de sympathia que receberam, durante as visitas que fizeram aos nossos

estabelecimentos officiaes e nas solennidades realizadas em homenagem á distincta embaixada. E nem outra coisa era de esperar, uma vez que essa visita de intelligencia vem reaffirmar os altos fóros de civilização e cultura do nosso povo e do espirito de fraternidade e harmonia que reina entre a mocidade das escolas. Esta pagina focaliza vários aspectos das visitas que os estudantes bahianos fizeram nesta caoital.

Meu pobre bairro quieto...

A joven escriptora cearense senhorita Suzana de Alencar Guimarães.

O meu bairro vive humilde e occulto, lá para os lados do Meirelles...

Vive calmamente os seus dias, sempre immutaveis, mas as noites cheias de estrellas não encontram, em nenhum outro, tantos olhos extasiados a fital-as...

O meu bairro acolhe e sente, nos seus crepusculos de ouro, o sussurro do mar que lhe envia, pela briza mansa, mensagens de sons...

E' assim a sua vida de manhãs transbordantes de sol e de tardes cheias de perfume. Quando anoitece, quando bruxe

leia, aqui e ali, uma luzinha, vem das casas o som das cantigas das mães que embalam os filhinhos...

Nas manhãs domingueiras um fremito de alegria sacode o meu bairro, pela voz dos sinos da Prainha. E tudo vibra, e tudo parece possuido de uma energia nova.

Os sinos levam ás ruas forradas de areia, os sons que ungem as almas de religiosidade. Tudo se movimenta. Apparecem os vestidinhos de chita nova, que passam attendendo ao repique do sino que continua a badalar...

Meu pobre bairro quiéto...

Meu pobre bairro quiéto vae tambem festejar o "São João"...

Vae ficar illuminado pelo clarão das fogueiras accesas dentro da noite. As creanças vão deixar que os fogos de vista encham de alegria passageira os seus olhos infantis, e os maravilhosos balões de papel de seda, deixem cahir lagrimas de luz e de breu, e passem, rivalizando com as estrellas, cortando o azul infinito, para cahir além, sobre as arvores ou sobre o mar, ou quem sabe, talvez dentro de um charco de lama, desfeitos em cinzas...

Passarão, levados ao sabor do vento, maravilhosamente lindos!

Uns, vermelhos como a revolta, outros verdes como trapos de esperança que alguem soltasse por sobre a terra, outros ainda, brancos como azas de paz que bailassem no ar, azues como o ciume que vive espreitando as almas, amarellos como o desespero...

* * *

A gente tambem vive como o meu pobre bairro quieto...

Um dia o sino do coração desperta na gente uma alegria louca.

A nossa alma veste-se com o vestido domingueiro, um lindo vestido feito de trapos de illusões, e vae ao culto.

Nós tambem festejamos a nossa noite de "São João". Uma fogueira, dentro da noite da vida, crepita, e nos illumina e aquece. E os balões,

confeccionados de sonhos e cheios de revolta, de esperanças, de paz, de desespero, de ciumes, nós os soltamos á indifferença dos ventos...

E quem sabe onde vão tombar, desfeitos em cinzas?...

SUZANA DE ALENCAR GUIMARÃES

Fortaleza — Ceará

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

A reforma dos trajes femininos é um assumpto sempre palpitante e cuja relevancia não se póde obscurecer, capaz que é, o facto, de provocar uma séria rebellião das mulheres contra os que, neste momento, na Italia, entendem que lhes devem impôr um regulamento official de modas.

O caso, com se passar na terra do "fascio", onde Mussolini inspira e dita e prescreve normas, das manifestações da actividade publica ás do espirito e até ás do figurino, não deixa de interessar ás nossas lindas patricias, a toda a encantadora flora feminina tropical que é a festa, a alegria e a deslumbrante belleza desde lado de cá do Atlantico.

Segundo referem telegrammas de Roma, a commissão de reforma das roupas femininas, em principio de julho proximo, apresentará ao "Duce" e á rainha Helena o seu relatorio sobre os resultados do plebiscito nacional que a mesma promoveu, no sentido da conveniencia de se modificarem as modas ora em uso na terra suave do *idioma gentile*.

Ao que se conhece, os resultados dessa consulta á opinião... fascista italiana são dos mais desastrosos para as mulheres que não gostarem de trajar de accordo com o figurino que o "fascio" lhes vae impôr, habituadas que estão aos canones da moda universal dictados pela grande feira de elegancia e de vaidade feminina da Cidade Luz. Paris, dictadora da moda, do *dernier cri* em materia de indumentaria feminina, vae, assim, ser abalada no seu elegante prestigio universal por um simples decreto do glorioso dictador da grande patria onde o amor — dizem — sob o seu céo meridional, é mais suave e mais doce e mais idyllico que em qualquer outra parte do mundo.

O crédo fascista, essa especie de novo evangelho politico, religioso, social, que ora domina a mentalidade masculina italiana, não poderia deixar de sujeitar á rijeza de suas formas, á intolerancia de seus principios, tambem as coisas da moda. A's camisas pretas teriam, as mulheres, de corresponder com uma moda severa, austera, á antiga, porque o "fascio", como expressão da sociedade contemporanea, na Italia, precisa vestir-se de accordo com um figurino official.

Em suas linhas geraes, eis o *canon* fascista da moda para as lindas patricias da Italia Nova:

1) — Os vestidos não devem ser demasiado collantes, nem de tecidos diaphanos, nem decotados. As mangas devem chegar até o cotovelo.

2) — As saias das meninas devem chegar ao joelho.

3) — Os vestidos das moças devem chegar ao tornozelo.

4) — As meias transparentes ou côr de carne devem ser abolidas.

Adoptado, approvado pelo "Duce" o "codigo" de modas calcado sobre esses requisitos fundamentaes, ou a feminilidade italiana se rebellará contra esse gesto de prepotencia que, tão fundo lhe vae ferir a vaidade, e, então, Mussolini já não será "bemdito entre as mulheres", ou estas, conformando-se, darão ás suas collegas de todo o mundo um exemplo, aqui para nós, com umas tantas restricções, bem digno de ser imitado...

Ficaremos, porém, pelo que decidirem as lindas filhas da Italia. Se se revoltarem, estaremos com ellas; se acceitarem, de bom grado, os preceitos da nova escola de moda que a sua patria vae officialmente, inaugurar, tambem preferiremos ficar ao lado dellas, muito embora, aqui, sob este sol tropical, continuemos a achar elegante, fina, *et á propos* a moda berrantemente tropical das nossas encantadoras patricias. Deus dá, a roupa, conforme o frio, ou o calor...

Senhorita Ivette Camargo, filha do senador Marins Camargo e uma fina silhueta da alta sociedade curitybana.

Liana Alba é a joven artista que estreou na terça-feira ultima, no Trianon, na comedia allemã, o «Duplo Mauricio», adaptação do sr. Matheus da Fontoura. Liana Alba, cujo sorriso é lindo, se annunciou, na sua estréa, como uma esplendida promessa para o theatro de comedias.

SEARA ALHEIA

AZUR

EMMANUEL SIGNORET

Tendres rubans, amas de gazes innocentes,
Ornant d'aimable azur mes beaux cheveux d'enfant
Qui coulaient de vos nœuds en boucles bondissantes
Comme un torrent doré hors du rocher qu'il fend,

Vous surmontez du feu de vos clartés décentes
L'azur limpide et fier du grande ciel triomphant
Et la sérénité des mers resplendissantes
Et l'œil bleu de Pallas qu'un sombre cil défend.

La pourpre, le safran, et l'argent des étoiles,
Dans mes vers ont coulé de tes puissantes toiles,
Toi des hautes couleurs chantre énergique et pur!

Je veux, élargissant, Titien! ton exemple,
Emplir, teindre, inonder d'un immortel azur
Ce beau sonnet de marbre éclatant comme un temple.

SORRINDO ...

Escreveu La Rochefoucauld, nas suas "Maximes" que... *il a des gens qui n'auraient jamais eté amoureux, s'ils n'avaient jamais entendu parler d'amour.*

E tinha razão o grande moralista francez. Adão nunca soube o que era o amor: peccou, por tentação, porque Eva lhe deu a maçã paradisiaca a comer. E quem tem fome come o que lhe dão. Se elle gostou ou não da fruta, a tradição não o diz. O que é certo, porém, é que elle viveu longos annos ao lado de sua companheira, e povoou o mundo, sem saber que nome teria o sentimento que o impellia para ella.

Depois, porém, que os homens baptizaram com o nome de amôr o peccado original, o mal alastrou-se, tornou-se endemico, e todo mundo começou a lhe soffer as consequencias, mais ou menos... desastrosas.

E, no emtanto, o amôr, o verdadeiro amor é uma coisa bem mais séria e bem mais rara do que se suppõe.

Il est du véritable amour comme de l'apparition des esprits: tout le monde en parle, mais peu des gens en ont vu — sentencia ainda La Rochefoucauld.

De facto, todo mundo fala de amôr, mas o verdadeiro amôr de bem poucos é conhecido ou sentido.

Vêm a proposito, aqui, estes versos, um tanto brejeiros, da musa italiana:

Il vecchiotto cerca moglie
Vuol marito la ragazza,
Quello freme, questa é pazza,
Tutte e due son da legar!
Ma che cosa é questo amore
Che fa tutti delirar?
Una smania, un pizzicore,
Un solletico, un tormento...
Poverina, anch'io lo sento,
Nè so come finirá...

POMBO-CORREIO

Maria do Céo, meu amôr tambem do... céo — Suas ultimas "Rosas de Santa Therezinha", as que você me enviou com a sua correspondencia da semana passada, encheram minha alma e meu coração de alegria e de felicidade, de doçura e de beatitude. Não sei por que, minha querida, por mais que você se me queira mostrar peccadora e mortal como as outras mulheres, manifestando-me o seu amôr através do rythmo quente de suas palavras, em phrases estuantes de beijos e de carinho, eu tenho a impressão de que o seu amôr é um amôr feito de céo e de rosas de Santa Therezinha. Um amôr que penetra os vasos mais secretos de meu coração com a suavidade de uma palpitação de azas de anjo, com uma fragancia de flôres mysticas de um jardim de mysterio, de pureza e de santidade.

E' assim que eu a amo, ou melhor, que a adoro, Maria do Céo, mesmo quando o calor do peccado aquece e accelera o meu sangue e a inquietação de um beijo canta, em meus labios, a exaltação da minha carne.

Você, creia, quando me fala como mulher, mulher amorosa e cheia de desconhecidos e vagos anseios, parece uma argilla inquieta que Deus tivesse acabado de modelar, ainda palpitante do divino sôpro que lhe deu alma e lhe deu coração para amar e exaltar a obra do seu creador.

Divina, originariamente, Maria do Céo, você se santificou, na terra, a desfolhar, em derredor de si, as rosas de seu coração.

E foram, e teem sido para mim, as mais bellas, as mais puras, as mais perfumadas.

Por que?

Só você, meu amor, poderá responder a essa pergunta.

O que sei e que lhe posso dizer, e que não me cansarei nunca de repetir, é que você foi, é e será sempre a minha adorada Santa Therezinha, aqui da terra e do céo — amparo, consolação e fé da minha vida.

Peccando ou não, você é divina, e bôa, e pura, e sempre a santinha da intima devoção com que a cultúa o meu coração...

ESTRELLAS CADENTES

Helena de Magalhães Castro é um encantador espirito de mulher, que o meio culto desta capital admira e exalta. Por que Helena é uma expressão viva e magnifica da arte brasileira — uma ani-

madora da poesia da nossa terra, que ella interpreta e canta, *de toute son ame*, sua alma de eleita, de sacerdotisa da arte.

Applaudida, festejada nos grandes centros da sua patria, bem como em Montevidéo e em Buenos Aires, Helena de Magalhães Castro vae, agora, levar a Sevilha a alma da poesia e da canção brasileiras de que é ella, no momento, uma das mais authenticas interpretes.

Acompanhada de seu violão, á cadencia de cujos rythmos ella vae descantar e revelar, na patria de Cervantes, as cantigas do nosso povo, as nossas modinhas populares, tão simples e tão fortes e originaes na sua expressão, e dizer versos dos nossos grandes poetas, Helena de Magalhães Castro leva credenciaes que bem legitimam o titulo com que ali se apresentará de embaixatriz da canção brasileira.

Antes, porem, de embarcar para Sevilha, para onde segue patrocinada pelo governo paulista, a festejada declamadora patricia resolveu proporcionar á sociedade carioca o encanto de ouvil-a, em dois lindos recitaes, o primeiro a realizar-se amanhã, 30, e o segundo no proximo dia 4 de julho, quinta-feira da semana vindoura.

SOCIEDADE

Recepções — O deputado Manuelito Moreira, illustre *leader* da bancada cearense na Camara Federal, foi muito cumprimentado a 19 do mez corrente, por motivo da passagem de sua data natalicia.

Abrindo os salões de sua elegante residencia, á rua Barata Ribeiro, para uma recepção ás pessoas de seu vasto circulo de relações nesta capital, o digno representante do Ceará no Congresso da Republica recebeu expressivas demonstrações de apreço e sympathia.

Tournée de arte — Sylvia Moncorvo, a brilhante collaboradora de Fon-Fon e escriptora tão justamente admirada nos circulos literarios desta capital, honrou-nos com a sua presença nesta redacção, onde nos veio, bondosamente, fazer uma visita de despedida, por ter de seguir, amanhã, para o norte do paiz.

Sylvia Moncorvo vae emprehender, agora, uma excursão artistica pelos Estados do septentrião brasileiro, devendo prolongar a sua viagem até o Amazonas.

Intelligencia esclarecida e culta, escriptora dotada de largos recursos de observação, nossa talentosa patricia é, na actualidade, uma das mais fortes e bellas expressões da mentalidade feminina brasileira.

Que o Norte, tão pouco conhecido e, não raro, mal julgado, inspire a Sylvia Moncorvo algumas paginas que reflictam não só as facetas da sua aprimorada cultura e intelligencia mas tambem a sinceridade de sua alma de mulher, ao colher e focalizar sua impressão pessoal do que vir e observar na sua excursão.

"*Miss Parahyba*" — Nossa encantadora e linda patricia, senhorita Eimar Pinto Pessoa, teve a gentileza de nos enviar o seguinte cartão que FON-FON e os que aqui trabalham, penhorados, muito agradecem:

"Snrs. Redactores de "FON-FON" — Saudações — Era desejo meu apresentar-vos, pessoalmente, as minhas despedidas e os meus agradecimentos, pelas innumeras finezas que recebi da vossa scintillante revista. Entretanto, a precipitação com que foi resolvido o meu regresso, á minha terra, privou-me de levar a effeito aquelle meu desejo. Faço-o, porém, agora, por este meio, na esperança de que desculpareis a minha falta. — Muito cordialmente. — *Eimar Pinto Pessôa.*"

PETIT-BLEU

Alguem escreveu que o crepusculo é uma prece da tarde, antes de adormecer. E parece que esta tarde, que morre lá fóra, envolta na velario-cinza do tempo, está a rezar, tão serena e docemente mystica é a sua attitude de recolhimento.

Um ambiente de saudade, de vaga, imprecisa tristeza, desce tambem sobre mim, com a tarde que morre, cheia de sinos a badalarem o Angelus.

Sino, coração da aldeia,
Coração, sino da gente...
Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente...

E meu coração, meu amor, bimbalha tambem, doce, suavemente, a saudade da tua ausencia, o *Angelus* da minha tristeza, desta abençoada tristeza com que te evoco e attraio para bem junto de mim, neste momento.

Com as sombras, porem, que mais e mais as adensam e velam este cahir de tarde, mais intensa e profundamente eu sinto a angustia da minha solidão, desta solidão que, em vão, busco illudir, enchendo-a com a tua recordação.

Meu amor, por que não vens, por que demoras tanto e deixas, ainda uma vez, que a tarde morra, sem me trazeres a alegria e o encanto da tua presença?

Que saudade!...

Os sinos da cidade já não badalam, já não espalham no ambiente que me cerca as ondas de harmonia da sua evocação mystica.

Mas, dentro de mim, o "sino de meu coração" bate, bimbalha, repica a sua ansia, a sua inquietação.

Meu amor, por que não vens? Não ouves, então, o dolorido rebate que clama por ti, que te chama para junto de mim?

A tarde, porém, morre e tu não vens. E eu me sinto tão só e tão triste.

Meu amor, alguem escreveu que o crepusculo é uma prece da tarde, antes de adormecer. E a tarde rezou e adormeceu, velada pelas sombras da noite, sem que tu viesses para mim, a rezar tambem comigo uma prece de amor, antes de adormecermos...

Mlle. Esther Pinto, uma graciosa figurinha da nossa alta sociedade.

MUITO feliz foi a idéa que, a exemplo de outros clubs, teve o Fluminense Football Club, realizando, para gaudio dos seus associados, uma festa genuinamente brasileira, em commemoração á passagem do dia de S. João Ba-

FORA DA TELA...

Pola Negri não se preoccupa sómente em fazer fitas para distrahir o seu grande publico, amante do cinema.

A querida artista da tela resolveu, tambem, se fazer celebre, colleccionando maridos, dos quaes se desliga por meio de escandalosas, ou ruidosas, acções de divorcio.

Assim, Pola Negri tenta reproduzir no palco da vida aquillo que representa na tela, pensando lograr o mesmo publico para admirar e applaudir os seus caprichos de mulher.

De aventura em aventura, entretanto, é bem possivel que Pola Negri encontre para os seus

ptista. Foi uma noite de effusões e alegria, tendo sido executado um programma original em que os figurantes tomaram parte, trajados a caracter, isto é, á moda regional.

dias, não a felicidade que procura nos braços de um marido qualquer, mas a desillusão que a impossibilitará de continuar a ser a mesma artista da scena muda.

E' preciso que a gente espere sempre pelo apparecimento do primeiro fio de cabello branco, pela primeira ruga...

As mulheres caprichosas não têm tempo para pensar nestas coisas, mas ellas são fataes, como a morte.

Pola Negri vae vêr que ha de chegar o seu dia tragico, quando terá de envidar esforços no sentido de não ser despedida pelo esposo, porque não mais terá a faculdade de substituir maridos, como actualmente faz...

SOMBRAS CHINEZAS

Photo-film da Cidade

MELINDROSA fez annos, um dia destes, e, para festejar a grande data, offereceu ás suas amiguinhas e aos seus amiguinhos um chá... domestico, como ella dizia, para frizar o cunho de simples intimidade da sua recepção.

Melindrosa offerecendo chá, minha gente! Abrindo os salões de seu elegante bungalow, ou coisa parecida, á indiscreção das amiguinhas e á bisbilhotice da sua "entourage" do sexo ainda dito forte, pejorativamente, já se vê, porque, hoje em dia, em casa e na rua, quem canta, descanta e encanta é o ex-sexo fraco. O outro sequer já não entôa, senão quando é chamado a marchar com as honras, deveres e obrigações do... coronelato.

* * *

FALAVA, porém, no chá de Melindrosa, e não foi por maldade ou malicia, não, que me referi, incidentalmente, aos coroneis.

No emtanto — por que não confessar? — me causou especie essa prodigalidade de gentileza, esse rasgado gesto de elegancia, de coisas do grand monde, no pequeno, acanhado e modesto "mundo" em que vive Melindrosa.

Ora, um chá, mesmo domestico, nestes tempos de vida cara, não é coisa lá ao alcance de qualquer algibeira. E o port-monnaie de Melindrosa é tão pequenino, tão pequenino e.... apertado!

* * *

NÃO faltei, porém, ao chá domestico da querida Melindre. E, desde que dei os primeiros passos na elegante residencia onde ella dava recepção aos amigos e amiguinhas, foi de pasmo, e só de pasmo, a impressão que me dominou.

Aquillo, aquelle palacio de fadas, a casa, o home de Melindrosa?

Cahi das nuvens, ou antes, subi até ellas, porque, verdadeiramente, eu me sentia suspenso, no ar, como a mãe de S. Pedro, tal o espanto que se apossou de mim.

Então, Melindre, que se dizia pobre como Job, era uma mulher de... notas, rica á bessa, pelo que eu via?!

E eu — o idiota, o cretino! — deilhe, á tôa e estupidamente, não sei quanto contra-vapor, sempre que ella me insinuava idéas de casamento!

Já havia cumprimentado a gentil e encantadora anniversariante, cuja mãozinha beijara com uma avidez quasi canina, (Melindre estava "en point", linda a valer), quando, passando ao bello jardim tropical da luxuosa residencia, a ruminar as coisas que me turbilhonavam na cabeça, escutei, sem querer, o seguinte dialogo:

— Titia, viu-o? Gostou delle?

— Muito, minha filha. Elle, agora, pede, não tenhas duvida...

— Pede, o que, titia?

— Ora, a tua mão!... Não notaste, então, como elle está deslumbrado, a pensar, naturalmente, que és rica, que és um magnifico partido?

— Sim, titia, mas só podemos manter-nos nesta casa, que alugamos mobiliada, durante um mez. E Esaú (era Melindrosa quem falava) tem sangue de judeu: é fino e desconfiado como poucos. Gastei todas as minhas economias. Vamos passar privações, depois. Se elle, ao menos, comprehendesse que eu o amo, titia, que o amo louca e sinceramente...

E um soluço cortou a voz de Melindrosa, emquanto eu, positivamente tomado de panico, corria a bom correr, afim de tomar o chapéo e "raspar-me" a tempo de salvação.

E' aqui estou a escrever as minhas impressões do "chá domestico" de Melindre, um verdadeiro chá de... caridade, que não cheguei a tomar, e que me "mataria na cabeça" se eu tivesse perdido a cabeça!

Quero, de facto, muito bem á minha pobre Melindre. Casar, porém, não posso. Basta uma vez. Dou-me por plena e absolutamente satisfeito com o "desastre" da experiencia.

E, por isso mesmo, é que nunca mais esqueci estes abençoados versinhos que os cantadores matutos da minha terra descantam alegremente, ao som das violas festivas:

O casado é meio home,
O solteiro é home inteiro,
O viuvo é o rei dos homes,
Dicto por Deus verdadeiro!
Quem se casa duas vez
E' mesmo um burro caseiro...

ESAÚ & JACOB.

LITERATURA

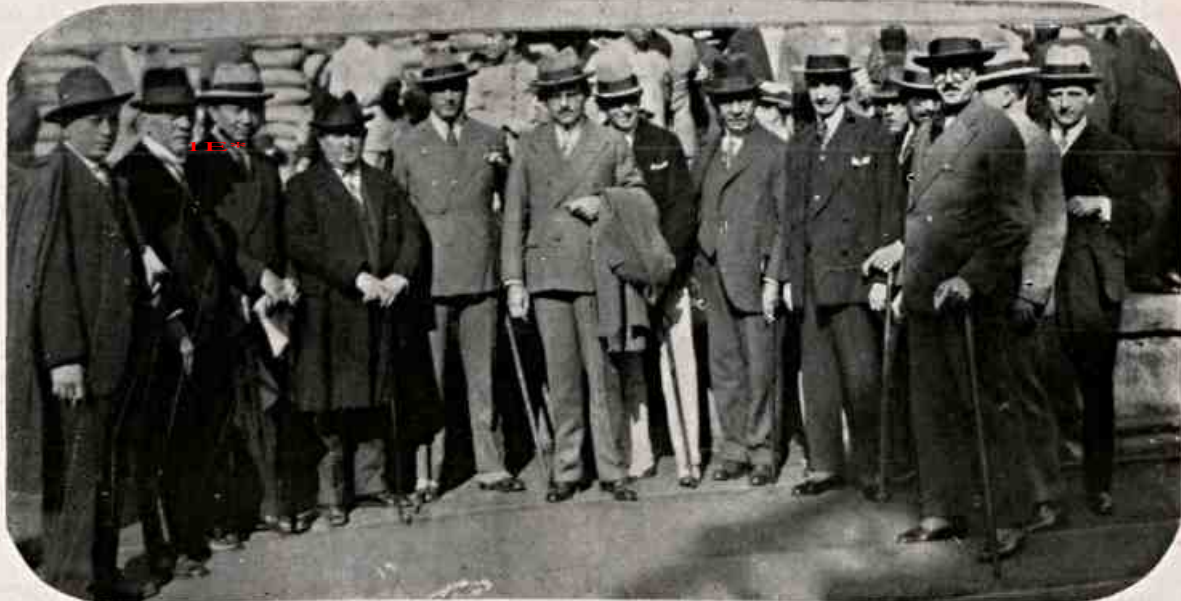
Campello de Almeida, jovem poeta bahiano, autor do livro de versos «Adolescência», que acaba de sahir.

JOSE' Queiroz Júnior é o jovem novellista de «Entre duas épocas», que commetteu a façanha de lançar ao «torvelinho trepidante das publicidades» o seu despretencioso livro, «documento de mocidade», escripto aos quinze annos, quando ainda não pensava em publico, porque só tinha na alma a illusão da juventude...

¡Em «pose» especial para FON-FON, vêem-se, sahindo do Palacio do Governo de S. Paulo, o presidente Julio Prestes, o dr. Mattos Peixoto, presidente do Estado do Ceará, e o doutor, Lyra Castro, ministro da Agricultura, acompanhados do dr. Manoel Villaboim, «leader» da maioria na Camara Federal, e drs. Fernando Costa e Oliveira Barros, secretarios da Agricultura e Viação do Estado de S. Paulo.

SEIXOS

De todos os presentes que recebeste, no teu anniversario, o meu, por certo, foi o mais humilde. Mas, por isso mesmo, o mais sincero. Eu o levei, carinhoso e amigo, de encontro ao meu peito, para, quando o sobraçasses, nelle sentires meu coração palpitar...

Era um braçado de flores... symbolo da amizade e da saudade symbolo...

O embarque do presidente Mattos Peixoto, para o Ceará, depois de uma estadia de algumas semanas nesta capital, teve uma concorrencia selecta e distincta, comparecendo ao mesmo, além dos representantes do sr. presidente da Republica e ministros de Estado, o «leader» do Governo Federal, dr. Manoel Villaboim, numerosos congressistas e membros da bancada cearense, representantes da imprensa, vultos de destaque da sociedade carioca e conterraneos de s. excia. A' senhora Mattos Peixoto foram offerecidos varios ramos de flores.

LENDA DE SÃO JOÃO

SENTA-TE nos meus joelhos, filhinho, e ouve a historia maravilhosa que te vou contar.

Era um vez uma moça bôa e bonita que vivia triste, triste, porque papae do céo não lhe mandava o filhinho que ella tanto desejava.

E quando ella via as outras que tinham os seus pequeninos, beijando-os faceiras de suas gracinhas, os olhos da pobre se enchiam de lagrimas, porque não tinha um filhinho para beijar e mimar...

Ora, uma noite de São João, muito linda, ella olhava o céo, cheia de magôa, quando viu que o crescente não era sinão um bercinho de ouro e que nelle dormia uma criancinha.

Comprehendeu então que papae do céo tivera pena della e lhe mandara aquelle filhinho do rico berço de ouro.

Mas como alcançal-o, como obtel-o sem o machucar?

Afflicta, ella estendia os braços para o seu filhinho que dormia tranquillo no longinquo berço de ouro...

As mamães, porém, são engenhosas... e assim foi que aquella, illuminada por sua ternura, teve a idéa de fazer um balãozinho que subisse leve, leve, e fosse buscar o seu filhinho no suspenso berço de ouro....

E quando o balãozinho desceu, leve, leve, no cesto que a elle fôra preso, dormia tranquillo o louro anjinho...

E o cesto de palha foi dahi por deante o berço do pequenino, mas este o não trocaria pelo rico berço de ouro, pois ficou logo preso ao olhar de ternura infinda de sua mãe.

Assim, nasceram os balõe inhos de São João, que pelas noites lindas sobem leves, leves, para o berço de ouro do crescente longinquo...

Assim nasceram elles do engenho do amor...

Fica nos meus joelhos, filhinho e, a chupar o dedo rosado, adormece pensando na historia mara villhosa que te contei...

PETITE SOURCE

FILIGRANAS

O omnibus parou á esquina da rua, onde um grupo de pessôas esperava o bonde. Entre ellas, havia uma negra gorda, a figura mais engraçada deste mundo. Passára "rouge" nos labios e nas faces. Polvilhára-se toda de pó de arroz. Sobre o fundo preto e reluzente de sua pelle destacavam-se estrias brancas e vermelhas. Eu observava calmamente o phenomeno, quando dois cavalheiros á minha frente começaram a falar:

— Parece o focinho muito daquelle macaco do Jardim Zoologico.

— Do cynocephalo?

— Sim, o mandril...

E soltei uma risada que fez voltar a cabeça a toda gente para onde eu estava...

Z. . .

Dois flagrantes do enlace nupcial da senhorita Elvira Francioni, filha da exma. viuva Christina Francioni e irmã da exma. viuva Irineu Marinho, com o sr. Henrique Braga Filho, negociante nesta praça.

O DIVORCIO

Discute-se novamente a conveniencia do divorcio ser incluido no corpo da nossa legislação civil. Por se tratar de um assumpto de capital importancia, ligado á constituição da familia, ha grande ruido em torno das medidas que vão ser estudadas e, talvez, adoptadas pelo Congresso.

No Brasil existe uma grande corrente favoravel ao divorcio, e outra radicalmente contraria apoiada em principios religiosos.

Cada corrente apresenta argumentos impressionantes, de valor, de peso, pró e contra o divorcio.

Realizou-se, ultimamente, o enlace matrimonial da senhorita Marina Pinheiro de Andrade com o sr. Majólo Gondin de Vasconcellos, ambos da nossa sociedade.

Fixando-os com attenção, a gente tem a impressão que todos os argumentadores têm razão...

E, como todos estão com a razão, os que necessitam do divorcio para dar cabo dos seus males, para illuminar com um raio novo de felicidade a vida atormentada pelo fracasso de uma ligação desgraçada, estes, continuarão a soffrer, arrastando a sua pesada cruz pela estrada escusa do concubinato.

Por que impedir o divorcio, si elle foi inventado para as criaturas infelizes e não póde ser aproveitado por quem se julgar feliz?

TREPAÇÕES

A interessante menina Maria Delphina, filhinha do poeta Nosor Sanches e de sua exma. senhora, dona Emilia de Lima Sanches.

. . .

MADAME é caprichosa, e tem o defeito de suppôr não existir, pelo menos no Rio, quem lhe comprehenda os primores d'alma, os requintes dos seus gestos de mulher amorosa.

Eis o motivo que a leva a não supportar o marido, e substituir os amantes com a mesma facilidade com que troca de vestidos durante o dia.

Madame não sabe fixar o seu typo; por isso, pela manhã, se faz acompanhar de um loiro, á tarde de um moreno, variando de accordo com o tempo...

E, a proseguir com o systema, dentro em pouco terá esgotado o naipe, aliás diminuto, dos nossos mocinhos elegantes, sendo obrigada, então, a voltar para o marido, uma reliquia que está sendo conservada, para maior de espadas...

Um fim prosaico, banal, igual ao de toda a gente, muito embora *madame* pense que é uma mulher original, differente das outras...

JUSTAMENTE agora, no inverno, quando as praias estão desertas, é que o casal surgiu para gozar as lindas manhãs de sol, confiando as suas juras de amor ao mar traiçoeiro e perfido...

São absolutamente pontuaes, ás dez horas, e até o meio dia repousam o corpo na areia branca da praia, tranquillamente, como si estivessem a sós, num mundo á parte, longe das vistas curiosas e maliciosas.

A nós, entretanto, essa pontualidade e a paz de espirito de ambos causa especie.

Sendo elle casado, e ella tambem, queriamos saber como arranjam as coisas em casa, para gozar tão espantosa calma de espirito, não faltando nunca á hora marcada, á hora do delicioso banho de sol...

Será que o marido da linda banhista já se conformou com o costume da esposa ir á praia, só..., pelas dez horas, e que a mulher do maroto viva no mundo da lua?!...

Fazemos votos ardentes para que assim seja, pois, caso contrario, a coisa acaba mal, mesmo muito mal, com um ruidoso divorcio (por emquanto desquite), si o caso não cahir no ról dos factos policiaes, obrigados a retrato nos jornaes...

Eneida tem seis mezes, diz «papae» e «mamãe». E' uma linda garota paulista, é o que diz o poeta Alvaro Pratto, de Mogy das Cruzes.

. . .

AQUELLA senhorita que, certa vez, offereceu um cacho de cabello, liso e perfumado (cabello de sua amiga, já se vê, porque o della...)), dentro de uma carta côr de ouro, a um rapaz de espirito scepti-co e avesso a platonismos, está convencida de que o tal moço vive com ella na cabeça.

Pois sim...

Conhecemos todo esse romance sem pé nem cabeça, e estamos certos de que mlle. já deixou de preoccupar o cavalheiro a quem teima em testemunhar o seu affecto platonico.

"Tout casse, tout passe, tout lasse"...

De resto, mlle., com aquelle seu cabello (não falamos do cacho da sua amiga) não é, positivamente, uma criatura que fascine.

Será por isso que ella insiste em se fazer de "dama mysteriosa?"

Si a razão é essa, terá o perdão do rapaz que perdeu tão precioso tempo em suppôr que ella fosse uma fascinação irresistivel!...

MLLE. começou por um sorriso...

Começou bem. Lá diz o proverbio arabe: "O amor, primeiro, é um olhar; depois é um sorriso..."

Ella começou bem, porque começou sorrindo para o rapaz. Depois, foi adeante, era logico. Ao passar pelo cavalheiro, disse-lhe uma palavra, que era uma especie de incentivo... Elle ficou indeciso: que fazer?

Resolveu avançar. Mas, de repente, mlle. recúa, estrategicamente, como quem "não dá confiança"...

Que fazer? O moço conformou-se. Não insistiu. Agora, porém, ella está despeitada; e como o rapaz lhe é indifferente, ella se vinga em dizer que elle é isto e aquillo.

Como se vê, mlle. começou muito bem, mas parece que quer acabar muito mal.

A vida! E' a vida que é cheia de interrogações...

A linda Hyeda, filhinha do casal Ladario de Carvalho, numa «pose» que nada tem de estudada.

A festa tradicional de S. João no palacete do sr. Alfredo Siqueira, em Santa Thereza. A senhora Carmen Siqueira no meio de suas gentis convidadas.

FILIGRANAS

Quando me lembro della nestes dias deliciosos de luz e de frescôr, vejo-a com aquelle vestido verde que lhe dá ares duma fada dos bosques de outr'ora, nas terras de Merlino o Encantador. E guizalham na minha memoria os versos duma decima celebre de Fernandez Moreno:

Si un dia la Primavera
para vestir el paisaje,
tuviera que elegir traje,
por modelo te tuviera.
Traje, pañuelo, cartera,
son de un verde matizado,
y todo tan calculado,
que te acabas, luminosa,
abajo, en piernas de roza,
y arriba, en pelo dorado.

Não está fiel, Primavera, o teu retrato? E Fernandez Moreno não te conheceu. Imagina tu o que teria elle escripto si te houvera conhecido, como eu, toda de verde, nestes dias luminosos e deliciosos, cheios de sol e de frescura, em que o Rio de Janeiro, paisagem e cidade, estende sob o céo a symphonia dos seus oiros e dos seus azues para glorificar melhor a tua belleza feminina, ó Primavera!...

MAU CONSELHEIRO...

Estás triste?!

Ah! meu amigo, tu vives fóra do teu seculo.

A vida actual é uma arlequinada, uma loucura bizarra pelo entrechoque de tudo quanto é futil. Nós vivemos o seculo do *jazz*...

E tu, a pensares em coisas sérias, moendo o cerebro na pesquiza de idéas novas, de formulas uteis, acorrentado á tua mesa de trabalho, suffocado ao peso dos livros!

Medita um instante na inutilidade do teu esforço, illumina com um sorriso bom a tua physionomia vincada pelo soffrimento, physionomia que é o espelho da tua alma triste e terás comprehendido o papel ridiculo que representas, isolado, alheio á vida.

Aqui tens um magnifico havana...

Deita-lhe lume e deixa o teu espirito isolar-se com a fumaça azul.

O corpo quebrado pelas vigilias intermináveis, repousa-o no *mapple* confortavel que tens ao lado.

Faze vir, por um mensageiro, uma *girl* authentica, uma boneca estouvada de movimentos.

Uma taça de *champagne* é aconselhavel...

Um *fox trot* — por exemplo o *I love no me but you* (eu não gosto senão de você) — e tudo se transformará deante dos teus olhos enevoados para as alegrias da vida.

Depois disto, si acaso ainda te conservares triste, meu amigo, então só ha uma solução salvadora: uma bala nos miolos...

MARION.

Os academicos Olegario Marianno e Gustavo Barroso, no parque do sr. Alfredo Siqueira, soltando um balão.

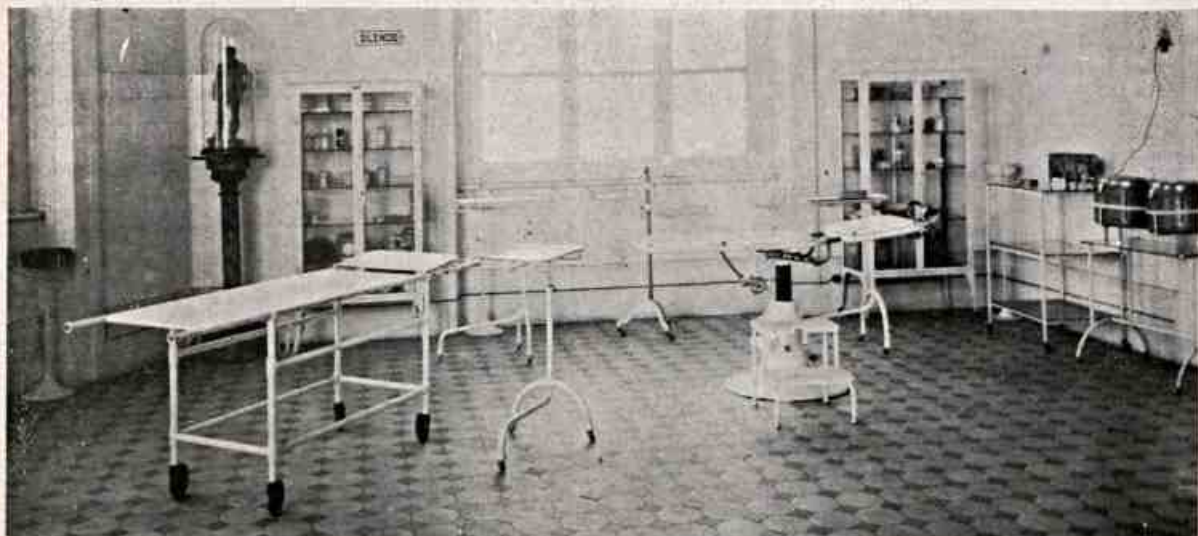
Um aspecto do embarque do major Raul Muller de Campos, que partiu, a bordo do «Commandante Alcidio», para o Rio Grande do Sul, onde vae commandar o 1.º regimento de cavallaria independente, em Santiago do Boqueirão. O seu embarque foi muito concorrido.

MEU ANJO LOURO

Teu riso canta em minhas alvoradas,
num gorgeio feliz, claro e sonoro:
expandes, nas manhãs illuminadas,
a alegria de um passaro canoro...

A' luz aurea do sol fulgura e brilha
o ouro do teu cabello — seára em mésse...
E tens, no azul do olhar, querida filha,
um pedaço do céo que resplandece...

Sorris... E em tudo ha um mágico fulgor!
Ris... E a Felicidade me apparece,
— fruto glorioso do meu grande Amôr!

NOSOR SANCHES.

O dr. Gabriel de Andrade, que é uma figura de relevo na classe medica do paiz, é o chefe da clinica de olhos da Polyclinica Geral do Rio de Janeiro. Esse serviço é um dos mais importantes daquella util instituição, pois tem uma frequencia de cerca de duzentos doentes, sendo enorme o numero de operações. Attendendo a isso, o dr. Gabriel de Andrade acaba de adquirir os mais modernos apparelhos para o perfeito exame de tudo que diz respeito á sua especialidade.

demia de Sciencias de Lisbôa, funda-se em Paris a Academia do Bom Humor, afim de parodiar esse diccionario com um outro picaresco e risonho.

Trata-se nada mais

O ASYLO DE S. LUIS

Dois aspectos das commemorações realizadas no dia 24, no Asylo de São Luis, onde se acolhe a velhice desamparada, vendo-se o arcebispo de Ribeirão Preto, d. Alberto, que celebrou a missa, o deputado Fiel Fontes, o sr. Alberto Gonçalves e outras pessoas gradas.

FILIGRANAS

Theodoro de Banville achava que a mulher devia votar e ser votada. Foi um dos precursores do feminismo no mundo. Na sua opinião, o cargo que a mulher deveria exercer de preferencia era o de chefe de Estado. E escrevia num jornal:

"Assim, a presidenta da Republica seria do mesmo sexo que a propria Republica. Eleger-se-ia uma mulher forte e bella, cujo aspecto fôsse sufficiente para inspirar respeito e admiração como representante da Patria, ou a Patria em pessôa. Emfim, sua cabeça magnifica serviria de modelo aos esculptores e medalhistas para os bustos officiaes da Republica."

As razões de Banville a pról da presidencia feminina não são muito poderosas e traem um pouco a leviandade do poeta e o enthusiasmo do chronista. Estamos, porém, no periodo acceso da successão presidencial e quem sabe se a escolha de uma mulher — de "Miss Brasil", por exemplo, para a suprema magistratura do Brasil, não acalmaria os nervos politicos de Minas, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia?...

FILIGRANAS

Emquanto a Academia Francêsa se esforça para preparar o seu diccionario da lingua, seriamente, e a imitam a Real Academia Espanhola, a Academia Brasileira e a Academia

nada menos do que definir pilhericamente cada vocabulo da lingua e fazer assim um lexico recreativo ao lado do util e verdadeiro.

Todas as modas vêm da França, assegura um velho brocardo italiano. Assim, em breve talvez tenhamos, tambem, que registar no Rio de Janeiro a fundação duma Academia de anecdoteiros, revisteiros, trocadilheiros, engraçadinhos, trocistas e outros que taes, a qual terá por fim a organização de volumosos tomos de pilherias sobre as palavras da lingua.

Será bom, comtudo, que esses humoristas meditem aquella celebre definição de Pascal:

"Diseur de bons mots mauvais caractère."

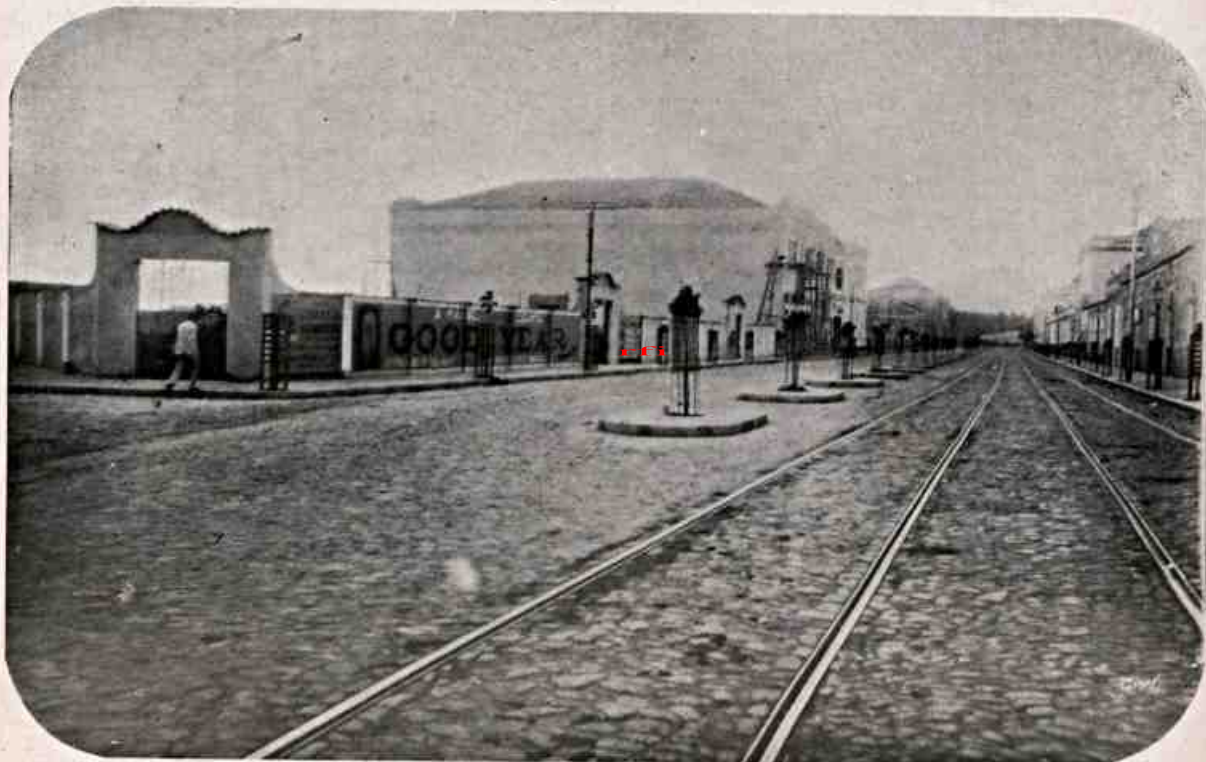
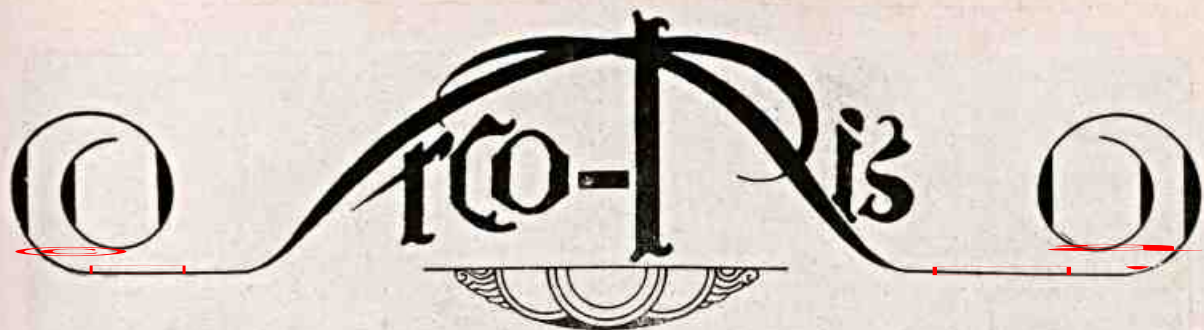
Tres distinctos officiaes do «Bagé», quando da sua recente viagem á Allemanha. São os commissarios A. Neri, C. Castro e J. Mendes.

A entrada da Avenida Alberto Nepomuceno, em Fortaleza, colhida antes dos trabalhos de remodelação mandados executar pela actual administração municipal.

OS MELHORAMENTOS DA CAPITAL CEARENSE

AO actual prefeito de Fortaleza, sr. Alvaro Weyne, deve a linda capital cearense melhoramentos que muito recommendam a actividade e o intelligente esforço do seu executivo municipal. As gravuras que estampamos nesta pagina focalizam dois aspectos do mesmo trecho de uma avenida da capital cearense, antes e depois dos trabalhos emprehendidos pelo sr. Alvaro Weyne.

A linda "Princeza do Norte" aprimora-se e se aformoseia, assim, cada vez mais, remodelando-se a pouco e pouco, afim de entrar nos verdadeiros moldes de uma cidade moderna, trabalho que a sua topographia e a sua planta urbana, com as suas ruas muito amplas e rectas, tanto contribuem para tornar facil e relativamente pouco dispendioso.

E' o que o seu actual prefeito comprehendeu e vae realizando dentro das possibilidades orçamentarias do municipio, com justos applausos da população fortalezense.

O mesmo trecho da Avenida Alberto Nepomuceno, após os trabalhos de remodelação.

ORA, GRACIAS!

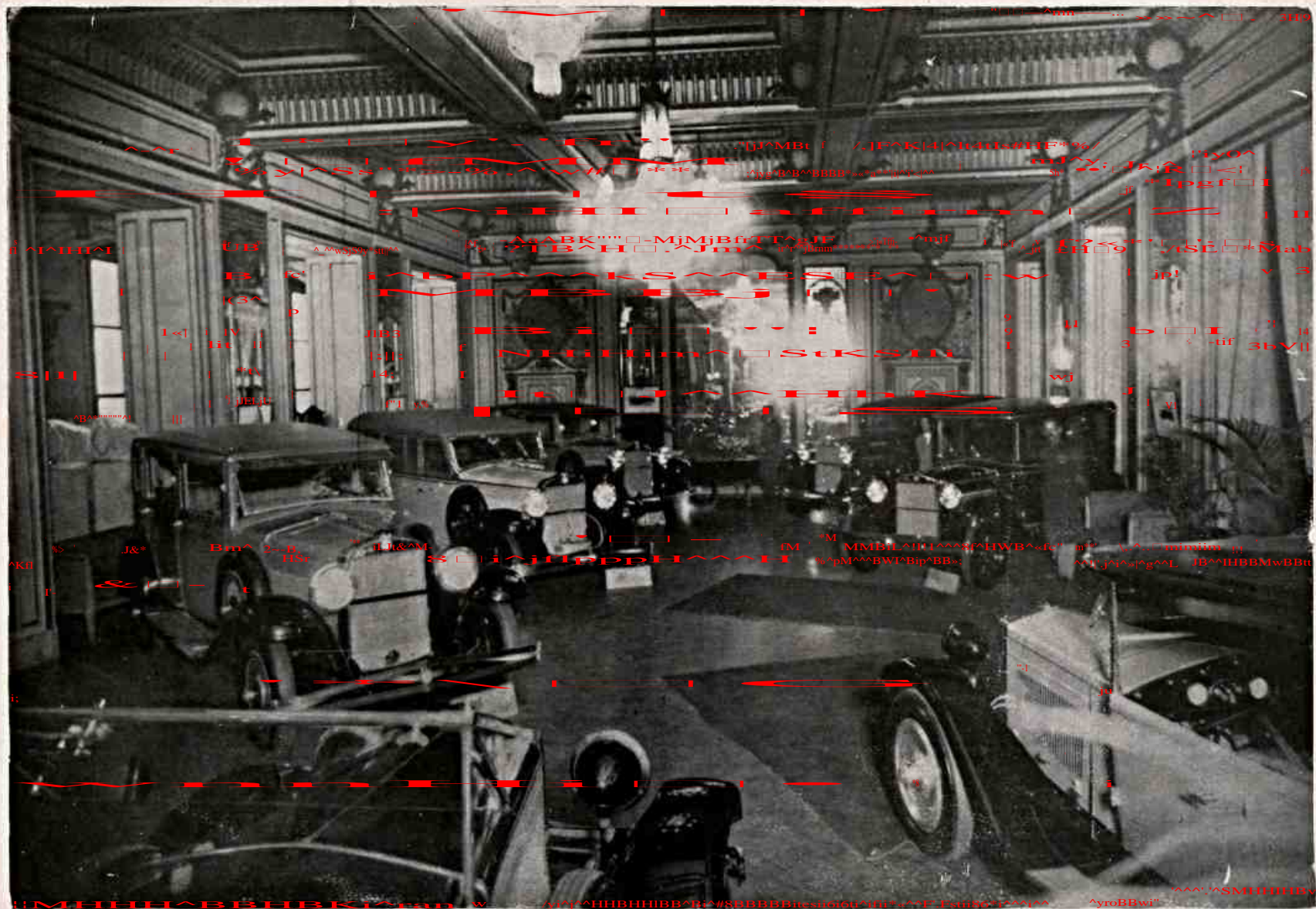
Gracia Morena, "gracia" e morena,
gracia, de facto, da verdadeira.
Gracia Morena,
flôr brasileira
florindo em scena,
papoula aérea (que dormideira!).

Na agua, ou em terra,
quer no canteiro, quer na piscina,
Gracia Morena
descerra as almas, quando descerra
a aurea corolla do seu sorriso.
Ao vêl-a em scena,
a gente incauta logo imagina
que vale a pena
perder o juizo
por sua causa, Gracia Morena.

Como é possivel de barro humano
fazer uns olhos tão bons e bellos?
Não ha escopros nem camartellos,
não ha cinzeis...
A gente fica num doce engano,
fazendo planos de mil castellos
de gloria e pompas, luxo e ouropeis.

Gracia Morena fica mais linda,
mais bella ainda
de amar... na tela...
Não, não é isso. Si ouso exprimir-me
é que me dizem que amor é firme,
e amor é "film". Por causa della,
a gente pensa que amor é um facto,
coisa espontanea, rosa singela,
fruta do matto.

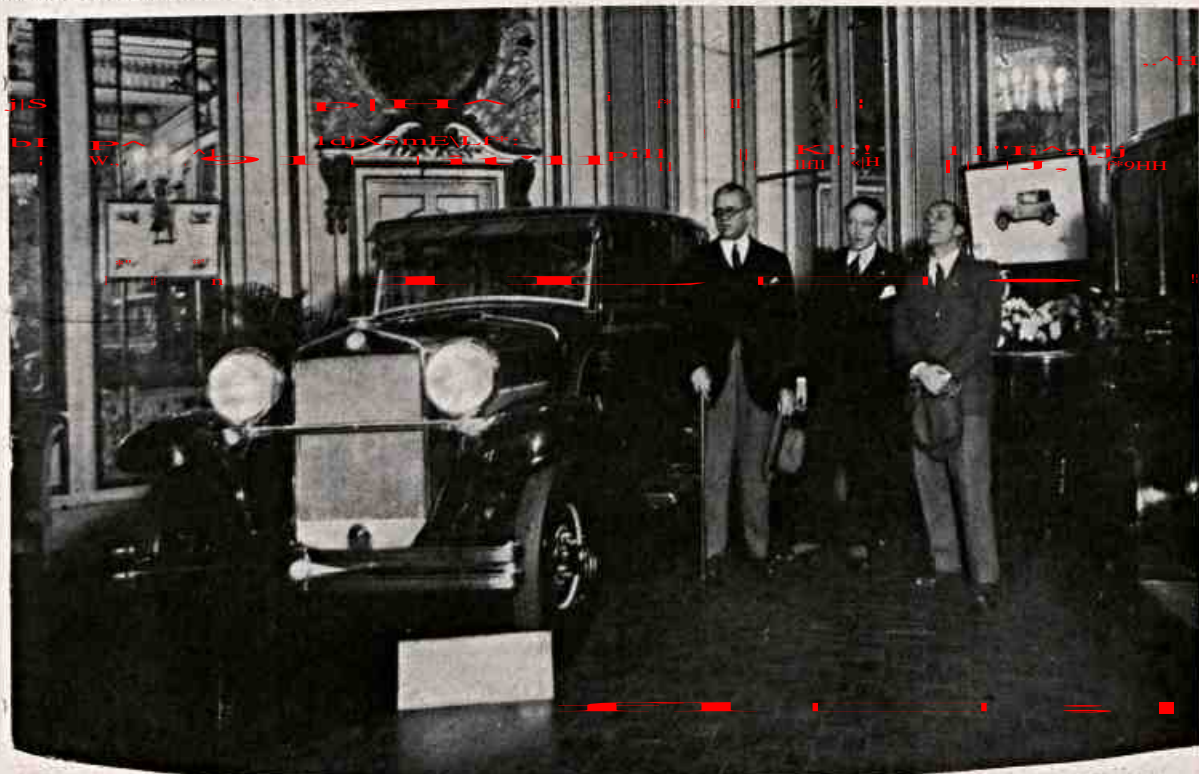
Em terra ou n'agua, flor ou ondina,
Gracia genuina!
rosa fluctuante
boiando á tona da correnteza
do nosso mundo (mundo-elegante!)
velha represa
onde a vaidade crê que é belleza,
mas, noves fóra = frivolidade...

"Usted", no entanto, "usted", Morena,
"gracia, que és bella!"
linda na téla,
linda na scena,
linda, deveras, e ainda ha resto.
Gracia, na fita do barro humano,
eu só quizera ser, por engano,
ser o... "modesto,"
ter uma sobra, ter uma réstea
do seu radioso deslumbramento...
Gracia, desculpe-me o atrevimento.
Gracia, desculpe-me essa... "immodestia".

Aspecto geral da exposição dos novos modelos «Fiat», no Palace Hotel.

Um grupo de convidados presentes ao acto inaugural da exposição dos novos carros «Fiat».

A Exposição da "Fiat"

A inauguração da exposição dos novos typos de carros Fiat, verificada no Palace Hotel, revestiu-se de grande brilhantismo, sendo presentes á mesma, além do Sr. Bernardo Attolico, embaixador da Italia junto ao nosso Governo, varios vultos representativos da colonia italiana domiciliada nesta capital e da nossa sociedade.

Todos os convidados trouxeram da linda exposição organizada pela Fiat a melhor impressão, admirando o perfeito acabamento e conforto dos novos carros da importante companhia industrial italiana.

O embaixador Bernardo Attolico e o secretario da embaixada italiana, em companhia do gerente da «Fiat», examinando um carro do typo do que foi offerecido pela grande empresa a S. S. o Papa.

O PRIMEIRO IMPULSO

De JULIO LEMAITRE

TURIRI era um opulento vizinho de Bagdad, famoso por suas virtudes. Não só soccorria os pobres a ponto de reduzir seu luxo para multiplicar suas esmolas, mas tambem dava provas de extraordinaria paciencia ao escutar as queixas dos necessitados e fortalecel-os com palavras de consolo.

Turiri soffria com resignação todos os contratempos que constituiam a trama completa da vida humana.

Era em extremo tolerante e não se incommodava quando alguem não era de sua mesma opinião, virtude rara e difficil, porque o desejo secreto de todo homem consiste em que todos os demais seres o sejam, a um tempo, inferiores e semelhantes.

Casado com uma mulher de pessimo genio, era-lhe fiel, perdoava-lhe suas intemperanças, e não a menospresava embora ella estivesse muito longe de ser joven e formosa.

Além disso, sendo como era, muito affeiçoado a compôr versos e a escrever fabulas dialogadas para o theatro, gostava dos bons exitos de seus rivaes, a quem felicitava por seus triumphos.

Numa palavra, toda sua vida não era sinão caridade, dulçura, lealdade, desinteresse e emfim, por tantas perfeições, tinha fama de santo.

No emtanto, não possuia a serenidade que geralmente resplandece no rosto dos santos. Parecia, pelo contrario, que era victima de violentas paixões e occultas angustias. E com frequencia era visto baixar um momento a vista, ora para reconcentrar seu pensamento, ora para evitar que alguem pudesse ler em seus olhos.

Mas, ninguem olhava para esses detalhes.

Não longe de Bagdad vivia um asceta chamado Maitreya, que fazia muitos milagres e que era visitado pelos devotos, em peregrinação.

Alheio ás condições communs da vida humana, tinha tal immobilidade, que as andorinhas poisavam sobre seus hombros. A barba chegava-lhe até o ventre e seu corpo se assemelhava ao tronco de uma arvore anosa. E assim vivia havia noventa annos, porque tal era sua vontade.

Um dia, lhe disse um peregrino:

— Turiri parece, por sua bondade, uma encarnação de Ormuz. Indubitavelmente, não haveria soffrimentos na terra, si esse homem pudesse realizar todos os desejos.

A immobilidade de Maitreya se accentuou ainda mais, pois que o asceta se poz em communicação com o Ormuz. Poucos minutos depois, disse Maitreya ao peregrino:

— Não posso obter de Ormuz que Turiri tenha poder para realizar todos os seus desejos, porque então seria o proprio Deus. Mas Ormuz permitte que o *primeiro desejo* concebido por esse homem de varias circumstancias de sua vida seja immediatamente realizado.

— Para o caso é o mesmo — respondeu o peregrino. — O primeiro desejo de Turiri será igual a seus outros desejos e nosso santo será, como sempre, caritativo e generoso. Acabaes, veneravel Maitreya, de annunciar a felicidade de todo um povo, e vos agradeço por isso.

Si a barba de Maitreya não fosse tão impenetravel, o peregrino teria surprehendido um amago de sorriso no asceta.

O peregrino regressou á cidade pensando nas maravilhas que ia realizar Turiri.

Ao amanhecer do dia seguinte, o santo varão olhou sua esposa, que dormia a seu lado, e a mulher, movida por uma força mysteriosa, se levantou bruscamente, atirou-se por uma janella e foi arrebentar o craneo contra as pedras do pateo.

Ao saiur de casa, foi Turiri rodeado por uma infinidade de mendigos. Não lhes disse palavra dura, e, como de costume, abriu a bolsa para soccorrel-os. Mas, de repente, todos os mendigos cahiram morto, em presença de seu bemfeitor.

Poucos minutos depois, foi o santo detido por varias carruagens, e elle já começava a impacientar-se, quando, de repente, todos os cocheiros cujo desfile lhe fechava o passo, cahiram de suas boléas, e as cabeças dos cavallos rodaram como cortadas por uma espada invisivel.

Turiri se dirigiu depois ao theatro e alli teve uma discussão com o escriptor Carvilaka, por motivo de um verso que este attribuia a Nisami e que o santo julgava que era de Saadi, o poeta das rosas. Subito, o escriptor cahiu á terra e teve um vomito de sangue.

A comedia que aquella noite se representava alcançou um grande successo e foi acolhida com freneticos applausos. Mas antes que Turiri se decidisse a applaudir, o autor da obra cahiu morto, repentinamente.

Turiri regressou a sua casa cheio de terror em vista daquella matança, e, desesperado, ao se certificar de que não podia comprehender a causa de tanto desastre, poz termo á vida, com uma punhalada no coração.

O asceta Maitreya morreu tambem aquella noite. Os dois santos compareceram á presença de Ormuz. O asceta pensava:

— Não sentirei que tratem como merece este homem, cuja falsa virtude foi admiravel durante muito tempo, quasi tanto quanto a minha; mas, que, ao se mostrar tal como era, commetteu no mesmo dia innumeros crimes e peccados. Mas Ormuz, sorrindo a Turiri, lhe disse:

— Virtuoso Turiri, homem verdadeiramente bom e humilde servidor meu, entra em meu paraiso.

— A pilheria é um pouco pesada! — exclamou o asceta.

— Em minha vida falei com tanta seriedade — disse Orumz — Desejei, Turiri, a morte de tua mulher, porque ella não era nem bôa nem formosa; a dos mendigos porque te importunavam com seu desagradavel aspecto; a dos cocheiros e seus cavallos, porque te interrompiam a passagem; a de Carvilaka, porque não era de teu parecer, e a do autor da obra porque obtinha um exito mais ruidoso do que os teus.

"Todos esses desejos eram muito naturaes. Os crimes que Maitreya te deita á cara foram máo grado teu, effeito desse primeiro impulso, desse desejo tão difficil de dominar.

"Odeia-se fatalmente o que incommoda e fatalmente se deseja o aniquilamento de tudo quanto desagrada. A natureza é egoista e o egoismo é synonimo de destruição. O homem mais virtuoso começa por ser um malvado no fundo de seu coração, e o poder concedido a um motral de realizar em toda occasião seu primeiro desejo involuntario, em bem pouco tempo despovoaria o mundo. Foi isso, Turiri, o que eu quiz demonstrar por meio de teu exemplo. Julgo os homens satisfazendo a seu segundo desejo, que é o unico que delles depende. Sem o dom mysterioso que te fez commetter tantos crimes continuarias fazendo uma vida exemplar. Não devo, pois, apreciar em ti a natureza, mas tua vontade, que foi bôa, e que se consagrou sempre a corrigir teu natural e a aperfeiçoar minha obra. E por isso, meu querido collaborador, te abro hoje as portas de meu paraiso."

— Pois, nesse caso — disse Maitreya — que recompensa me darás a mim?

— A mesma — respondeu Ormuz, — embora não a mereças por completo. Foste um santo. Mas não foste um homem. Conseguiste suffocar em ti o primeiro impulso; mas si todos os homens vivessem como tu, a humanidade se aniquilaria antes que os homens tivessem o maravilhoso e funesto poder que, um dia, outorguei a meu servidor, Turiri. Para terminar, te direi que acolho Turiri em meu seio, porque sou justo, e que te admito, a ti, Maitreya, porque sou bom.

M. C.

A Maior Fabrica de Bilhares do Mundo

A Companhia Brunswick montou uma grande fabrica de bilhares no Rio de Janeiro, e está produzindo em grande quantidade, com madeiras nacionaes, os mesmos typos de famosos bilhares BRUNSWICK, tão conhecidos em todo o Mundo.

O modelo ao lado é o typo SPORT, o qual custa completo com todos os pertences (bolas de marfim, 12 tacos, taqueira, marcador, etc., etc.) apenas 2:500$, podendo o embarque ser feito para qualquer parte do Brasil. Tamanho interno 95x190 cms.

Podemos tambem vender em modicas mensalidades. Só não possue um destes famosos bilhares BRUNSWICK quem não quer.

Ha mais de trinta annos que todos os Campeonatos de importancia são realizados em bilhares BRUNSWICK. Tudo que leva a marca BRUNSWICK é bom. Remetta os seus pedidos directamente ao escriptorio central no Rio de Janeiro ou ás filiaes de São Paulo e Porto Alegre.

Peçam o Catalogo Illustrado "F"

BILHARES BRUNSWICK

COMPANHIA BRUNSWICK DO BRASIL S/A

ESCRIPTORIO E FABRICA

SOTERO DOS REIS, 13

TELEPHONE VILLA 2239

SALÃO DE EXPOSIÇÃO

PRAÇA TIRADENTES, 46 — CENT. 5419

RIO DE JANEIRO

Filiaes e fabricas em CHICAGO — NEW YORK — PHILADELPHIA — BOSTON — SAN FRANCISCO — PARIS — BRUXELLAS — BUENOS AIRES — MONTEVIDÉO — ROSARIO — HONOLULU — MANILA — LONDRES — HAVANA — MEXICO — MONTREAL.

PARA SER BELLA

E PARA TER UM LINDO BUSTO

não ha nenhuma necessidade de soffrer.

Para que serve submetter-se a fatigantes e longas sessões nos Institutos de BELLEZA, até mesmo dolorosas operações cirurgicas?... Para que serve perder-se um tempo precioso e gastar quantias fabulosas?... Pode-se attingir o mesmo resultado de uma maneira certa e absoluta, rapida e agradavelmente, na nossa propria casa, com pequena despeza intimamente, graças aos celebres

METHODOS PARISIENSES

universalmente conhecidos e de longa data experimentados:

EXUBER BUST DEVELOPER

Para o desenvolvimento dos seios.

EXUBER BUST RAFFERMER

Para o enrijamento dos seios decahidos.

Estes methodos, que contam dezoito annos de incontestaveis exitos, são puramente EXTERNOS e absolutamente inoffensivos. A sua efficacia é seriamente garantida, sendo recommendados por eminentes e numerosos medicos.

Se a Natureza se mostrou avara para com a senhora, se o tempo, as doenças, as fadigas, as maternidades lhe estragaram o corpo, não hesite em pedir hoje mesmo os CONSELHOS GRATUITOS e a interessantissima brochura a respeito da Mulher (que se remette gratuita e discretamente) a:

Madame Hélène DUROY, Div. 777 A. 11, Rue de Miromesnil — PARIS (8e)

Assignar legivelmente, franquear a carta com 500 réis e juntar um sello para a resposta.

A' sua refrescante e deliciosa ensaboadura, augmenta os prazeres do banho.

Ha sabonetes perfumados, sabonetes medicinaes e sabonetes com propriedades de limpeza. O

Sabonete de Reuter

pode dizer se que são tres sabonetes em um, pois encerra em si todas estas qualidades, sendo igualmente muito duradoiro e portanto muito economico.

E o sabonete para o toucador e para o banho mais approximado da perfeição que póde ser feito pela mão do homem e d'isso resulta

a popularidade mundial de que gosa.

Unicos Depositarios:

Sociedade Anonyma Lameiro

Rio de Janeiro

VARINHA DE CONDÃO

CASAMENTOS ELEGANTES — A ultima novidade nos casamentos elegantes ultimamente realizados entre nós, tem sido que os convites, ao invés de reunirem inicialmente os convidados na

Fig. 5

casa onde se festeja o consorcio, solicitam a presença delles directamente na egreja.

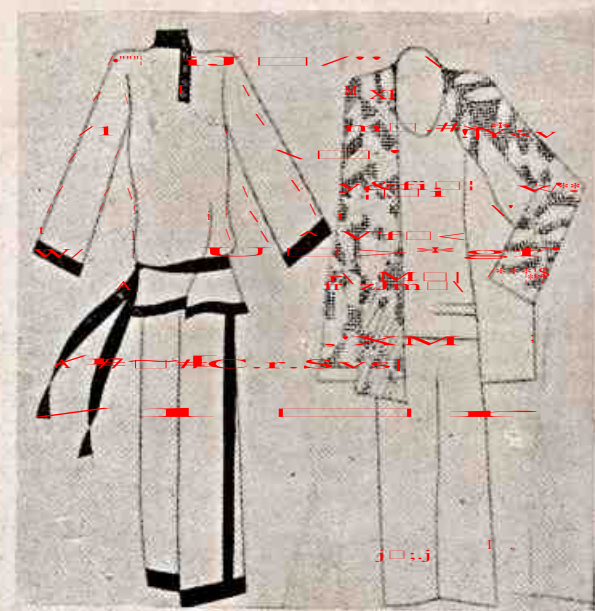
As vantagens de semelhante iniciativa são incontaveis. Para os convidados, forçados muitas vezes pelo grão de amizade que mantêm com as familias dos noivos, a não rejeitar o convite, fica resolvido o problema do dispendioso aluguel de um automovel de luxo, gasto este ás vezes superior ás suas modestas posses. Aos noivos evita-se o prolongamento de uma exhibição desagradavel pelas ruas da cidade, pois onde facilmente passam os dois ou tres automoveis das pessoas da familia, que são as unicas a formar o cortejos nupcial, não passariam os vinte ou mais carros de amigos e conhecidos. A ordem e facilidade do transito urbano tambem nada perdem com a innovação. E até o padre ganha, e o juiz tambem, poupando o seu tempo, pois com o novo systema torna-se menos difficil a pontualidade dos nubentes. Simplicidade, commodidade e rapidez, é o lemma de tudo hoje em dia.

Não falando nos *chauffeurs* e donos de garage que, por força, não ficarão satisfeitos com o moderno decreto do codigo das elegancias, sómente vemos uma categoria de pessoas prejudicada com a moda nova: é a das vizinhas bisbilhoteiras e das moças janelleiras, cujo divertimento passadista consistia em contar os carros do cortejo por entre comparações e commentarios maldizentes.

Figs. 3 e 4

A HORA DA PAPINHA — E' a hora do mingau ou da sopinha.... e bébé chora porque está com fome.... e bébé chora porque não quer comer...

Na verdade, por que são em geral tão enjoadas as crianças para comer?...

Dizem os physiologistas que as cellulas dos organismos infantis têm de se reproduzir com centuplicada actividade, afim de cobrirem as exigencias do crescimento.. Todos os bébés deviam, pois, ser pequenos *pantagrueis insaciaveis*? Entretanto, a maior parte delles, mesmo dentre os mais sadios, desesperam as mammães, desanimam as bábás.

Que tragedia!... E que lambança.... Si até o nariz já comeu mingau, que dizer das mãos e da camisolinha!...

Não ha nada: façam para bébé esse gracioso conjuncto de babador e guardanapinhos que damos nas figuras 1 e 2. Podem ser executados em "crochet" de linha, com entremeio de "filet" grosso, ou, então, em talagarça com ponto de cruz. Os coelhinhos cujo detalhe se vê na fig 2, são tão galantes, que bébé, distrahido com elles, ficará socegadinho no decorrer de toda a refeição.

Fig. 1

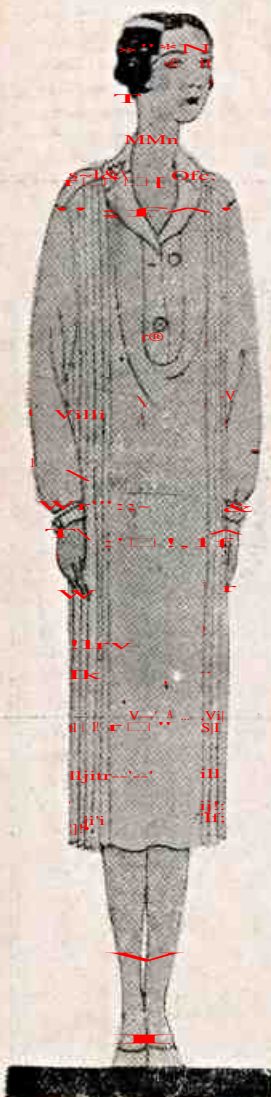



Fig. 2

LUCIVELOS — *Abat-jour*... doce olhar amigo, brandamente velado, que se accende na intimidade do lar, na hora triste do cahir da tarde... luz suave, companheira fiel que descerra a palpebra, timidamente, nas longas noitadas solitarias de inverno...

Por este tempo frio, ao voltar á casa, na dubia melancolia do lusco-fusco, quando o vento refresca e nos arrepia a epiderme sob os agazalhos, como é bom encontrar em casa o doce olhar amigo da lampada á nossa espera... No aposento cerrado, branda tepidez nos envolve e aquece... Chegamos fatigadas e um indizivel bem estar nos dilata o coração e nos penetra os musculos, emquanto nos sentamos sob a suave aureola da companheira fiel...

Ella o foi em todos os tempos... antigo candelabro de oscillante chamma, humilde candeia de azeite, pallido lampeão de kerozene... Luciluzentes chammas acolhedoras na

intimidade serena do lar... Velavam-nas, outr'ora, singelas capas de papel, de pergaminho ou de louça... Depois veiu a electricidade, senhora nobre, scintillante e nervosa, e cheia de modernismos. Rejeitou as vestes de suas predecessoras: o lucivelo se afrancezou e passou a se chamar "abat-jour". Era de "voile" ou de gaze, de sedas caras, com pingentes e bordados, galões e pinturas, recortes e applicações...

Hoje o modernismo requinta o torna á simplicidade: em tudo desenhos cubistas, linhas geometricas. E o "abat-jour" não escapou á nova tendencia; seu nome não deixou de ser francez, embora se tenha acclimatado entre nós a ponto de entrar — e de um modo singular — em nossa gyria, mas seus modelos se simplificaram, se "cubeificaram", segundo os mais recentes apparecidos em Paris e na America do Norte.

Para realizal-os, voltou-se — oh, milagrosa attracção do passado! — ao papel pergaminho, actualmente em grande voga na confecção de "abat-jours"... A's vezes, apenas, uma silhueta em negro, um friso de côr, um padrão ondulado.

Nossa época é pratica...

Quer o cubismo em tudo... até nas almas.

NOITES DE INVERNO — Justamente para as noites frias é o modernismo do pyjama feminino adequado e aconselhavel. Melhor que a camisola, sabe elle agazalhar as que lhe dão a preferencia.

Eis, na fig. 3, um, cujo modelo, calcado sobre as vestes russas, até contra a neve protegeria... De tecido rosa, beirado de preto, ficará lindo; façam-no de flanella de algodão ou de lã, ou, se isso lhes desagradar, de crepon ou zephir. Executado com seda, tambem agazalha, porém é menos pratico; melhor nos parece com tricoline ou

linho e seda.

Na fig. 4 vê-se outro pyjama não menos gracioso. E' completamente liso, de tom claro, com bluzon sem mangas. Acompanha-o um casaco semi-longo de fazenda estampada num padrão ousado e moderno. Como se verifica, a mania dos "ensembles" até o pyjama chegou. Não se lhe póde negar, entretanto, uma vantagem positiva: tanto serve para inverno como para verão.

Entretanto, para aquellas que de todo se não conformarem com a atrevida petulancia do pyjama, não deixam os figurinos francezes mais "chics" de guardar um cantinho de suas paginas ultra parisienses, apresentando nelles modelos interessantes de camisolas.

Seguindo, pois, esse bom exemplo de contentar a todos os gostos, tambem offerecemos ás nossas amiguinhas um (fig. 5), pratico para a estação, porque agazalha e que, pensamos, as não enfeiará muito...

CINDERELLA.

Que differença!

COM O USO DO

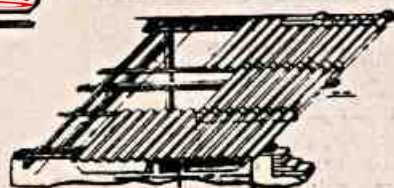
Cilion

MOURA BRASIL

Podeis obter esta transformação

CILION escurece as Pestanas, dá brilho ás palpebras, desenvolve os CILIOS, combate os Terçóes e todas as inflammações

Pedir nas boas Perfumarias, Pharmacias e Drogarias

DEPOSITO — Pharmacia Moura Brasil - Rua Uruguayana, 37

Papelão de todas as qualidades, Caixas de papelão para todas as industrias, Telhas "Centenario", Rendas de papel para os mais finos trabalhos e Pratos de Papelão para todos os misteres.

Industrias Reunidas S. Luiz Limitada

Rua Baroneza de Uruguayana, 32 a 44

TELEP. JARDIM 0312 — RIO DE JANEIRO

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

SANGRENTA NOITE NUPCIAL

DA UFA (?)

Cinema RIALTO — A revolução de 93 é um campo vastissimo para trabalhos artisticos. Tem sido focada no theatro e no "ecran", nem sempre com felicidade. Este film da Ufa(?) é um trabalho emocionante e honesto. Não se lhe pó de pedir rigores historicos, porque a fantasia entra alli em muito. Mas habituados, como estamos, a vêr a historia franceza tratada na Allemanha com pouca *caridade*, devemos ser justos affirmando que d'esta vez não houve abuso. A direcção é boa, sobretudo na movimentação das "massas". A indumentaria e a ensceneção excellentes. A parte photographica... assim, assim. A interpretação, em geral, boa. O film é uma boa obra de arte e uma sugestiva lição historica, sem se attentar nos promenores e na sequencia dos factos.

Cotação — BOM

SANGUE DE BOHEMIO

DA FIRST NATIONAL

Cinema ODEON — A vida de circo é uma vida muito popularizada na America do Norte. O interesse que ella desperta deve ser enorme e sobretudo... bem comprehensivel ao publico americano. Nós não temos precisamente a vida intensa de circo, vida nomade, que existe nos Estados Unidos. Chegámos ao criterio de não considerar artistas os que pintam a cara e se cobrem de lantejoulas, para fazer rir as creanças e os velhos. Entretanto, todos os films — e muitos têm sido — que procuram focar essa vida bohemia da gente do circo, despertam interesse no nosso publico, nomeadamente quando os interpretes são da força de um Milton Sills, Dorothy Mackaill e Betty Compson. Este film da First é uma excellente reconstituição de ambiente e o argumento é logico e verosimil. A ensceneção é acceitavel e a technica, á parte uns pequenos senões sem importancia de maior, é cuidada. Emfim, um film que merece com justiça, uma

Cotação — BOM

OH! LA'LA'!

DA FIRST NATIONAL

Cinema GLORIA — Não sabemos se já repararam que Collen Moore não é uma mulher formosa. Não se andará muito longe da justiça se se disser que o seu rosto é um pouco feio. Entretanto, ella conta com uma grande sympathia por parte do publico norte-americano e brasileiro. E' que a supprira sua falta de belleza, está a graça, a vivacidade, a alegria que a sua arte sabe transmittir ao publico. "Oh! Lálá!" não é um assombro. Tem mesmo umas situações bem fracas e o enredo chega a ser desinteressante á força de ser banal e inverosimil. Mas o que lhe falta e o torna attraente é a alegria. Trata-se, pois, apenas d'uma comedia para rir. E n'esta materia Colleen Moore está como peixe na agua. Collocando de lado o enredo, temos de considerar boa a direcção, boa a interpretação, boa a parte photographica, e logicamente conceder-se-á a

Cotação — BOM

NO DESFILADEIRO DO ACASO

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — Continuamos a considerar o sr. Jack Holt melhor artista de salão que de campina. Julguemos até que elle está fa-

NOS CINEMAS DA AVENIDA — (continuação)

zendo falta aos films elegantes da Paramount, que andam tão falhos de typos varonis. Isto é uma forma de pensar, que não discute o direito que tenham outros de pensar o contrario. Esta pellicula da Paramount, apesar de nos apresentar um argumento de excellentes situações dramaticas, não passa da vulgaridade. Chega a fatigar, tão "velhas" são já essas scenas de ladrões de gado, de incendios, de tiros e correrias. Não estamos em frente de um trabalho inferior. Isso não. Mas por mais vontade que tivessemos em lhe descobrir originalidade e brilho, sômos forçados a accentuar que se trata d'uma pellicula sem relevo, nem expressão propria. E' das que passam e se não lembram mais.

Cotação — SOFFRIVEL

A ULTIMA AMEAÇA

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE'-PALACE — *O Gato e o Canario* parece que deu bom resultados, porque cá temos mais uma, do genero, com Laura La Plante. N'este genero de fantasia, a imaginação é um automovel de corridas. Não ha direito de lhe pedir que páre. Logica? Verosimilhança? Para que? E' indiscutivel que a attenção do publico, sobretudo do publico ingenuo, fica presa ás situações e procura descobrir onde está o X do problema. Digamos, para abreviar, que o film tem, considerando o seu genero, boas qualidades e apresenta um "cast" de muito merito, além da querida estrella da Universal. Boas photographias, bons "trucs", e boa direcção.

Cotação — BOM

ROSES OF PICCARDY

DA ?

Cinema CENTRAL — E' um film da guerra, contendo qualquer cousa de original no enredo. Não é um film banal. Como estudo de costumes francezes, do noroeste francez, nas regiões de Armentières, onde tantos portuguezes morreram, tem muito de curioso, se bem que nem sempre acertado. A interpretação é muito acceitavel, mórmente por parte dos primeiros artistas Lilian Davis e John Stuart. A direcção é egualmente acceitavel. A parte technica é que não está a par das outras qualidades. Finalmente, é uma pellicula de algumas boas qualidades, superiores mesmo ao vulgar das pelliculas que costumam ser exhibidas n'este salão, onde o merito das pelliculas é o que ha de mais... fraco.

Cotação — SOFFRIVEL

MODO DE FAZER DESAPPARECER UMA MÁ EPIDERME

(Do "London Fashions")

Os cosmeticos nunca melhoram uma má epiderme e frequentemente são damninhos. O modo racional de livrar-se do véo escuro, morte do rosto, é deixar que a pelle nova que está em baixo, possa sahir e respirar mostrando sua frescura e juventude. Isso se faz de uma maneira muito simples e suave. Applique-se ao rosto cera pura mercolized em inglez (pure mercolized wax) pela noite como se fôra cold cream, e lava-se pela manhã. A bôa pure mercolized wax se adquire em qualquer pharmacia importante.

Absorve a pelle desfigurada de uma maneira suave e sem dôr, deixando a cutis natural e brilhante. Tira, naturalmente, quasi todas as imperfeições do rosto, como manchas arrocheadas, pallidez, sardas e queimaduras do sol, etc., etc.

Como inimigo das sardas e aformoseador geral da cutis, esse antigo remedio não tem rival.

UM SEGREDO CONTRA OS CRAVOS

Os pontos negros, a gordura da cutis e a dilatação dos póros cutaneos do rosto, são molestias que em geral nos assaltam juntas. Entretanto, temos a vantagem de poder combatel-as, em instantes, por meio de um novo e unico procedimento. Põe-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, que, ao se dissolver, produz uma encrespada espuma. Quando tiver cessado a effervescencia, usa-se a agua assim "stymolisada" para banhar-se o rosto, enxugando-se em seguida com uma toalha. Os intrusos pontos negros saem da cutis para desapparecer na toalha; os grandes póros gordurosos contraem-se como por encanto e borram-se do rosto; e tudo isto sem que a cutis soffra a menor acção de força, violencia ou oppressão. Graças ao stymol, que se encontra em todas as pharmacias, a pelle fica lisa, macia e fresca, sem experimentar damno algum. Repetindo algumas vezes este tratamento, com intervallos de tres ou quatro dias, consegue-se rapidamente a limpeza total do rosto, dando a este embellezamento um caracter permanente e definitivo.

RENUNCIA

EMQUANTO o auto rodava pelo largo caminho bordado de arvores que conduzia a Mena House e ás Pyramides, Martin Chesney dizia com os seus botões, encantado, que se aproximava o momento — o ansiado momento — em que poderia pedir á mulher que amava que fosse sua esposa. Não teria sido correcto fazer-lhe o pedido antes daquella noite. Como auxiliar de seu pae — sir Roger Torraneo era um afamado archeologo — não se encontrava em condições de poder casar-se com ella. Ainda um mez antes desta magica e estrellada noite, ao voltar da Inglaterra por negocios do chefe, não tinha esperanças de que occorresse alguma mudança em sua posição material. Mas, uma semana depois de sua chegada da Inglaterra, um tio, John Chesney, morrera, deixando-lhe toda a fortuna. E, agora elle dizia comsigo mesmo, triumphalmente, que podia aventurar-se a fazer sua declaração. Seu advogado reprovara-lhe a immediata volta ao Egypto, porque sua presença era necessaria na patria. Mas elle estava farto de saber que sir Roger tratara-o sempre bem, e que seria recompensar-lhe todas as bondades, abandonar, assim bruscamente, o posto, sobretudo porque sir Roger esperava ansiosamente saber o resultado de sua viagem á Inglaterra. Afinal, o advogado deixara-o partir e elle sahiu de Londres quasi antes de seccarem as tintas dos documentos que tivera de assignar na bolorenta repartição de Bloomsbury Square. A viagem tinha parecido interminavel, a sua impaciencia e o caminho mais longo e poeirento do que nunca. Quando, afinal, chegou á casa de sir Roger, em frente á ponte de Narsel-Nill, foi recebido com a communicação de que sir Roger e a filha se achavam em Mena House. De maneira que só se deteve para tomar um banho, pondo-se em marcha novamente logo depois. Era por uma maravilhosa noite de dezembro; o céo parecia uma massa solida de brilhantes estrellas e, emquanto corria por sob as arvores, Martin sentia no coração elevar-se um hymno de gratidão ao destino. Realmente, não tinha nenhuma razão para acreditar que Elfrida Torraneo não acceitaria o seu amor. Com todos os seus radiantes dezoito annos, não era affeita a *flirts*; seus grandes olhos pardos, sob as pestanas douradas, eram tão pensativos como candidos; a linda bocca guardava uma certa discreção nas linhas encantadoras. E havia em toda ella uma frescura virginal que a fazia destacar-se de suas companheiras, mais artificiaes. Parecera-lhe, em certos momentos, que a sua companhia não desagradava á joven. Certo é que sorria com a mesma amabilidade para o joven Robin Brandon, empregado no Departamento de Irrigação, de quem se tinham feito amigos, annos atraz, na Inglaterra. E dizia-se em surdina que Brandon estava loucamente enamorado della. Mas, ás vezes, parecia a Martin que ella preferia sua amizade á do joven e risonho Brandon. Esperavam-no em Mena House. Haviam tomado um quarto para elle, e, apenas enviou para cima a valise, dirigiu-se ansiosamente á varanda para ver se encontrava E l f r i d a. Viu-a logo, com a cabeça dourada inclinada sobre algumas cartas que lia. E ainda que o ardente olhar delle lhe tivesse chamado a attenção, affrontou-o francamente:

— Senhor Chesney, já está de volta? — E estendeu-lhe a mãozinha delicada. — Esperavamos que chegasse por este vapor. Viu já o papae?

— Não; acabo de chegar — respondeu, um pouco perturbado, e apertou com mais força os debeis dedos da joven. — O hotel está muito alegre esta noite. Ha alguma festa?

— Sim; um baile.

— Esplendido!... Conceder-me-á muitas contradanças, não é verdade?

— Reservar-lhe-ei algumas, se... se puder.

As ultimas palavras della sobresaltaram-no.

— Prometti muitas.

— Naturalmente; mas póde conceder-me algumas... Tenho tanto que dizer-lhe, que pedir-lhe!...

Olhou rapidamente em torno e, vendo que estavam sós, continuou em voz mais baixa:

— Deram-se coisas favoraveis durante a minha ausencia. Contar-lhas-ei logo. Mas o que é certo é que tenho um assumpto especial a tratar, qualquer coisa a pedir-lhe... Gostaria que nos afastassemos um pouco de toda a gente... Não terá receio de ir mais tarde commigo até a Esphinge, não é verdade?

— Oh! não! Claro que não... — A voz della era um pouco forçada. — Mas, realmente não creio que seja necessario. Não ha nada que não possa... o senhor, dizer-me aqui.

— Ah! Sim, ha. Creio que no fundo do seu coração sabe o que quero dizer...

— Oh! Cale-se!... Não continue, não tem que me dizer nada mais... Sua voz parecia quasi uma supplica desesperadora. — Explical-o-ei mais tarde; mas, por favor, não me diga nada mais agora...

Suas maneiras mudaram ao dizer as ultimas palavras. Martin voltou-se e viu que sir Roger se aproximava com o joven Brandon ao lado. Quando Torraneo viu o auxiliar, apressou-se em ir ao seu encontro com um sorriso.

— Chesney!... Quanto me alegro que haja voltado! Chegou a tempo para o baile!

Trocaram um affectuoso aperto de mão e logo o joven Brandon se approximou tambem.

— Olá, meu velho!... Aposto que estás contente por teres abandonado a velha Inglaterra... Como está o tempo por lá?

— Neva... como de costume — respondeu Martin, promptamente.

Sir Roger riu-se.

— Este clima tem suas vantagens, mas... vamos tomar um *cocktail*, Chesney.

Martin, durante o *cocktail*, perguntava a si mesmo que significaria a attitude de Elfrida. Recusaria ouvil-o? Um homem tem o direito de defender a sua causa e, além disso, a sua não lhe parecia muito desesperada.

Mas, depois, quando se sentaram ao redor da mesa redonda, na sala de jantar, ao desdobrar dos guardanapos, comprehendeu, com terrivel rapidez, a razão de tudo aquillo. No dedo annular de Elfrida brilhava um annelzinho de diamantes. E bastava ver o sorriso orgulhoso de dono com que o joven Brandon se sentara junto de Elfrida, para

(DE CATALINA RHODES)

se comprehender que o annel vinha delle.

Seria verdade, então?... Ainda que Elfrida não quizesse visitar a Esphinge, não poderia negar-se a dar um passeio com elle pelos jardins, depois de uma contradança.

E assim se deu.

— Está compromettida com Robin? — perguntou Chesney, quando se viu a sós com ella. — Deve ter sido coisa muito repentina... pelo menos eu o ignorava quando parti...

— Foi muito repentinamente, — Elfrida não o olhava. — Robin me pediu uma semana depois de sua partida.

— Comprehendo... — Como lamentava agora a viagem á Inglaterra! — Cheguei então demasiado tarde! Mas tenho que dizer-lhe, uma vez ao menos, Elfrida, quanto a amo... Oh! não lhe peço nada. E' a sorte da guerra. Robin ganhou, e eu... eu perdi. Mas nunca amarei a ninguem como a amo, Elfrida. Não creio que prejudique a Robin dizer-se isto... Quero, porém, que você o saiba, ainda que não lhe importe semelhante coisa...

— Não fale assim... — Ergueu para elle os seus grandes e ternos olhos castanhos. — Sempre me senti agradecida e orgulhosa do seu amor... E continuaremos sendo amigos, não é verdade? Já que não podemos ser outra coisa nunca...

— Amigos? — Era triste o sorriso delle. — Tratarei de merecer sua amizade, Elfrida, ainda que agora me sinta como um mendigo que pediu pão e a quem deram pedra...

— Não diga isso...

A voz de Elfrida era dolorida; mas quando elle ia responder, chegou Robin para buscal-a e Chesney teve que cedel-a ao rival triumphante.

* * *

Quanto tempo se passou antes de Elfrida perceber que acceitara o amor de Robin Brandon com precipitação demasiada e que fôra arrastada muito mais pela paixão delle do que por seus proprios sentimentos? Adivinhara o amor de Chesney e, preferindo morrer a deixal-o presentir, esperava que elle se declarasse antes de partir para a Inglaterra. Muito joven para comprehender as razões do apaixonado pretendente, sentira-se ferida pela apparente indifferença com que Chesney lhe dissera: "Até á vista". Encontrou consolo na dedicação de Brandon, tinha-o acceito, só agora o comprehendia, com demasiada rapidez. E, como era muito joven e sincera, não levou muito tempo Brandon a notar que sua noiva tinha passado por uma transformação. Sentiu-se inquieto, o que o obrigou a interrogal-a precipitadamente. Haviam jantado no Palacio Chaireh; mais tarde, no jardim, Robin tocou no assumpto com uma audacia que não occultava um grande nervosismo.

— Elfrida — disse com voz rouca — sabes que mudaste ultimamente? Oh! sim! Mudaste. — Ella havia esboçado um gesto de protesto. — Quero saber por que.

— Tolices, Robin... Idéas tuas... Lutava violentamente para tranquillizal-o. — Não estou, em coisissima alguma, differente do que tenho sido sempre.

— Sim, eras outra. Logo, quando nos promettemos, parecias tão feliz como eu. Mas agora... Pergunto-me, ás vezes, se não deixaste de amar-me.

— Oh, Robin! Não continues. Tudo são fantasias tuas.

— Não, não é... — Um grande ciume começava a dominal-o. — Não me queres como dantes... e eu creio saber a causa... E' Martin Chesney... Todo o mundo sabe que está aqui apaixonado por ti, e, ás vezes, acredito que tu o preferes a mim.

— Não é certo, Robin, e não tens direito a dizer tal coisa.

Por alguns momentos olhou-o corajosamente, com os olhos castanhos em chammas; mas quando elle se aproximou e a segurou por uma das mãos, fixando-a bem no rosto, suas faces e a sua fronte se cobriram de rubor, e baixou o olhar deante do olhar do noivo. Robin não podia equivocar-se ante taes provas de confusão. Soltou-lhe a mão e disse, com um accento de voz que mais parecia um rugido:

— E' verdade, então!... E' a Martin, e não a mim, que amas?...

Repentinamente, toda a sua furia se transformou numa immensa dôr e falou precipitadamente, com voz supplicante:

— Elfrida... Não me digas que me vaes deixar por elle... Deus meu! Se o fizeres, matar-me-ei. Sabes quanto te amo. Não posso viver sem ti. Não me deixes; cumpre tua palavra. Juro-te que te farei feliz... Esquecerás Chesney quando estiveres casada commigo. Não posso... ceder-te a elle.

— Mas, Robin!... — falava ella, em voz baixa e assustada. — Se o prefiro... não podes ser tão generoso a ponto de me devolveres a minha palavra? Naturalmente, se não podes, casar-me-ei comtigo e procurarei ser para ti uma boa esposa... Mas se podes perdoar-me e devolver-me a minha liberdade...

— Não posso, Elfrida... Não posso.

Seu rosto juvenil estava livido; a fronte humida; os olhos cheios de angustia.

Commovida, a joven, deante daquelle soffrimento, prometteu-lhe que tudo proseguiria como dantes. Mas, quando elle quiz demonstrar-lhe sua gratidão e tomal-a nos braços, fugiu, perdendo-se na escuridão do jardim, para evitar mais importunações.

Desde quando Robin a acompanhou ao jardim, o ouvinte involuntario não sahiu de detraz de uma sebe, onde fôra quasi surprehendido, no momento de accender um cigarro, pelos dois actores da scena. Não podendo sahir sem ser visto, resolveu esquecer o que pudesse ouvir, sem imaginar que seu nome seria pronunciado.

Uma certeza gloriosa surgia de repente em seu horizonte mental: Elfrida amava-o; mas no mesmo instante comprehendeu que aquelle amor estava perdido para elle, porque a joven, por um escrupulo de delicadeza, que a fazia mais amada ainda, não faltaria á palavra empenhada a Brandon.

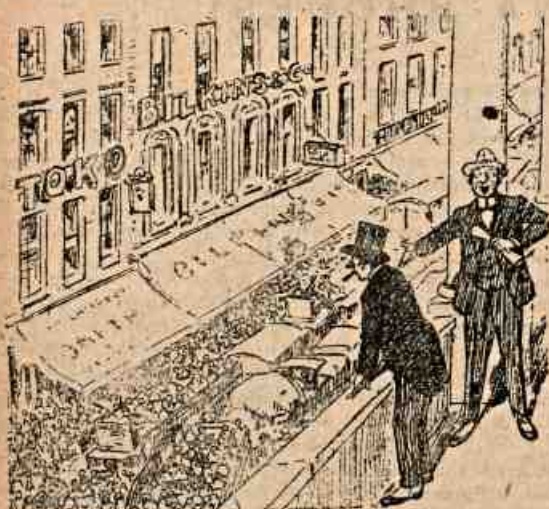
* * *

— Pois bem, Robin!... Parece-me que desta vez estamos fritos!...

Quem falava era Martin Chesney. Seus olhares gyravam em torno da caverna aberta nos rochedos onde tinham encontrado temporariamente refugio contra a tempestade de areia que os surprehendera no regresso de uma exploração ao quartel general da expedição archeologica, em Sidi-Oura.

(Continúa no proximo numero)

ESPIRITO ALHEIO

UMA GRANDE IDE'A...

— Já encontrei a solução para descongestionar o trafego.
— Qual?
— Tirar as casas.

A SOGRA

A esposa. — Não sei por que Jorge ainda não veiu!
A menina. — Papae já veiu, mamãe. Porém, quando soube que vovó estava aqui, foi embora de novo...

ESPIRITO DE ECONOMIA

A mãe. — Hoje, em vez de ficarmos na praia, teremos que ir á cidade.
A filhinha. — Mas, mamãe: toda aquella agua se gastará inutilmente?...

Ella. — Que linda musica! E' uma peça nova, não é verdade?
Elle. — Nova? Mas, si é de Beethoven! E elle ha tanto tempo que morreu...
Ella. — Morreu?! Pois eu nem siquer soube que estivéra enfermo...

INDICIO SEGURO

— E que tal? Tua familia está se divertindo muito na praia?
—Oh, sim! Muito! Não recebo carta ha um mez!

ROBIN

Latação
Gravidez
Crescença
das creanças

Laboratorios M. ROBIN, 13, rue de Poissy, PARIS

Representante exclusivo e responsavel: R. AUBERTEL, Caixa 1344, RIO DE JANEIRO

Appr. D. N. S. P. sob o Nº 52 em 21-2-924.

Mediante sello de 200 réis, enviaremos amostras gratis

PERFUMARIA LOPES

Rio:
Av. Rio Branco, 134.
Rua Uruguayana, 44.
Pr. Tiradentes, 34 a 38.

São Paulo: Rua Santo André, 30.

O ALCOOL EXAGERA, MULTIPLICA E INTENSIFICA OS MALEFICIOS DA SYPHILIS.

São palavras de um dos mais notaveis syphiligraphos que se conhece — o sabio Dr. Fournier. Ninguem ousará pôr em duvida o que diz uma tal summidade medica. Portanto, os syphiliticos não deverão fazer uso do alcool, mesmo em pequena escala. Para combater tão poderoso mal deveis usar o melhor dos depurativos, o

L U E S O L

de Souza Soares

que não contém alcool!

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

AVENIDA RIO BRANCO, 134 1º E R. 7 SETEMBRO 166

COIFFEUR POUR DAMES

ONDULAÇÃO Permanente ou Marcel e Mise-en-plis a (a agua), pintura de cabello desde 25$; côrte de cabello de luxo, 4$; Sobrancelhas ou Manicure, 5$.

Massagens de Belleza a 15$ e 25$. Limpeza de pelle contra espinhas. Mascara de lama para fechar os póros, 12$. Tratamento de Seios, Ventre, varizes, cicatrizes de Espinhas e de bexigas, rugas, menton, manchas, sardas, verrugas, pontos pretos, capillares e póros dilatados, etc. Engordar ou Emmagrecer. Pedicure. Peça catalogo gratis.

O caso da valise marron

RECOSTADO commodamente num dos assentos do expresso Londres-Folkestone, Nelson Cóleman, arrancando densas fumaradas de seu cachimbo, meditava profundamente nas ordens que acabava de receber do chefe da policia secreta londrina.

— Do vapor que chegará esta tarde de Boulogne — disse-lhe sem mais preambulos, — desembarcará um individuo que corresponde aos seguintes caracteristicos: baixo, robusto, aspecto semitico em geral, e muito largo de espaduas. Gestos especiaes; tem as orelhas desmesuradamente grandes e fala com sotaque americano. Este individuo levará comsigo uma *valise* de couro marron com uma lista verde de ambos os lados, partindo da fechadura. E' preciso despojal-o da *valise* de maneira que não dê pelo roubo senão quando já lhe fôr de todo impossivel recuperal-a. Ante a lei, mr. Maurice Green é um respeitavel cidadão norte-americano e o detective Nelson Cóleman será considerado ladrão vulgar no caso de ser surprehendido pela policia. Advirto-o — acrescentou impassivel o chefe — que as companhias de estrada de ferro não são de brincadeiras quando se trata de defender os interesses confiados á sua guarda, e que se o senhor fôr surprehendido em seu trabalho, ninguem lhe tirará de cima um par de annos de trabalhos forçados.

Pareceu alargar-se o rosto de Nelson alguns centimetros ao ouvir as ultimas palavras do chefe; mas como sabia que este não dizia nem mais uma palavra, absteve-se de pedir explicações.

E nisto estava a preoccupação que se lia no semblante do detective, ao meditar na ardua missão que lhe tinha sido confiada, pois não se considerava muito feliz á idéa dos dois annos de prisão caso não desempenhasse com a devida prudencia o papel de ladrão que o chefe da policia secreta lhe recommendára.

Apezar de tudo, Cóleman confiava em sua bôa estrella, e, tranquillamente, poz-se a lêr um dos jornaes da manhã. As noticias eram bem pouco interessantes por certo, e salvo os detalhes do roubo commettido naquella mesma noite num dos mais antigos bancos de Liverpool, nenhuma dellas logrou distrahir a attenção do detective.

Na redezinha do carro, e exactamente collocada sobre a sua cabeça, estava a *valise* marron cujas dimensões correspondiam aproximadamente á descripção feita pelo chefe e na qual, comprada em segunda mão, naquella mesma manhã num belchior de Strand, Nelson Cóleman fizera pintar a mysteriosa lista verde.

O carro que occupava, encontrava-se quasi cheio, e, para distrahir sua imaginação dos pouco agradaveis pensamentos que a annuviavam, começou o detective a passar revista nos seus companheiros de viagem.

Entre elles havia varios officiaes do exercito uniformizados; uma enfermeira, uma senhora idosa acompanhada de uma mocinha, e um homem de roupa azul marinho e chapéo de palha, que tinha á primeira vista o aspecto de um militar á paisana.

O facto deste trazer tambem uma *valise* na redezinha do carro, trouxe de novo a Cóleman a lembrança da aventura em que se encontrava mettido. Isto fez com que seus olhos se fixassem com insistencia na *valise*, cousa que sem duvida chamou a attenção do homem, cujo olhar se cruzou naquelle momento com

De
NELSON CÓLEMAN

o seu. Cóleman teve a impressão naquelle momento de ser-lhe aquelle personagem um typo familiar.

— Um detective — pensou, congratulando-se pela sua perspicacia, e perguntando a si mesmo se não seria algum outro sabujo enviado, como elle, á caça da mysteriosa *valise* do homem das orelhas grandes. Mas suas meditações foram interrompidas pelo agudo silvo da locomotiva, que, diminuindo a marcha, fazia sua entrada na estação de Folkestone.

O navio-correio de Boulogne estava atracado ao caes, e entre as pessôas que delle tinham desembarcado e esperavam o trem para Londres, procurou encontrar o homem descripto por seu chefe.

Encontrou-o afinal; era um typo extraordinariamente feio, de baixa estatura, e pançudo como um sapo. Na mão direita trazia uma *valise* que correspondia á descripção do chefe da policia. Sua excellencia estava bem informado.

Cóleman preparou-se para seguil-o, quando elle se dirigia para o escriptorio da alfandega, onde devia ser revistada a sua bagagem.

All, segundo a inveterada norma, limitaram-se a perguntar-lhe se trazia fumos, bebidas alcoolicas ou perfumes; e como negasse, puzeram sobre a *valise* o signal cabalistico que até agora só os aduaneiros inglezes têm sido capazes de decifrar, e fazendo-lhe um signal de assentimento, os guardas deixaram-lhe a passagem livre.

Green dirigiu-se então ao trem de Londres que esperava os viajantes acabados de desembarcar, e depois de passar revista nos diversos carros que o compunham, decidiu-se pelo mais vazio. Cóleman seguiu-o, penetrando no compartimento no preciso instante em que se punha o trem em movimento. Cinco minutos eram apenas transcorridos desde que o comboio emprehendêra sua desenfreada carreira pelos campos do condado de Kent, quando um homem avançou ao longo do corredor e deteve-se á porta do compartimento.

— Procurava-me, Levy? — perguntou o viajante.

O interpellado, que era um homezinho de barba emaranhada e grande, sobretudo negro, que lhe chegava quasi aos tornozellos, fez um signal de cabeça, e Green levantou-se apressadamente. Cóleman, que apparentava lêr um diario, mas que não o perdia de vista, notou que o mysterioso personagem dirigia um longo olhar para a *valise*. Vacillou um instante, mas por fim foi ao encontro do homem a quem déra o nome de Levy.

Ambos iniciaram uma conversação da qual o detective não logrou comprehender uma unica palavra, porque além de falar em voz summamente baixa, havia-se retirado da porta, caminhando um pouco mais para dentro do corredor. Cóleman pensou que havia chegado a opportunidade. Levantou-se silenciosamente. Com uma rapidez propria de um prestidigitador, tomou a sua *valise*, que por precaução collocára sob o assento, e trocou-a pela de Green. Naquelle mesmo momento a machina lançou um silvo agudo, ouviu-se ranger estrepitosamente os freios do comboio, e o trem, diminuindo bruscamente a marcha, deteve-se em meio do campo.

Green appareceu naquelle momento, presa de grande excitação. A primeira cousa que fez foi lançar um olhar para o logar onde tinha a *valise*, e não deu pela troca, porque pareceu tranquillizar-se.

O CASO DA VALISE MARRON

(Continuação)

— De que se trata? — perguntei com accento pronunciadamente americano. — Descarrilamos?

Os viajantes do trem começaram a mover-se. Ouviu-se o ruido de portinholas que se abriam, e as perguntas das pessôas que inquiriam das causas da parada repentina. Um homem se aproximou do viajante da *valise* e trocou com elle algumas palavras. Era o mesmo typo do sobretudo comprido, que parecia demonstrar grande interesse pelo mysterioso personagem, falando-lhe com a deferencia de um subordinado.

Outro individuo appareceu então pela porta que dava para o corredor, dirigindo tambem um olhar expressivo á *valise*. Cóleman reconheceu nelle o homem de chapéo de palha em quem acreditára reconhecer um detective durante a viagem a Folkestone.

— Parece tratar-se de descarrilamento de um trem de carga — disse obsequiosamente o recemchegado. — Temos que esperar um bom pedaço até que a estrada se encontre desembaraçada.

Como suas palavras não encontrassem resposta em nenhum daquelles que occupavam o compartimento, o supposto detective dirigiu a Cóleman um olhar cujo sentido este não conseguiu comprehender, e retirou-se.

Desde o momento da troca das *valises*, a preoccupação constante de Cóleman era pensar em como poderia arranjar-se para partir com a presa cobiçada. Em sua imaginação já se via descoberto, accusado de roubo e condemnado aos dois annos de trabalhos forçados de que lhe falára o chefe da policia como um dos possiveis resultados da aventura.

O problema se simplificaria se pudesse descer do trem sem ser visto. Uma vez em terra firme, tudo se reduziria a correr através do campo e buscar refugio em algumas das granjas que se viam de ambos os lados da estrada.

Green continuava sua conversação em voz baixa com o personagem do sobretudo. Ambos occupavam a porta do compartimento que dava para o corredor, e a unica sahida disponivel era, por conseguinte, a que dava para a via ferrea. Cóleman fez gyrar suavemente a maçaneta da porta e empurrou. A porta se abriu.

Então, tranquillamente, e emquanto os olhares dos dois interlocutores estavam fixos na *valise* que elle collocára em logar da escamoteada, tirou esta de debaixo do assento onde a puzera, e deixou-se cahir na estrada. Em frente delle e do outro lado do desaguadouro da linha ferrea, levantava-se o muro de pedra de uma granja. Teria o muro a altura de metro e meio, e o detective pensou que, no caso de ser perseguido, não lhe seria difficil saltal-o e procurar daquelle lado evitar uma captura. Não querendo buscar este recurso senão em ultima necessidade, Cóleman começou a caminhar com a *valise* na mão, o longo da estrada; mas apenas dera uma dezena de passos, ouviu atrás de si uma voz:

— Escute um momento; o senhor deixou no carro a sua *valise* e trouxe por equivoco a de meu amigo.

Cóleman olhou para trás e viu o homemzinho do sobretudo comprido que caminhava para elle apressadamente.

O detective dirigiu um olhar ao muro que tinha á direita. Este olhar devia tél-o tranquillizado, porque voltou-se e respondeu com a maior calma:

— Pois diga ao seu amigo que venha elle mesmo buscal-a.

Como se fôssem as suas palavras umas palavras magicas, Cóleman viu que do trem, e a poucos passos do logar onde se encontravam, descia o dono da *vasile* mysteriosa. Não havia, pois, tempo a perder. O detective recuou um passo, sem duvida para tomar impulso, e assentou no typo do sobretudo um terrivel soco em plena mandibula. Levy cahiu pesadamente para trás sem proferir um som, indo bater com a cabeça no poste por onde passavam os arames do apparelho de signaes da estrada de ferro.

Cóleman, dando um salto prodigioso, atravessou o desaguadouro da estrada, e, atirando a *valise* por cima do muro, encarapitou-se nelle com a agilidade de um macaco.

— Ao ladrão! Ao ladrão! Peguem o ladrão!

E gritava tanto a voz nasal do dono da *valise*, que chamou a attenção dos empregados do trem, os quaes foram postos por elle immediatamente na pista do fugitivo.

Este, emquanto isso, corria sem soltar a maleta, por uma das ruas de arvores fructiferas da granja. O edificio desta levantava-se n oextremo da mesma, e a sua porta encontrou o detective uma moça de 18 a 20 annos, que attrahida, sem duvida, pelo ruido, sahin-lhe ao encontro.

— Não vim aqui roubar-lhe as frutas — disse-lhe o detective em tom peremptorio, e antes que a rapariga tivesse sahido do seu assombro. — Encontro-me no desempenho de uma missão ordenada pelos meus superiores, e necessito de seu auxilio para occultar-me. Trata-se de uma missão reservada de Scotland Yard; comprehende-me?

A joven cravou os olhos, de um cinzento forte, quasi negros, no detective, procurando lêr-lhe com aquelle olhar o pensamento. Cóleman sustentou o olhar e comprehendeu que a joven não o descobriria.

— Siga por esta ruazinha, — disse-lhe a rapariga, — e encontrará um pequeno galpão ali.

Cóleman tomou o caminho indicado, emquanto a joven, caminhando pela ala de fructiferas, chegava a uma porta feita no muro e abria-a de par em par.

Ao ouvido do detective chegaram vozes confusas a principio; mas logo depois fizeram-se perfeitamente intelligiveis.

— ... saltou por cima do muro e deitou a correr pela quinta — dizia um.

— Roubou-me a *valise* — gritava uma voz nasal na qual Cóleman immediatamente reconheceu Green — e quasi matou meu amigo que procurava prendel-o.

— A voz da moça se destacou entre as do grupo:

— Passou correndo através da quinta, abriu aquella porta e fugiu pelo campo. Se se apressarem, poderão ainda alcançal-o.

Cóleman ouviu o ruido de passos que se afastavam, e o silencio reinou de novo. Momentos depois, a rapariga estava em presença do detective.

— Que querem elles dizer? Ha mesmo nisso uma *valise* roubada? — perguntou com ar de desconfiança.

— E' certo o que falam — respondeu o detective sem alterar-se.

— De modo que o senhor é um ladrão?

— Sim, senhorita; ao menos por agora.

— Um ladrão cavalheiro... no estylo de Raffles ou de Arsenio Lupin...

— Senhorita, confunde-me... — disse o detective num tom de modestia. — Não valho nem a decima parte desses insignes personagens.

A joven olhou-o de novo demoradamente.

— Não obstante — falou — continúo acreditando que não é realmente um ladrão.

— Pois asseguro-lhe que esta *valise* que vê aqui não é minha e que acabo de roubal-a a um daquelles que me perseguiam.

Os olhos da moça se abriram desmesuradamente. Não sabia se havia de dar credito ao seu proprio instincto ou ás cynicas palavras daquelle homem.

— Que ha dentro da maleta? — perguntou.

— Palavra de honra como não sei.

A joven moveu a cabeça com ar de incredulidade:

— Creio, — disse, — que depois de ter-me posto na necessidade de mentir por culpa sua, deveria ser um pouco mais franco commigo.

(Continúa no proximo numero)

Para attenuar as dôres digestivas

Para que o estomago possa preencher normalmente as suas funcções digestivas, o succo gastrico deve estar ligeiramente acido, porém se ha um excesso de acidez, estas funcções acham-se estorvadas e dá como resultado uma má digestão. A acidez provoca a fermentação dos alimentos não digeridos, que causa por sua vez as azias, as ardencias, os pesadumes, a flatulencia e as digestões dolorosas e difficieis. Assim pois se sente V. S. incommodos depois das suas refeições, tome Magnesia Bisurada. Este anti-acido neutraliza o excesso de acidez, evita a fermentação e os incommodos que ella provoca e facilita as funcções do estomago. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

Carta de Mãe:

"Minha filha:
O maior numero das molestias das Senhoras tem origem no utero. Facil é evital-as tomando o

ELIXIR FERRO ERGOTÉ MANNET

FORTIFICANTE GERAL — REGULADOR UTERINO

"RHONE - POULENC" — PARIS
Licenciado pela Saude Publica em 7-4-893 sob n. 14
NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

Ella...

... Sae regularmente todas as quartas feiras; tem numerosas paginas illustradas, enredos e artigos interessantissimos, lindos retratos de artistas... afinal

Selecta

é a

Rainha das Revistas Cinematograficas

Acha-se á venda em todos os pontos de jornaes.

O ANJO DA GUARDA

De C. NALÉ ROXLO

PORQUE estavamos sentados frente a frente, ás tres da manhã, naquella cervejaria, eu e o homem de aspecto de boi, é muito longo para contar, e, além do mais, pouco interessante. O certo é que, depois de muitas horas de conversação insubstancial, haviamos cahido em um poço de silencio, do qual sahiria a confidencia que elle desejava fazer-me, e em cuja espera eu tinha perdido a noite, sem imaginar de que especie seria. O aspecto de boi, a que alludi, não o produziam tanto seus olhos grandes, ternos e pesados, que sua cara pallida e fofa parecia sustentar com esforço, como um algo estranho de toda sua figura, que era impossivel não relacionar, ao primeiro olhar, com a dôr resignada que deve produzir o jugo.

De repente, elle me perguntou:

— Que acha dos anjos da guarda?

Olhei-o, sorrindo, e respondi-lhe:

— Que estão muito bem nas estampas e nos contos para meninos...

— Não — respondeu-me elle, sem dar importancia ao tom ironico de minha resposta; — não lhe pergunto pelos anjos da guarda em geral, mas pelo seu proprio. Já lhe serviu de alguma cousa?

— Não sei. Creio não ter anjo algum que se occupe de mim. Si alguma vez o tive, deve ter me abandonado á porta de alguma das casas que frequento, e que não são ás mais adequadas para visitas angelicas.

Não acabei de dizer essas palavras quando verifiquei que não devia troçar daquelle homem, pois falava sério e de bôa fé.

E essas são condições que se devem respeitar mesmo em um manicomio. Voltei, então, sobre minhas palavras e disse-lhe, num tom de accordo com a expressão grave de seu semblante:

— Dou-lhe minha palavra de honra como não conheci nenhum anjo, nem da guarda nem dos outros, razão que me impede de dar minha opinião.

— Que sorte a sua!

— Sorte?! Por que?

Tardou um momento em responder-me. Depois:

— Eu devia tel-o comprehendido. O senhor tem casa, familia, anda bem vestido e, si seu rosto não é espelho da felicidade, cousa difficil neste mundo, não revela, comtudo, nenhuma grande dôr... Em compensação, olhe meus sapatos rotos, meu collarinho, meus punhos, rasgados... Durmo em um desse hoteis dantescos, que alugam camas por um mil réis... e ha varias horas que estou fumando de seus cigarros e estou bebendo da cerveja que o senhor paga.

— Não vejo que relação ha entre tudo isso e os anjos da guarda...

— E' muito simples. O ter conhecido meu anjo e ter-me fiado nelle foram as causas de minha ruina.

— Homem!

— Vou contar-lhe minha historia — O senhor acreditará em mim, porque não é um desses tolos que só dão credito ás verdades apparentes... O senhor é capaz de crer no inverosimil.

— Obrigado. "Garçon", dois meio litros!

— Recordo-o — começou o homem de aspecto de boi. — como si o estivesse vendo. Teria eu dois annos quando vi, em má hora, pela primeira vez, meu anjo. Era de noite e despertei junto á minha mãe, que dormia. Não chorei, pois era um menino muito bom, e me entretinha contemplando a luz de uma vela que ardia na mesa de luz. Cousa muito natural em uma pessoa de minha idade, extendi minhas innocentes mãozinhinas para a chamma de ouro, mas meus esforços para alcançal-a eram vãos. Ia já renunciar o meu proposito vencido pelo somno, quando appareceu junto ao leito meu anjo tutelar, e, tomando o castiçal, poz a vela ao alcance de meus dedos: queimei-me. Quando minha mãe despertou, ao ouvir meu pranto, a vela estava em seu logar, e o anjo — invisivel para os outros — me dizia:

— Sou teu anjo da guarda. E como minha missão é proteger-te na vida, quiz ensinar-te que o fogo é um perigo que deves evitar. Já o sabes para o futuro.

— Que anjo mais raro! — exclamei, para não soltar-me a rir.

— E isso não é nada, comparado com o que me fez quando eu ia casar-me. Escute. Tinha eu, então, vinte annos, um coração apaixonado e uma noiva. Já lhe havia dado o annel e tudo. Minha noiva era filha de um fabricante de calçados, em cuja fabrica eu trabalhava. Meu futuro sogro, vendo minha operosidade, e o interesse que eu tomava pelo negocio, havia promettido fazer-me seu socio quando me casasse. Um futuro, não é verdade?

— Exactamente.

— Bem. Imagine que o anjo, valido de seus poderes sobrenaturaes, abre o cofrezinho em que a menina guardava seus papeis, e delle tira meia duzia de cartas amorosas escriptas por ella durante nosso noivado, mas não dirigidas a mim, precisamente, e m'as traz. Li-as e disse-lhe:

"— Querido anjo — eu o tratava com todo respeito, apesar de tudo: — faça-me o favor de pôr esses papeis onde os encontrou. Não gosto de brincadeiras.

"— Mas — respondeu-me, indignado — não vês que tua noiva te engana?

" — Ha de mudar, quando nos casarmos.

" — Mas não te casarás.

"— E por que?

"— Porque não posso permittil-o. Minha missão é cuidar de ti.

"— Mas, que fará para evitar que eu me case com ella? Sou dono de meus actos!

" — De um modo muito simples — respondeu-me, sorrindo. — Tu sabes que posso imitar tua letra como um falsificador consummado...

"— E então?...

"— Que neste momento ella recebeu uma carta tua em que rompes o compromisso, dizendo que sabes de tudo.

"— Irei vêr meu futuro sogro, e arranjaremos o assumpto.

"— Teu sogro? Não me faças rir. Elle tambem recebeu, juntamente com tua renuncia, uma carta em que o censuras acremente por não ter sabido educar sua filha como Deus manda. Si queres conhecer o conteúdo dessa carta... aqui tens os borradores. E' bom que saibas o que escreves.

"— Juro-lhe, senhor — acrescentou o homem de aspecto de boi — que si depois de lêr aquelles infames borradores não o matei, é porque os anjos são immortaes.

— E... não posso eu dar um geito? — perguntei-lhe.

— Impossivel! Com aquellas cartinhas me arruinou o futuro.

— Que maldade! — murmurei, para dizer alguma cousa.

— Ahi está o grave do assumpto. Meu anjo não era máo. Era algo peor: era tolo e tinha idéas antiquadas. E dahi nasceram todos os meus males. Mas vámonos, porque já clareia o dia, e vejo que o guarda adormeceu junto ao poste da esquina, e quero ir sem que me veja. Vou vêr si desta vez escapo.

Olhei para o poste da esquina, e não vi sinão um guarda da ordem publica, que dormia, como costumam sempre que podem...

Soror Benigna

De Affonso P. Nieva

— Honre o seu nome, Benigna! Seja-o para commigo.

— Mas você acredita firmemente que interwindo eu...?

— Creio firmemente que, si você me ajudar com sua persuasiva palavra, o triumpho será meu. Mercêdes respeita-a, considera-a como a uma irmã mais velha. Você é sua amiga predilecta, a companheira favorita do collegio. Sua opinião sempre pesou muito na balança de sua vida.

— Mas ella sabe que você a ama?

— Então não ha de sabêl-o. Sabe-o, sabe que eu a adoro, que a idolatro, que ella é a illusão suprema de minha existencia; e, no emtanto...

— No emtanto, que?

— Ouve-me e ri. Não tem coração.

— Ella é muito criança ainda.

— Não lhe dê razão. O amor é sempre precoce. Si a quizesse menos já a teria esquecido. Mas não posso viver sem ella, e venho appellar para você, venho supplicar-lhe de joelhos sua intervenção efficaz.

— Mas...

— Você é um anjo, você é bôa. Não me negue a primeira coisa que lhe peço!

— De modo algum. Não lhe garanto o exito, mas... interporei minha influencia para que não o repilla.

— Obrigado! Obrigado!

— Mas não esta noite. Mercêdes está em seu camarote, agora está precisamente nos olhando, e minha intervenção em taes circumstancias seria humilhante para você. Não é verdade?

— Faça o que achar mais conveniente. Confio a você minha causa, meu carinho, que vae procurando calor como os passaros sem ninho. E retiro-me, que o acto começa. A seus pés e não me esqueça.

— Promessa é promessa. (Meu Deus, julguei que não podia concluir a conversação!)

II

— Olha, Mercêdes, deixa de pilherias, que te falo muito seriamente!

— Não te incommodes, mamãe pequena!

— Não me incommodo, mas me causa verdadeira pena que tu, que tens um bello coração de ouro, vivas a fingir de leviana para não dar attenção ás coisas sérias. Henrique te adora com loucura, eu o vi, e elle é um rapaz de grande talento, com um brilhante futuro, e tu, atirando o que é teu pela janella, insistes em não levar a serio o seu amor.

— Mas, si não ha nada disso, mas simplesmente que elle se enthusiasma pelo amor gemebundo e romantico, e a mim só me seduz o expansivo, alegre.

— Nada, nada. Jogos de palavras. O facto é que, sem repellil-o, não lhe prestas attenção, e eu, que desejo, antes de tudo, tua felicidade, vou me utilizar de minha amizade para que o queiras.

— Ora! Mas, tens tanto interesse no assumpto?

— Absoluto! Capital!

— Pois, em attenção a ti, prometto mudar de conducta e ouvil-o.

— Tomo-te a palavra. Eia! Vou ver tua mamãe, que faz já uma hora que estou em teu quarto.

— Vamos lá! E's uma advogada tremenda!

— (Henrique deve ficar contente com minha intervenção. Fiz o que pude.)

III

— Que tal?

— Sou feliz! Completamente feliz. Henrique adora-me, é bonissimo, não vê sinão por meus olhos. Digo-te que ás vezes me julgo presa de um sonho e me pergunto si é verdade que estamos noivos e que dentro de um mez vou ser sua esposa. Agora me arrependo de meus devaneios e sinto remorsos na consciencia de tel-o tratado antes com tanto desdem. E tudo devo-te a ti.

— Eu não fiz mais do que abrir-te os olhos, que tinhas fechados. Qualquer pessôa teria feito o mesmo.

— Qualquer pessôa, não, mas só uma criatura tão generosa e bôa como tu. E, falando de ti, E' verdade o que me asseguraram?

— Não sei a que podem se referir tuas palavras.

— Não te faças de desentendida. Uma pessoa, que tem motivos para estar bem inteirada, me disse que vaes entrar para um convento. Dir-me-ás si é verdade.

— E' verdade.

— Mas, tu deves ter perdido o juizo, querida! Tão joven, tão linda! Que motivos tens para renunciar assim ao brilhante futuro que te offerece a vida?

— O mundo carece, para mim, de todo genero de attractivos. De sobra sabes que sempre fui dada ao recolhimento, á tristeza. Orphã, morta minha tia, que faço eu sozinha no mundo? Nada. Retiro-me, pois, para um convento, afim de viver na soledade do claustro, pedindo a Deus pela felicidade dos outros.

— Benigna, permittes-me uma confiança de irmã, como naquelles felizes tempos em que fomos collegas de collegio?

— Fala.

— A causa de tua resolução é mais profunda, muito mais concreta — é um grande segredo que te mata pouco a pouco. Sei-o, minha amiga, porque leio em tua alma como num livro aberto. Não foi em vão que passei tantos annos a teu lado, acostumando-me a adivinhar teus mais intimos pensamentos. Julgas que eu não observo, que não vejo como te transformas? Pensas que não leio em teus olhos uma profunda tristeza, um supremo desalento? Tu alimentas, occulta, uma grande dôr e queres sepultar-te com ella... Engano-me? Fala-te tua inseparavel amiga!

— Pois bem, não te enganas. Ser-te-ei sincera, como sempre o fui. Bem sabes que não sei mentir. Uma angustia esmagadora, uma dôr muito grande e muito profunda me vae tirando a vida, lentamente.

— E não posso saber qual é? Não confiarás esse segredo á tua amiga de alma?

— Hoje não, querida. Perdôa-me e não o attribuas á falta de confiança. Eu teria muito pezar nisso. Talvez algum dia te possa confiar meu segredo.

IV

— Mas, quando professaste?

— Hontem.

— Sem dizer-me nada, sem me deixar siquer adivinhar! Não sabias que eu me casava hoje? Ahi está meu marido falando com a abbadessa. E' uma crueldade e uma má acção a tua. Henrique quer ver-te. Não se cansa de dizer que deve a felicidade a ti.

— Ver-me, a mim?! Para que? Não, não posso! Falta-me a coragem. Por Deus, minha amiga, não procures obrigar-me a uma entrevista, que renovaria as feridas que ha em minha alma e que procuro cicatrizar a todo custo. O sacrificio é immenso, e já não tenho forças para mais. Minhas energias estão esgottadas. Elle já é teu, inteiramente teu... Vocês já se casaram.

— E o devemos a ti!

— Pois bem. Sabes o que me arrastou ao claustro? Um amor desesperado.

— Santo Deus, que idéa!

— Adivinhaste-o!... Um desesperado amor por teu marido!

Um homem bom

QUANDO o homem sahia á rua, as mulheres batiam-lhe a porta ou a janella na cara. Os outros homens, mais complacentes, sorriam. E havia cochichos:

— Esse é o tal...

— Que tal?

— Ora, que pergunta! O marido da Ignez, a desbriada. Aquella morena que anda... Você não sabia disso? Pois pregou-lh'os na testa! E elle, o covarde, nem para enfiar-lhe um par de ameixas no craneo...

Riam a bom rir.

— Vá vêr — ajuntava o outro — que até consente... que até leva algum lucro no negocio...

— Psiu! Roupa na corda...

E o pobre homem lá ia, cabisbaixo, sempre tristonho, rumo á Repartição.

A Ignez era linda. Bem lhe avisára o pae que mulher bonita era para os outros. Mas o funccionario publico tinha paixão pela Ignez. E' certo que nada lhe faltava. E os vizinhos sabiam disso, mas commentavam:

— Mulher bonita gosta de variar... E aquella... Si calhasse... Enrabichou-se pelo Toneca...

— Dizem que o cabra tem vicios... Assim o affirma o Taveira, que foi companheiro de escola do Toneca...

— Que vicios?

O resto ia ao ouvido. O outro franzia a testa e assobiava fino, erguendo-se nas pontas dos pés.

Assim, todas as manhãs, por volta de nove horas, repetia-se a mesma scena. Ninguem admittia que um homem "de sangue e vergonha" aturasse as traições da mulher sem pregar-lhe uma bala no peito.

Quando Toneca chegava á casa de Ignez, as janellas da vizinhança conservavam-se pudicamente fechadas. Mas por trás das venezianas olhos curiosos de mulheres devassavam tudo, na ansia de novas para os commentarios nos serões.

Venancio, o marido da peccadora, sabia de tudo. Não ignorava tambem que os vizinhos chasqueavam delle. Soffria calado. Amava em demasia a mulher. Não a censurava nem por "indirectas".

Uma noite, porém, a vizinhança despertou sobresaltada. Dois estampidos haviam ecoado, parecendo que partiam da casa de Venancio. Os homens sahiram, mal ataviados, a saber do occorrido. Formou-se um grupo em frente á porta da casa do funccionario.

— Sempre chegou o dia...

— O homenzinho tomou rapé...

— Não dou nada por ella...

Chegou o rondante nocturno. Arrombaram a porta. Todos entraram em massa.

Nma poça de sangue jazia Venancio, já sem vida.

A poucos passos delle, Ignez empunhava um revólver de cabo de madreperola.

O rondante tomou-lhe a arma, com a sua proverbial cautela. Ignez estava alheia a tudo. Todos pasmavam.

Então, fôra ella?!...

Na falta de outra pergunta, o rondante inquiriu á assassina:

— Por que matou elle?

A mulher não respondeu.

Mas tarde o commissario constatou que ella estava embriagada de cocaina.

Os vizinhos foram todos visitar o corpo do infeliz Venancio.

— Era um homem bom...

— Um tão bom marido...

MATTOS-ALÉM.

SANTA MARIA

DE VILLAESPESA

(TRADUCÇÃO DE M. M.)

Pelos moinhos e pelas granjas,
dando ás crianças pão e laranjas,
dizem os velhos de uma alqueria
que anda de noite Santa Maria.
Deixa perfumes por todo o lado;
um manto leva todo estrellado;
sopra nos ramos — e brotam rosas,
suspira — e cantam aves maviosas.
Os seus cabellos manam rocio;
e abre-se em rendas de prata o rio
para que passe da agua através
sem que se molhem seus niveos pés.
Ronda de noite pelos casaes;
de espigas louras enche os trigaes,
e co'as mãos brancas como o luar
as azeitonas faz madurar.
E quando passa pelos outeiros,
os cães-de-guarda dos pegureiros
logo se calam e vão, num bando,
as suas largas caudas meneando,
lamber-lhe, alegres, os pés desnudos
com seus focinhos negros e rudos.
Ao orphãozinho vae ver no leito
limpa-lhe os olhos e o achega ao peito,
e o infante dorme feliz — sonhando
que com anjinhos está brincando.
Chega-se ao leito do moribundo
e, na hora extrema do adeus ao mundo,
recolhe a alma — levando-a, pura,
até seu filho que está na Altura.
.... Pelos moinhos e pelas granjas,
dando ás crianças pão e laranjas,
dizem os velhos de uma alqueria
que anda de noite Santa Maria.

Veramon
(Marca registada)
Veramon
Schering
Veramon-
SCHERING